



PROJETO DE

EX
Ten
São
COMUNITÁRIA

Construção das bases
de uma extensão dialógica,
participativa e emancipadora

INSTITUTO MAUÁ DE TECNOLOGIA



MAUÁ

EXTENSÃO
M MAUÁ

Projeto de Extensão Comunitária

**Construção das bases de uma extensão
dialógica, participativa e emancipadora**

São Caetano do Sul
2026



Reitor

Prof. Dr. Marcello Nitz da Costa

Pró-Reitora de Graduação

Profa. Dra. Ana Paula Gonçalves Serra

Pró-Reitor Acadêmico

Prof. Dr. Hector Alexandre Chaves Gil

Equipe editorial

Prof. Dr. Everaldo Pereira

Prof. Dr. João de Sá Brasil Lima

Prof. Dr. Octavio Mattasoglio Neto

Prof. Dr. Rodrigo Fernando Gallo

Profa. Dra. Vanessa Seriacopi

Bibl. Bianca Miranda de Almeida

Capa

Design Mauá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia
Biblioteca Engenheiro Álvaro de Souza Lima

C957p Projeto de Extensão Universitária: construção das bases de uma extensão dialógica, participativa e emancipadora [recurso eletrônico] / organização Cristiano Cordeiro Cruz. -- São Caetano do Sul : Instituto Mauá de Tecnologia, 2026.
1 recurso online : il. color.

ISBN: 978-65-83488-06-0

1. Curricularização - Extensão. 2. Projeto de Extensão Comunitária - São Caetano (SP). 3. Reforma curricular. 4. Ensino e sociedade. 5. Comunidades vulneráveis. 6. Relato de experiência. I. Cruz, Cristiano Cordeiro. II. Projeto Extensão Universitária (PEC). III. Instituto Mauá de Tecnologia. IV. Título.

CDU 37:316

Elaborada por Bianca Miranda de Almeida – CRB8/4648

Publicação digital - 1. edição - agosto - 2026



PLAM PORTAL DE LIVROS
ABERTOS DA MAUÁ

Praça Mauá, 1 – CEP 09580-900 - São Caetano do Sul – SP
plam.maua.br

Sumário

Apresentação	5
Introdução geral	7
CCA Arca do Saber	22
CCA Izaura (UNAS Heliópolis).....	34
CCA São Pedro (Centro Social Bompar)	37
Chá do Padre (Sefras)	45
Escola O Semeador	61
ETEC Heliópolis	80
ETEC Lauro Gomes (São Bernardo do Campo).....	84
Instituto Jô Clemente	93
ONG Adus	109
ONG Prato Verde Sustentável.....	114
ONG Teto (Engenharia).....	136
Recifavela (Design)	138
Recifavela (Engenharia).....	154
Recifran (Sefras)	166
Reviravolta (Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos)	177
Conclusão geral	190
Referências Bibliográficas	214
ANEXO 1	216
ANEXO 2	223

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Apresentação

A curricularização da extensão foi regulamentada em 2018, tornando-se obrigatória para os currículos de todas as pessoas ingressantes em cursos superiores a partir de 2023. Para muitas instituições e cursos, ela parece se apresentar mais como um problema a ser resolvido com o menor dispêndio de energia e a menor alteração curricular possíveis. Mas a curricularização também pode ser assumida e experimentada como uma oportunidade. Oportunidade para aproximar a universidade da sociedade, em especial de suas comunidades, grupos e realidades mais vulnerabilizadas. Oportunidade para a formação pessoal, acadêmica e profissional das/os estudantes. Oportunidade para se criarem currículos, estreitarem-se parcerias e formarem-se profissionais capazes de enfrentar os grandes problemas do mundo e das diferentes sociedades de forma efetivamente disruptiva, conduzindo-nos na direção da sustentabilidade ambiental de que precisamos e da superação das diferentes formas de opressão e violência que acometem multidões mundo afora.

Este livro apresenta e analisa uma das formas desenvolvidas pelo Instituto Mauá de Tecnologia (IMT) de tomar a curricularização da extensão como uma oportunidade. Nele, apresenta-se e se discute o Projeto de Extensão Comunitária (PEC), componente extensionista oferecido às turmas do segundo semestre de todos os cursos da instituição.

Na introdução geral, a pessoa leitora encontrará o histórico desse trabalho, a base teórica que o fundamenta, a metodologia adotada nele, o cronograma e as atividades propostas para ele e uma breve apresentação dos 14 parceiros com os quais as 19 turmas da edição de 2025 trabalharam. Nos capítulos seguintes, são apresentados os caminhos efetivamente seguidos no semestre por essas turmas, com os projetos que cada uma desenvolveu e uma avaliação desse percurso feita pelas/os estudantes e pelos respectivos parceiros. Na conclusão geral, são compiladas as principais trajetórias seguidas pelas turmas, juntamente com as avaliações que discentes,

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

parceiros e docentes fizeram sobre o Projeto de Extensão Comunitária (PEC). O capítulo – e o livro – se encerram com os aprendizados dessa primeira edição de PEC e com os aprimoramentos que serão buscados para a edição de 2026 dele.

Introdução geral

Este e-book apresenta e discute a experiência do Instituto Mauá de Tecnologia (IMT) com a curricularização da extensão junto às turmas do primeiro ano de seus cursos. Em particular, focaremos no componente Projeto de Extensão Comunitária (PEC), na forma como ele foi desenvolvido com 19 turmas dos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Design, Engenharias e Relações Internacionais no segundo semestre de 2025.

Nos dois primeiros anos da curricularização obrigatória da extensão (2023 e 2024), o IMT oferecia a Mentoria de Extensão e Inovação (MEI) no segundo semestre de todos os seus cursos. A MEI foi concebida para ser desenvolvida em parceria com uma disciplina técnica (de fundamentos de engenharia ou projeto integrador), no apoio a um projeto de extensão. Para os parceiros com os quais essa atividade extensionista era desenvolvida, buscava-se priorizar ONGs, escolas públicas, trabalhos com pessoas com deficiência e outras organizações que atuassem com grupos vulnerabilizados. Havia um esforço para aproximar as turmas desses parceiros e conhecê-los, ainda que minimamente, de modo a estabelecerem uma parceria efetivamente dialógica.

Em 2025, nos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Design, Engenharias e Relações Internacionais, houve um desacoplamento em relação à disciplina técnica (devido a questões não solucionáveis de horário). Com isso, o componente, agora rebatizado de Projeto de Extensão Comunitária (PEC), passou a se focar no desenvolvimento das competências e na apropriação, pelas/os estudantes, de metodologias para o desenvolvimento de trabalho empoderador/emancipador de extensão junto a grupos ou comunidades vulnerabilizados ou a organizações que atuam com tais grupos. O trabalho com tais grupos ou organizações, na perspectiva de contribuir para o empoderamento ou a emancipação delas (ou para a transformação de suas realidades), é o que tem sido chamado de extensão comunitária no IMT.

Em lugar de um projeto técnico mais elaborado, a contrapartida para a comunidade ou organização parceira em PEC passou a ser o desenvolvimento de projetos tecnicamente mais simples demandados por ela, como letramento digital, apoio em campanhas de divulgação

ou de arrecadação variadas, atividades educativas etc. Ainda que tecnicamente mais simples, esses projetos não enfraquecem, como se verá, os impactos esperados de PEC na formação das/os estudantes, visto que eles estão relacionados ao aprendizado de como trabalhar de forma horizontal, dialógica e participativa com grupos vulnerabilizados, o que não requer projetos tecnicamente elaborados para ser posto em prática.

Em relação às edições de 2023 e 2024 de MEI, além de não se ter a parceria com disciplinas técnicas, PEC buscou reforçar tanto o compromisso com a extensão comunitária (na escolha das organizações ou comunidades com as quais se atuam e na definição do tipo de atuação buscada) quanto, em decorrência disso, o cuidado com a apresentação e o desenvolvimento de uma metodologia específica, com passos bem delineados e que, dentre outras coisas, implica, idealmente, três ou quatro imersões de cada turma junto à organização ou comunidade com a qual trabalha ao longo do semestre (voltaremos a isso mais à frente).

Ao lado disso, PEC buscou incorporar instrumentos de avaliação pouco utilizados em cursos como os de engenharia, como a produção de um capítulo de e-book (para esta publicação) e um vídeo por cada turma inteira, a adoção de um diário de bordo para as/os estudantes sintetizarem suas vivências e aprendizados, autoavaliações etc.

Além de ser um aprimoramento de uma iniciativa que já levava dois anos no IMT (a MEI) e de, com isso, partir do acúmulo de aprendizados conseguidos nesse período, PEC foi concebido e tocado coletivamente. Para a sua concepção, foi fundamental a gestão colegiada da Extensão do IMT no primeiro semestre de 2025, que contava com as/os docentes Hector Gil, Cristiano Cruz, Cristiane Barra e Angelo Marques. Para a sua implementação e os aprimoramentos incorporados ao longo desta sua primeira edição (o segundo semestre de 2025), contou-se com uma equipe de sete docentes que o tocaram com as 19 turmas com que PEC foi desenvolvido. Essa equipe teve reuniões praticamente semanais para discutir o desenvolvimento de PEC e era formada por: Angelo Marques, Cristiane Barra, Cristiano Cruz, Daniel Scheffer, Flavia Araujo, Gabriela Mello e José Carlos Carreira. O professor Afonso Braga, mesmo não estando responsável por turma alguma de PEC, participou de todas essas reuniões e trouxe contribuições muito importantes.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Deve-se salientar também que PEC não é resultado apenas da busca e do esforço de docentes comprometidas/os com a extensão comunitária. Ele resulta igualmente do sólido compromisso da reitoria do IMT com esse tipo de extensão. Esse compromisso se materializa em variadas frentes, como: contratação de docente em tempo integral para colaborar com a extensão comunitária da instituição; criação de um grupo de pesquisa sobre extensão comunitária composto por seis docentes aos quais foram atribuídas/os 36h semanais, no total, para essa pesquisa; abertura de um edital de financiamento de projetos alongados (pelo menos dois anos) de extensão comunitária (a partir de 2026); remuneração de horas adicionais às de sala de aula para as/os docentes responsáveis por turmas de PEC; defesa e promoção da extensão comunitária nos diferentes fóruns e atividades com docentes do IMT e na recente reforma curricular dos cursos da instituição (o reitor costuma repetir, por exemplo, que, em vez de *curricularizar* a extensão [comunitária], devemos buscar *extensionalizar* o currículo).

É dessa conjugação de (parte do) corpo docente motivado e comprometido com a extensão comunitária e reitoria entusiasta e promotora ativa desse tipo de atuação que a curricularização da extensão no IMT, da qual PEC e a extensão comunitária em geral são apenas uma face, acaba por se mostrar, para muitas/os docentes de outras Instituições de Ensino Superior, muito avançada ou amadurecida.

Feita essa breve e necessária contextualização geral, na próxima seção, serão apresentados os fundamentos teóricos que subsidiaram o desenho de PEC, nos termos em que ele foi aplicado no 2º semestre de 2025. Na seção seguinte, serão apresentados a metodologia pensada para o trabalho de PEC, o esboço de cronograma geral dele e os instrumentos de avaliação mobilizados. A última seção apresentará o caminho que nos trouxe até este livro, esboçará os trabalhos desenvolvidos pelas 19 turmas (que serão aprofundados nos capítulos subsequentes) e trará algumas chaves de leitura para se compreender a singularidade do caminho percorrido em cada uma das parcerias e/ou do registro desse caminho.

Fundamentação teórica

A história da extensão universitária tem sua origem na Inglaterra do século XIX, com importantes capítulos de seu desenvolvimento na América Latina e no Brasil (Fraga, 2024). Naquilo que ficou sedimentado na construção do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex, 1987),

que fundamentou o artigo 207 da Constituição de 1988 (o que fala sobre a universidade e define a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão) e se desdobrou nas Diretrizes para a Curricularização (Brasil, 2018), que entraram em vigor de fato em 2023, na extensão universitária há:

Dois atores distintos: universidade e “sociedade”;

Uma relação perseguida entre esses atores: dialógica; e

Uma orientação assumida para o encontro desses atores, por meio da extensão: de transformação tanto da sociedade quanto da universidade.

Em diversos trechos desses textos, fica claro que a parte da sociedade priorizada para esse encontro dialógico e mutuamente transformador com a universidade, via extensão, é aquela parte mais esquecida ou deixada à margem (do desenvolvimento, das políticas públicas etc.): os grupos ou comunidades vulnerabilizados. O que, porém, pode-se aprender com povos indígenas, favelas urbanas, cooperativas de pessoas catadoras, organizações que atuam com crianças e adolescentes pobres, pessoas com deficiência, migrantes e refugiados e afins? E qual tipo de atuação cursos universitários, como Administração, Arquitetura e Urbanismo, Design, Engenharia e Relações Internacionais, precisam ter para realizar adequadamente a extensão com esses grupos ou organizações?

Uma primeira resposta para o que a universidade precisa aprender é mais fácil de enxergar: a universidade precisa aprender quais são os problemas ou demandas desses grupos, comunidades ou organizações (bem como as condições de contorno de tais problemas), de modo a poder contribuir efetivamente para a transformação da realidade delas. O difícil, no entanto, é justamente identificar esses problemas ou demandas – e suas condições de contorno –, *segundo a vivência efetiva das pessoas que os experienciam*. A dificuldade aqui está no fato de que, se não buscarmos, ativamente e metodologicamente, contrapor uma tendência quase natural nossa, o que enxergaremos como problemas e suas condições de contorno é o que nós mesmas/os veríamos como tal se fôssemos nós a experimentar a realidade daquelas pessoas. Entretanto, as outras pessoas não são nós, e suas demandas, interesses e ideais são (ou podem ser) diversos dos nossos. É preciso, pois, que a universidade aprenda a escutar.

E qual atuação precisamos buscar, na extensão, quando trabalhamos com grupos vulnerabilizados? Uma que contribua para o

empoderamento ou a emancipação deles, não uma que seja paternalista, reforçando a dependência deles em relação à ajuda externa e/ou tomando-os por despossuídos de conhecimento ou de capacidade de gerir – e transformar – suas vidas (e, afortunadamente, também as nossas e de muito mais gente).

No mundo, existem diferentes iniciativas técnicas que, pelo menos desde o final do século XX, têm buscado colocar-se a serviço de grupos vulnerabilizados, na escuta atenta a eles e na busca pelo atendimento às suas demandas, de uma forma que contribua, de algum modo, para o empoderamento deles. É o caso da tradição emancipadora dos Projetos Participativos (van der Velden; Mörtberg, 2015), da Engenharia Humanitária (Lucena et al., 2024; Smith et al., 2019), da Tecnologia Social (Addor; Curi Filho, 2025) e da Engenharia Popular (Fraga et al., 2020), por exemplo. Na América Latina, essas iniciativas têm sido chamadas de práticas técnicas engajadas (Kleba, 2025). Em termos metodológicos, elas costumam se basear em abordagens participativas, como a pesquisa-ação (Thiollent, 2021) e o design thinking (Brown; Wyatt, 2010), adotando, nas suas formas mais emancipadoras, também processos de educação popular (Freire, 1987).

Essas práticas engajadas, quando bem executadas, contribuem de fato para o empoderamento do grupo ou da comunidade vulnerabilizada com a qual trabalham. Esse empoderamento tem ao menos oito formas distintas – mas complementares – de ocorrer, indo desde o acesso a um bem ou serviço até a capacidade de fazer com que seus direitos sejam assegurados e suas demandas adequadamente endereçadas (Kleba; Cruz, 2022).

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dessas práticas engajadas na graduação contribui para a formação de diferentes competências nas/os estudantes que delas participam, como o senso crítico, a empatia, o cuidado, a capacidade de construir, de forma dialógica, as demandas e possíveis soluções para elas, incorporando os valores e conhecimentos do grupo local (Cruz; Kleba, 2023).

Metodologia adotada

PEC se filia a essa tradição extensionista das práticas técnicas engajadas. Nela, buscou-se priorizar os primeiros passos de uma extensão horizontal, dialógica, participativa e empoderadora: a imersão bem preparada nos territórios ou organizações em que cada turma atuou; a identificação das abundâncias locais (expressas nos

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

conhecimentos, na resiliência, nas redes de apoio e nas diversas potências dos territórios ou organizações); e a construção de relações de confiança. A partir disso, fica mais fácil e orgânico identificar, na sequência, demandas locais (entendidas como tais pelas pessoas do território ou organização) com as quais as turmas poderiam colaborar de forma (potencialmente) empoderadora da comunidade ou organização. O último passo da caminhada proposta para as turmas foi a avaliação celebrativa de todo o processo da parceira, realizada juntamente com a entidade ou comunidade parceira com a qual se trabalhou ao longo do semestre.

Esses passos gerais de PEC foram apropriados da *filosofia Elos*, desenvolvida pelo Instituto Elos. Uma compilação pictórica dessa filosofia/metodologia feita pelo Instituto Elos se encontra na figura 1, a seguir. Uma explicação da metodologia, feita pelo próprio Instituto, pode ser encontrada [neste](#) e [neste](#) link.

Figura 1: Filosofia Elos.



Fonte: Instituto Elos (<https://institutoelos.org/o-elos/#filosofia>)

Os objetivos formativos perseguidos ou assumidos para PEC foram, assim, de duas ordens. No que diz respeito à capacitação metodológica, buscou-se um letramento ou apropriação de técnicas e posturas que apoiassem: a construção de vínculos, a identificação de potências locais e o estabelecimento de diálogo horizontal e participativo; o sonhar colaborativo com os grupos locais; a identificação colaborativa de demandas e a construção colaborativa de encaminhamentos; e a avaliação celebrativa do processo e a reflexão crítica sobre ele.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Quanto às competências que se buscou mobilizar e desenvolver, foram identificadas seis, dentre as 14 macrocompetências institucionalmente assumidas pelo IMT¹, que pareciam passíveis de serem bem trabalhadas em PEC: autoconhecimento e gestão pessoal; ética e responsabilidade profissional; pensamento crítico e analítico; inteligência social (multicultural); comunicação eficaz; colaboração multidisciplinar; e experiência do usuário.

Em termos operacionais, o semestre contou efetivamente com 13 ou 14 semanas de aula, a depender da turma. A proposta geral desse cronograma, que variou menos ou mais para cada turma, foi a apresentada na figura 2, a seguir. Cada turma trabalhou com um parceiro específico ao longo dessas semanas. Esse parceiro foi distribuído aleatoriamente, antes do início das aulas, entre as turmas já formadas, sem a opção de escolha por parte das/os estudantes. Para as 19 turmas desta primeira edição, houve 14 parceiros distintos. Esses parceiros foram prospectados pelo docente responsável pela disciplina antes do início do semestre. A partir do início das aulas, a comunicação e o acompanhamento com cada parceiro foram repassados para a/o docente cuja turma atuou com ele. Havia, de todo modo, um docente encarregado pela coordenação geral de PEC e pela produção dos slides das aulas e demais materiais de apoio, o “docente responsável pela disciplina”.

Figura 2: Cronograma geral de PEC

Aula	Atividade
1	Apresentação de PEC + pesquisa sobre a organização parceira
2	Conversa com a pessoa representante da organização parceira no IMT
3	Preparação para a 1ª imersão
4	1ª imersão: vínculos e afeto
5	Partilha e avaliação da imersão + desafios de sonhar o novo e de não ser assistencialista
6	Impactos potencialmente empoderadores + estruturas de sujeição + preparação 2ª imersão
7	2ª imersão: sonho, cuidado e prospecção de demandas
8	Sistematização e seleção das demandas + formação de grupos e esboço do plano de ação
9	Validação dos planos de ação com o parceiro + preparação da implementação
10	3ª imersão: implementação da atuação
11	Preparação do encerramento da implementação
12	4ª imersão: fim da implementação, avaliação e celebração
13	Avaliação de todo o processo
14	Fechamento: participação no Simpósio de Extensão Universitária do IMT

Fonte: Autoras/es

¹ O documento base de referência para a definição dessas macrocompetências é [esta versão](#) delas de 2024, a mais atualizada no momento da escrita deste texto (i.e., dezembro de 2025).

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Na primeira semana de aula, a proposta era iniciar com uma dinâmica de apresentação da/o docente que acompanharia a turma ao longo do semestre e uma de sensibilização para questões ou mazelas sociais, seguidas pela apresentação da proposta de Projeto de Extensão Comunitária (PEC) e do parceiro com o qual a turma atuaria. No terço final da aula, a turma, em grupos, faria uma breve pesquisa sobre o parceiro, conversaria sobre o que descobriu e redigiria questões a serem levadas à segunda aula: a conversa com representantes da organização parceira. Questões com o sistema da faculdade, no entanto, prejudicaram praticamente todas as turmas, fazendo com que muitas/os estudantes deixassem de comparecer à primeira aula e chegassem despreparadas/os à conversa com as pessoas representantes da organização parceira.

Na segunda semana de aula, representantes de todos os parceiros foram à Mauá para apresentar suas respectivas organizações às turmas da primeira série. A programação durou a manhã inteira (as demais aulas foram canceladas para dar lugar a esse evento) e consistiu, basicamente, em sessões de cerca de 100 minutos cada. Em cada uma, havia três salas em paralelo, cada qual recebendo duas ou três parcerias. Cada parceria foi orientada a preparar uma fala de até 15 minutos, à qual se seguiria um igual período de perguntas e respostas. Cada estudante deveria participar da sessão com as pessoas representantes do parceiro com o qual trabalharia e, na outra sessão, escolher os parceiros que mais tivessem interesse em conhecer.

A aula seguinte ao evento com as/os representantes dos parceiros seria destinada à preparação para a primeira imersão, na qual se buscou praticar os dois primeiros passos da metodologia do Instituto Elos: olhar e afeto. Nessa aula, a ideia seria discutir posturas e técnicas mais adequadas para conhecer sem julgar e para construir vínculos, e estruturar atividades facilitadoras a serem realizadas pela turma no território, dividindo-se entre as/os estudantes os diferentes papéis requeridos em cada uma.

Já desde a primeira aula, seria instituído um Diário de Bordo, um registro pessoal de cada estudante, no qual elas/es elaborariam suas sínteses e anotariam suas impressões sobre as imersões e os trabalhos desenvolvidos em sala.

As imersões aconteceriam à tarde, fora do horário de aula das turmas, e seriam acompanhadas sempre pela/o docente da respectiva

turma. Na semana em que houvesse uma imersão, a sugestão era que não houvesse aula em sala. O deslocamento de ida e volta para a 1ª imersão seria providenciado pela Mauá. Nas imersões seguintes, sempre que possível, esse deslocamento deveria ocorrer por transporte público, com a possibilidade de estudantes com carro irem desse modo, caso assim o desejassem.

Entre a primeira e a segunda imersão haveria duas semanas de aula em sala. A primeira parte da aula 5 seria destinada a avaliar a ida a campo, compartilhando as vivências feitas e identificando o que deu e o que não deu certo nas atividades realizadas, tendo como referência o objetivo assumido para essa primeira imersão: enxergar abundâncias e construir vínculo de confiança. Na segunda parte, seria iniciada a reflexão sobre dois desafios centrais no trabalho com pretensão empoderadora desenvolvido com grupos vulnerabilizados: buscar contribuir para o empoderamento, vencendo a tentação do assistencialismo; e procurar que a atuação extensionista seja espaço, também para o grupo local, buscar e conceber uma vida melhor, diferente da que se vive e, mesmo, quem sabe, diferente daquelas formas de vida incentivadas pela sociedade.

A aula 6 seria destinada a avançar nessa reflexão, a partir da discussão de um texto sobre empoderamento (i.e., Kleba; Cruz, 2022) – cuja leitura prévia poderia ser realizada com o apoio de IA (que deveria ser usada para ajudar a/o estudante a elaborar e compreender melhor as respostas às questões deixadas e que deveria se ater ao texto-base adotado). Nessa aula, a ideia seria também avançar na reflexão crítica sobre a realidade vivida pelo parceiro da turma, discutindo alguns condicionantes estruturais (ou sociais) da situação de vulnerabilidade a que esse parceiro estava submetido. Essa aula terminaria com a estruturação da dinâmica da segunda imersão, que buscaria avançar nos dois passos seguintes do caminho proposto pelo Instituto Elos: sonho e cuidado.

A segunda imersão ocorreria na semana anterior à semana de provas. Passadas as provas, haveria duas semanas de aula para:

[aula 8] avaliar-se a segunda imersão; listar as demandas que foram prospectadas nela; selecionarem-se as que fossem exequíveis no tempo restante de PEC e que tivessem impactos empoderadores maiores; organizar-se em grupos para cada uma dessas demandas selecionadas; e esboçar-se um horizonte de atuação para cada uma delas;

[aula 9] validar, com a comunidade ou organização parceira, as demandas selecionadas e o horizonte de atuação esboçado; preparar-se para o início da implementação do plano validado, que ocorreria na terceira imersão. Esta teria como foco avançar o máximo possível, assim, no quinto passo do caminho proposto pelo Instituto Elos: o milagre.

Nas aulas 8 e 9 também foi apresentada a proposta do trabalho final de PEC: a construção coletiva, por turma, de um capítulo de e-book sobre a vivência de PEC – que teria quatro seções: apresentação da entidade parceira; explicação do caminho seguido pela turma com essa entidade; apresentação dos projetos desenvolvidos pela turma; avaliação de PEC feita pela turma e feita pela comunidade ou organização parceira – e de um vídeo de um a dois minutos de duração, a ser construído a partir desse capítulo. Em ambas as atividades (construção do capítulo e do vídeo), abriu-se a possibilidade de usar IA como apoio ao trabalho, desde que o produto desse uso não apagasse a vivência efetiva e singular feita pela turma. Os demais capítulos que compõem este e-book são (ou deveriam ser) o resultado desse trabalho das turmas.

Entre a terceira e a quarta imersão, haveria uma semana de aula, a 11ª. Nesta, a ideia seria: finalizar os encaminhamentos ainda necessários para a eventual conclusão do projeto assumido pelo grupo na quarta imersão; preparar o passo seis do caminho do Instituto Elos, a ser realizado na última imersão – celebração (que também abrange um tempo de avaliação); avançar, no tempo que sobrasse, na construção do trabalho final.

A última aula de PEC (aula 13), que ocorreria na semana posterior à quarta imersão, seria destinada ao fechamento de todo o processo com a turma: buscando ajudar as/os estudantes a se darem conta dos passos que deram; e, além disso, sendo espaço para a avaliação de PEC pela turma e para a autoavaliação das/os estudantes.

O último compromisso das turmas com PEC ocorreria no Simpósio da Extensão, que aconteceria após as semanas de provas finais. Cada turma seria convocada em um horário específico, no qual o vídeo que ela produziu (a partir do capítulo de e-book redigido) seria exibido e suas/seus alunas/os participariam, juntamente com as/os de outras turmas, em uma atividade de conversa/debate do tipo World Café sobre a vivência extensionista que tiveram.

Por não ser uma disciplina, mas uma atividade complementar,

PEC não tem nota, mas conta como carga horária tanto desse tipo de atividade (40 horas) quanto de atividade de extensão (60 horas). Para ter direito a essas 100 horas, a/o estudante deveria atender aos seguintes critérios: presença em ao menos 75% das aulas/imersões; realização adequada das atividades passadas (i.e., diário de bordo, preparação para as imersões, participação nas imersões e trabalho final); avaliação satisfatória da parte da comunidade ou organização parceira.

Deve-se ressaltar que este caminho ou roteiro que se acabou de apresentar não estava totalmente definido no início do semestre. Ele, na verdade, foi sendo finalizado e ajustado ao longo das semanas, tendo como referência, principalmente: aquilo que emergia como necessidade ou deliberação nas reuniões da equipe das/os docentes que ministraram PEC; e a temporalidade/sequência das quatro turmas que ficaram sob a incumbência do docente responsável pela disciplina.

Este e-book

A proposta de criar um e-book para compilar a trajetória da edição de 2025 de Projeto de Extensão Comunitária (PEC) surgiu no começo de agosto. Mas ela foi assumida de fato e operacionalizada apenas no final de setembro. O roteiro pensado para ser seguido por todas as turmas na construção de seus respectivos capítulos encontra-se no Anexo 1. A ideia era que as turmas se dividissem em pequenos grupos. Parte desses grupos se dedicaria à redação de cada uma das seções previstas para o capítulo. A outra parte se dedicaria à construção do vídeo, dividindo-se entre as seguintes tarefas principais: construção do roteiro a partir do texto do capítulo; seleção de fotos, pequenos vídeos e trilha sonora; gravação/montagem do vídeo final; edição do vídeo final.

Ainda que houvesse orientações claras para a construção dos capítulos, a pessoa leitora perceberá, ao lê-los, que elas raramente foram seguidas à risca. Isso se deveu a diversos fatores, como: desconsideração dessas orientações (ou de parte delas) pelos grupos, a despeito da insistência da pessoa docente responsável pela turma; dificuldade de operacionalização e/ou acompanhamento do processo de escrita pela/o docente responsável pela turma, seja porque havia demandas exigentes da atuação com o parceiro no terço final de PEC, seja porque a pessoa docente acabou se esquecendo de passar a atividade a tempo, seja porque não se priorizou essa atividade.

Os capítulos, ademais, são distintos entre si em função de ao menos três fatores: a singularidade do caminho seguido pela turma,

que desviou menos ou mais do horizonte geral sugerido para PEC; o estilo adotado, derivado do fato de que, em alguns capítulos, o que se tem foi, na verdade, resultado do trabalho de síntese da pessoa docente responsável pela turma, não um exercício de reflexão e escrita de parte da turma propriamente dita; o tamanho e o detalhamento do capítulo (no sentido da presença ou não de todas as seções propostas e/ou dos (principais) pontos pedidos para elas), sendo que os mais concisos e incompletos foram, via de regra, síntese feita pela pessoa docente responsável pela turma.

Deve-se ressaltar que a singularidade dos caminhos construídos pelas turmas com seus respectivos parceiros era prevista desde o início, evidenciando, na maioria dos casos, a versatilidade da pessoa docente responsável pela turma, que foi capaz de ajustar a trajetória seguida às especificidades da parceria pela qual estava responsável. Com algumas parcerias, por exemplo, já sabíamos que quatro imersões não seriam possíveis (no caso da ONG Teto). Com outras, em função de processos institucionais delas, as demandas a serem trabalhadas pelas turmas já estavam totalmente definidas desde o início (Instituto Jô Clemente). Houve um caso de parceria que foi começada já com o semestre em curso (CCA São Pedro), em função da desistência de uma organização. E houve questões com as agendas das organizações ou comunidades parceiras (que forçou o deslocamento de imersões para outras semanas), com a quantidade de aulas previstas para cada turma (em função de os cursos de engenharia terem iniciado o semestre após os outros cursos) e com o sistema da Mauá, que, como se falou na seção anterior, não apresentou as turmas de PEC nas grades de horário das/os estudantes de todos os cursos nas primeiras semanas de aula.

Os capítulos que se seguem contam, cada qual a seu modo, o caminho seguido pelas 19 turmas de PEC com os 14 parceiros que tivemos no segundo semestre de 2025. A tabela 1, a seguir, sintetiza as principais informações sobre o parceiro, a turma e as demandas prospectadas originalmente para serem a contrapartida que deixaríamos para a organização parceira, como produto do trabalho construído com ela e retribuição pela oportunidade de termos podido atuar com ela. (Em alguns casos, essas demandas identificadas previamente ao início do semestre foram as efetivamente trabalhadas pelos grupos. Em outros, os projetos lidaram com demandas diferentes, que emergiram da escuta das turmas durante as imersões ou que se impuseram em função de limitações de tempo de PEC e/ou

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

da falta de engajamento dos grupos.)

Tabela 1: Síntese das parcerias de PEC

PARCEIRO	ATUAÇÃO DO PARCEIRO	TURMA IMT	DEMANDAS
CCA Arca do Saber	Centro para Crianças e Adolescentes administrado pela ONG Arca	Engenharia	Atividades educativas e de convivência com as crianças e adolescentes
CCA Izaura	Centro para Crianças e Adolescentes administrado pela UNAS Heliópolis	Engenharia	Atividades educativas e de convivência com as crianças e adolescentes
CCA São Pedro	Centro para Crianças e Adolescentes administrado pelo Centro Social Bompar	Engenharia	Atividades educativas e de convivência com as crianças e adolescentes
Chá do Padre	Centro de convivência para pessoas em situação de rua administrado pelo Sefras	Engenharia	Atividades de apoio ao trabalho com o público atendido
Escola O Semeador	Escola de educação especial da Igreja Metodista de São Caetano do Sul	ADM e RI Engenharia	Questões de comunicação, administrativas e de infraestrutura
ETEC Heliópolis	Escola Técnica do bairro de Heliópolis	Engenharia	Hackathon e atividades de convivência com as/os estudantes
ETEC Lauro Gomes	Escola Técnica em São Bernardo do Campo	Engenharia	Hackathon e atividades pedagógicas com as/os estudantes

cont.

PARCEIRO	ATUAÇÃO DO PARCEIRO	TURMA IMT	DEMANDAS
Instituto Jô Clemente	ONG que trabalha com pessoas com deficiência	Engenharia (duas turmas)	Letramento digital para familiares + apoio no bazar de outubro
ONG AduS	Trabalha com pessoas migrantes e refugiadas	ADM e RI (duas turmas)	Captação de recursos
ONG Prato Verde Sustentável	Trabalha com agroecologia, educação e combate à fome na Zona Norte de São Paulo	Engenharia	Apoio às atividades da ONG
ONG Teto	Trabalha com construção de casas emergenciais e obras de infraestrutura em favelas e aldeias indígenas	Arquitetura e Urbanismo Engenharia	Participação em atividades de mutirão da ONG
Recifavela	Cooperativa de catadores atuante na favela de Vila Prudente (São Paulo)	Design Engenharia	Identidade visual e comunicação + infraestrutura
Recifran	Reinserção social produtiva de pessoas em situação de rua administrada pelo Sefras	Engenharia	Convivência + formação para participantes + infraestrutura
Reviravolta	Reinserção social produtiva de pessoas em situação de rua administrada pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos	Engenharia	Convivência + formação para participantes + infraestrutura

Fonte: autores

No capítulo final deste e-book, à guisa de conclusão: sistematizamos os principais marcos do caminho efetivamente seguido pelas turmas; compilamos as avaliações de PEC feitas pelas/os estudantes, pelos parceiros e pelas/os docentes que acompanharam as turmas; e apresentamos aprendizados e horizontes para a edição de 2026 de PEC.

Por fim, o anexo 2 apresenta o relato de um segundo trabalho desenvolvido com a escola O Semeador. Trata-se da atuação de uma turma da disciplina Fundamentos de Engenharia, com foco em engenharia civil, composta também por estudantes do segundo semestre, mas que tinha como proposta oferecer à turma uma vivência de demandas e conceitos próprios da área de engenharia civil. Essa turma, nessa atuação extensionista, seguiu a mesma metodologia adotada em PEC. Sua professora também atuou como docente de duas turmas de PEC. Porque se entende que esse relato oferece à pessoa leitora a oportunidade de conhecer outra implementação possível da metodologia adotada em PEC, ele foi incorporado como anexo neste livro.

CCA Arca do Saber

Entidade Parceira

A Associação Arca de Noé (ARCA) atua há mais de três décadas na favela da Vila Prudente, localizada na zona leste do município de São Paulo, desenvolvendo ações contínuas nas áreas de educação, cultura, inclusão produtiva e assistência social. A instituição tem como objetivo acompanhar seus beneficiários desde a infância, a partir dos seis anos de idade, até a vida adulta, promovendo o desenvolvimento integral e a ampliação de oportunidades ao longo do ciclo de vida.

Fundada na década de 1990 pela religiosa francesa Bernadette Marchand, a ARCA iniciou suas atividades por meio da oferta de cursos de costura destinados às mulheres da comunidade. Com o passar dos anos, a instituição ampliou progressivamente seu campo de atuação, transformando-se inicialmente em uma creche, posteriormente em um Centro de Educação Infantil (CEI), e expandindo suas ações para o atendimento de crianças e adolescentes, a formação profissional de jovens e adultos e a geração de renda. Entre as iniciativas produtivas destacam-se o ateliê de costura, denominado *Arca do Fazer*, e o café-confeitaria *Le Pain*, que integram formação profissional e sustentabilidade financeira.

A ARCA integra uma rede de cooperação franco-brasileira, mantendo vínculos com organizações sediadas na França, além de contar com o apoio de instituições internacionais e fundações. No âmbito das políticas públicas, a organização mantém convênio com a Prefeitura do Município de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), responsável pelo financiamento da maior parte das despesas do Centro de Educação Infantil Arca de Noé, assegurando a oferta de serviços educacionais de qualidade às crianças da comunidade. Ademais, a instituição estabelece parcerias com organizações da sociedade civil, como o Movimento de Defesa dos Favelados (MDF), com o qual desenvolve o Núcleo de Proteção Integral à Criança e ao Adolescente, contribuindo para o fortalecimento da rede de proteção social local.

No setor privado, a ARCA conta com o apoio de empresas como a Lesaffre Brasil, responsável pela oferta de cursos profissionalizantes certificados, além de outras organizações, como BNP Paribas, Alstom,

Veolia e L'Oréal, que colaboram por meio de doações financeiras, materiais e ações de voluntariado corporativo. Essas parcerias desempenham papel fundamental no fortalecimento institucional da ONG, possibilitando a ampliação e a sustentabilidade de seus projetos educacionais, sociais e produtivos.

Em termos de impacto social, a ARCA atende diariamente aproximadamente 120 crianças, com idades entre 6 e 14 anos, no centro Arca do Saber, oferecendo atividades educativas, esportivas e culturais, além de reforço escolar e alimentação. Já o programa Arca do Crescer, criado em 2017, disponibiliza cursos profissionalizantes para jovens e adultos, uma incubadora de pequenos negócios, mentorias e ações voltadas à inclusão produtiva. A organização também fornece cerca de 300 refeições diárias, distribuídas entre café da manhã, almoço e jantar, evidenciando a abrangência de seu suporte, que transcende o âmbito educacional e engloba dimensões essenciais da assistência social.

A atuação da ARCA é fortalecida pela participação de voluntários locais e internacionais, cujas contribuições abrangem desde atividades diretas com crianças e adolescentes até apoio nas áreas de comunicação, gestão e captação de recursos. Ao longo de sua trajetória, a instituição apresentou crescimento contínuo, tanto na ampliação física de seus espaços quanto na diversificação de suas atividades, além de ter recebido reconhecimentos por meio de prêmios e certificações.

Em síntese, a ARCA configura-se como um exemplo consistente de ação comunitária e extensão social, no qual educação, cultura, inclusão produtiva e parcerias interinstitucionais — envolvendo comunidade, poder público, iniciativa privada e organizações internacionais — convergem para a redução das desigualdades sociais, o fortalecimento da cidadania e a promoção de transformações sociais sustentáveis e duradouras.

Seguem imagens que apresentam a Associação ARCA (Figura 1).

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 1. Imagens da ARCA



Fonte: <https://arca-ong.org.br/arca-do-saber/>

As interações estabelecidas entre o Instituto Mauá de Tecnologia com as crianças e adolescentes atendidos pela ARCA caracterizam-se como uma parceria interinstitucional estratégica voltada à formação acadêmica e à promoção da interação social.

A associação possui diversas redes sociais que podem ser acessadas pelos links:

Facebook: <https://www.facebook.com/arcasabercrescer/>

Instagram: https://www.instagram.com/arca_saber_crescer/

Inkedin:

<https://www.linkedin.com/company/ongarcavilaprudente>

Youtube: https://www.youtube.com/@arca_saber_crescer

Tiktok: <https://www.tiktok.com/@arcasabercrescer>

Maiores informações sobre a ARCA, suas ações, campanhas e como apoiar podem ser encontradas no site oficial da organização (<https://arca-ong.org.br>). O atendimento presencial ocorre no endereço Rua Dianópolis, nº 4100, complemento / Rua da Igreja, nº 1558, Parque da Mooca, CEP 03126-007, São Paulo – SP, na Favela da Vila Prudente.

As oito etapas da metodologia ao longo das quatro imersões

A metodologia adotada no Projeto de Extensão Comunitária foi desenvolvida de forma prática, contínua e processual, articulando atividades realizadas em sala de aula com quatro imersões presenciais no espaço da entidade parceira ARCA, ao longo do segundo semestre de 2025. O percurso metodológico teve como foco principal a construção de vínculos, a compreensão da realidade institucional e social da organização e das crianças atendidas, bem como o planejamento e a execução de ações conjuntas, respeitando os tempos, as necessidades e os contextos identificados ao longo do processo.

Previamente às imersões, foram realizadas, em sala de aula, atividades preparatórias essenciais para a aproximação com a instituição parceira. Essas ações envolveram discussões em grupo, dinâmicas reflexivas, análise de contextos sociais, debates a partir de materiais apresentados em aula e registros sistemáticos no Diário de Bordo. Essa etapa teve como objetivo preparar os estudantes para o contato com uma realidade social distinta, estimulando o desenvolvimento da escuta ativa, da empatia e de uma postura ética, crítica e responsável diante das práticas de extensão comunitária.

As quatro imersões ocorreram integralmente no espaço da ARCA. Em todas as ocasiões, o deslocamento da turma foi viabilizado por meio de transporte fornecido pelo IMT, o que contribuiu para a organização logística e garantiu a participação coletiva nas atividades propostas.

A primeira imersão foi dedicada ao reconhecimento do espaço institucional, ao estabelecimento do primeiro contato com as crianças e à construção inicial de vínculos. Nesse momento, os estudantes puderam conhecer o ambiente físico da ARCA e participar das primeiras atividades junto às crianças, favorecendo a compreensão do funcionamento da organização e de sua dinâmica cotidiana. Essa etapa inicial foi fundamental para observar, escutar e iniciar a construção de relações de confiança.

Nas imersões subsequentes, foram desenvolvidas diferentes atividades com a participação ativa dos estudantes, incluindo oficinas de cidadania digital, aulas de capoeira e ações lúdicas. Na oficina de cidadania digital, foi aplicado um quiz em formato competitivo, abordando conteúdos relacionados ao folclore brasileiro, com o

objetivo de promover o engajamento, o trabalho em equipe e a aprendizagem de forma dinâmica e acessível. As aulas de capoeira integraram prática corporal e musicalidade, possibilitando às crianças o contato com aspectos culturais, disciplinares e históricos dessa manifestação, além de promover valores como respeito, concentração, disciplina e cooperação. As atividades lúdicas, realizadas em sala, incluíram momentos de brincadeiras e interações livres, favorecendo a aproximação espontânea e o fortalecimento dos vínculos entre estudantes e crianças.

Nas quatro imersões, a proposta metodológica priorizou a participação ativa dos estudantes nas atividades, evitando uma postura meramente observacional ou diretiva. A construção de vínculos constituiu o eixo central do processo, permitindo uma troca significativa entre estudantes e crianças e possibilitando uma compreensão mais aprofundada da realidade social vivenciada pela comunidade atendida pela ARCA.

As imersões propiciaram as vivências em quatro dimensões da metodologia adotada: Olhar, Afeto, Sonho e Milagre. O “Olhar” manifestou-se na observação das abundâncias do território e na escuta atenta das explicações fornecidas durante as vivências; o “Afeto” esteve presente na escuta ativa e na demonstração de interesse pela atuação da ONG; o “Sonho” revelou-se na compreensão dos objetivos e expectativas da instituição em relação à comunidade; e o “Milagre” foi o reconhecimento do potencial transformador das crianças e adolescentes.

Sob a perspectiva dos estudantes, a vivência ao longo das atividades e imersões foi marcada por diferentes sentimentos, como curiosidade, entusiasmo, desafios e aprendizado. O contato direto com crianças de contextos socioeconômicos distintos favoreceu reflexões críticas sobre desigualdades sociais, acesso à educação e oportunidades. Dessa forma, a metodologia adotada não apenas orientou o desenvolvimento das ações extensionistas, mas também promoveu um processo formativo significativo, tanto no âmbito acadêmico quanto no humano.

Projetos Desenvolvidos

A ARCA estrutura as aulas de forma a otimizar a participação das crianças e dos adolescentes, promovendo experiências diversificadas e adequadas às diferentes faixas etárias e aos interesses dos participantes. Inicialmente, os estudantes universitários foram organizados em três grupos principais, sendo responsáveis pelo acompanhamento e pela interação durante as atividades propostas.

O Grupo A, composto por aproximadamente 20 crianças, participou de atividades de caráter lúdico, incluindo contação de histórias, jogos de tabuleiro e produção de desenhos. As atividades foram desenvolvidas em um ambiente de diálogo aberto, com mediação dos estudantes universitários, que conduziram as propostas ao longo de uma hora.

Paralelamente, o Grupo B, composto por aproximadamente 20 crianças, participou de aulas de capoeira de cerca de uma hora de duração. A capoeira, enquanto prática cultural brasileira, articula corpo, música e interação social, tendo se originado como forma histórica de resistência da população negra. No contexto do projeto, configurou-se como uma ferramenta pedagógica e sociocultural, promovendo a inclusão, a valorização da cultura afro-brasileira, o desenvolvimento corporal e o fortalecimento de vínculos comunitários (Figura 2).

As crianças, com idades entre 8 e 12 anos, assumiram, em diversos momentos, o papel de mediadoras do conhecimento, ensinando os movimentos e fundamentos da capoeira aos estudantes universitários, o que contribuiu para o fortalecimento do protagonismo infantil e para o sentimento de empoderamento decorrente do compartilhamento de saberes.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 2. Imagem da aula de capoeira



Fonte: autores

Paralelamente, o Grupo C, composto por aproximadamente 15 adolescentes, participou de aulas de cidadania digital (Figura 3), com duração de uma hora. Esses encontros contribuíram para a formação cidadã dos participantes, ao promover a inclusão digital, a conscientização sobre direitos e deveres no ambiente virtual, a segurança da informação e o estímulo à participação social de forma crítica e responsável.

Figura 3. Imagem da aula de cidadania digital



Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

No dia da realização das atividades, após a primeira vivência, realizou-se a troca obrigatória dos grupos, possibilitando que crianças e adolescentes participassem de duas atividades distintas. No intervalo entre as aulas, a ARCA ofereceu, como de costume, um lanche coletivo, compartilhado por todos os participantes. Esse momento configurou-se como um espaço privilegiado de convivência, favorecendo o diálogo aberto, o aprofundamento das interações e a troca espontânea de saberes entre crianças, adolescentes e estudantes universitários.

Cabe destacar que, ao longo das imersões, diversas ideias emergiram com o intuito de conferir às vivências um caráter simbólico de aproximação à universidade, buscando apresentar às crianças e aos adolescentes caminhos possíveis a partir do estudo e da dedicação. Nesse contexto, foi concebido e confeccionado um jogo Tangram no laboratório FabLab do IMT, o qual é apresentado na Figura 4.

Figura 4. Imagem do jogo Tangram



Fonte: autores

Ao final da última imersão, as atividades foram encerradas com um momento de agradecimento à ARCA, às crianças e aos adolescentes, aos professores envolvidos e às equipes de coordenação. Nessa ocasião, estudantes da Mauá e participantes da ARCA tiveram a oportunidade de expressar suas percepções, sentimentos e reflexões acerca da experiência vivenciada, evidenciando o impacto formativo e humano da ação extensionista. Esse espaço teve como objetivos valorizar a atuação da ARCA e o protagonismo das crianças, incentivar a importância dos estudos como caminho para a continuidade da formação educacional e a

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

possibilidade de ingresso no ensino superior, além de agradecer pela parceria estabelecida, pelo acolhimento das crianças, pelas imersões realizadas e pelos momentos de convivência proporcionados, como os lanches compartilhados.

Durante esse encerramento, algumas crianças foram convidadas a relatar suas percepções sobre a interação com os estudantes da Mauá, assim como os universitários compartilharam os sentimentos e aprendizados decorrentes da convivência com as crianças da ARCA. Como gesto simbólico de reconhecimento e afeto, foi entregue a cada criança um chocolate acompanhado da mensagem “Você é incrível! – Mauá 2025”, reforçando o incentivo, o cuidado e a valorização individual de cada participante. O momento do encerramento foi registrado com muitos vídeos e uma foto (Figura 5)

Figura 5. Encerramento das atividades e da parceria 2025



Fonte: autores

A experiência proporcionada pelo projeto possibilitou a vivência concreta de princípios associados à responsabilidade social, ampliando a compreensão dos participantes acerca das desigualdades sociais e evidenciando o papel transformador da educação no contexto comunitário.

As imersões realizadas junto à comunidade possibilitaram o desenvolvimento de aspectos fundamentais tanto nas crianças quanto nos universitários envolvidos, especialmente no que se refere ao fortalecimento do respeito e da empatia, construídos a cada vínculo estabelecido e em cada interação vivenciada ao longo do projeto.

Avaliação da Turma

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

A avaliação da turma universitária foi realizada por meio da aplicação de dois instrumentos principais: um questionário online, elaborado e aplicado na plataforma Google Forms, e entrevistas presenciais realizadas com parte dos participantes. Optou-se por perguntas abertas, uma vez que esse formato permitiu que os estudantes expressassem suas percepções de maneira mais livre e aprofundada, favorecendo uma análise qualitativa mais consistente da experiência vivenciada.

O objetivo central da avaliação consistiu em compreender o aprendizado adquirido pelos estudantes, suas percepções sobre o projeto e os impactos pessoais e profissionais decorrentes da participação na parceria com a ONG. A combinação entre o questionário online e as entrevistas presenciais permitiu ampliar o alcance da coleta de dados e aprofundar a compreensão de aspectos subjetivos relacionados à vivência extensionista.

Participaram da avaliação aproximadamente 15 estudantes da faculdade, correspondendo a uma parcela da turma envolvida no projeto. O universo total esperado incluía todos os alunos participantes da ação extensionista; entretanto, a adesão ocorreu de forma parcial, considerando a disponibilidade e o interesse dos estudantes em responder ao questionário e participar das entrevistas presenciais.

A análise das respostas evidenciou padrões recorrentes, que possibilitaram o agrupamento das percepções em categorias temáticas. De modo geral, observou-se elevada convergência entre os relatos dos participantes.

Um dos principais padrões identificados esteve relacionado à aprendizagem e à experiência prática proporcionadas pelo projeto. Os estudantes destacaram a oportunidade de vivenciar situações concretas que contribuíram significativamente para sua formação acadêmica e pessoal, indo além dos conteúdos teóricos abordados em sala de aula.

Outro aspecto recorrente foi a valorização do trabalho em equipe, tanto no âmbito da interação entre os próprios universitários quanto na relação estabelecida com as crianças e com a equipe da ONG. Os participantes ressaltaram que o projeto favoreceu o desenvolvimento de habilidades como cooperação, comunicação e responsabilidade coletiva.

Também se destacou, de forma expressiva, o impacto social e emocional da atuação junto às crianças. Os estudantes relataram

satisfação em contribuir para o bem-estar dos participantes, mencionando que a convivência e as atividades desenvolvidas promoveram maior engajamento e alegria entre as crianças e adolescentes, o que reforçou o sentido social da experiência.

Por fim, diversos alunos apontaram que a participação no projeto influenciou positivamente suas perspectivas profissionais, ao possibilitar contato direto com o público infantil, ampliar a compreensão sobre atuação social e fortalecer o compromisso com práticas educativas e comunitárias. Esses achados evidenciaram que a experiência foi percebida como formativa, significativa e alinhada aos objetivos estabelecidos pela parceria extensionista.

Avaliação da Entidade Parceira

A avaliação foi conduzida por meio de entrevistas presenciais individuais, tendo como principal instrumento um roteiro previamente elaborado, composto por questões objetivas e subjetivas e encaminhado antecipadamente aos participantes. As entrevistas foram registradas em vídeo, o que assegurou maior fidelidade e precisão no processo de análise das respostas. A escolha desse procedimento metodológico deveu-se à possibilidade de aprofundar a compreensão dos aprendizados, sentimentos e percepções relacionados ao projeto de extensão desenvolvido pelos estudantes da Mauá.

Participaram da avaliação cinco pessoas, sendo três crianças atendidas pela ARCA e dois educadores da instituição. Os participantes foram selecionados por representarem os principais públicos envolvidos na parceria: as crianças, enquanto beneficiárias diretas das ações realizadas, e os coordenadores, responsáveis pelo acompanhamento e pela gestão das atividades. Essa composição permitiu uma análise mais abrangente, integrando diferentes olhares sobre a experiência vivenciada.

As respostas das crianças evidenciaram a relevância do vínculo afetivo e da participação ativa dos universitários nas atividades. De forma recorrente, foram destacados como aspectos mais positivos as aulas de capoeira, nas quais os estudantes da Mauá participaram diretamente junto com elas, além dos momentos de convivência e interação ao longo das imersões. Esses elementos foram associados a maior engajamento, entusiasmo e sentimento de acolhimento por parte das crianças.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Na perspectiva dos educadores, destacou-se a dimensão educativa e social da parceria. Os entrevistados enfatizaram a troca de experiências entre universitários e crianças, destacando que essa interação possibilitou o contato com novas perspectivas e contribuiu para ampliar o repertório social e educacional dos participantes. Também foi ressaltado o papel dos estudantes universitários como referências positivas, capazes de inspirar e estimular o interesse das crianças pelos estudos e pelo futuro acadêmico.

O educador Dyego avaliou a parceria de maneira positiva, ressaltando que a presença dos estudantes da Mauá promoveu uma troca significativa de saberes, vivências e experiências, beneficiando tanto os universitários quanto as crianças e adolescentes atendidos. Segundo o entrevistado, essa aproximação contribuiu para reduzir distanciamentos simbólicos entre a comunidade e a universidade, tornando o acesso ao ensino superior mais concreto e possível. Como sugestão para futuras edições do projeto, Dyego apontou a importância de aprofundar vivências práticas relacionadas ao universo universitário, indo além de abordagens exclusivamente expositivas.

De modo geral, a análise integrada das entrevistas revelou que a interação humana, a convivência e a troca de experiências constituíram elementos centrais para o êxito do projeto. Os resultados reforçam a relevância da parceria entre universidade e instituição social como estratégia para promover o desenvolvimento social, educacional e motivacional das crianças atendidas, ao mesmo tempo em que contribui para a formação humana e cidadã dos estudantes universitários.

Considerações finais

De modo geral, a turma avaliou a experiência como altamente positiva. O projeto permitiu articular criatividade, empatia e aprendizado prático, ao mesmo tempo em que fortaleceu o vínculo entre a faculdade e a comunidade atendida. Concluiu-se que ações simples, como as imersões à ARCA e as interações diretas com crianças e adolescentes, mostraram-se capazes de contribuir para a transformação do cotidiano, além de estimular valores essenciais, como solidariedade, responsabilidade e convivência respeitosa.

CCA Izaura (UNAS Heliópolis)

A entidade parceira

O projeto foi desenvolvido em parceria com o Centro da Criança e do Adolescente (CCA) Izaura Maria da Conceição, uma instituição vinculada à UNAS Heliópolis, que atua na promoção da autonomia dos moradores de Heliópolis por meio da educação, do protagonismo e do fortalecimento do educador do bairro. O CCA Izaura acolhe crianças de 6 a 14 anos e 11 meses em situação de vulnerabilidade social, oferecendo atividades culturais, educacionais e recreativas durante o dia. Entre seus principais objetivos estão: o desenvolvimento integral das crianças; o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários; e o incentivo à expressão e à liberdade por meio de práticas educativas e artísticas. Durante o contato inicial, os representantes da UNAS destacaram a importância da educação como ferramenta de transformação social e solicitaram apoio em atividades lúdicas, recreativas e educativas com as crianças, além de incentivo à leitura e ao trabalho coletivo.

Figura 1: Entrada do Centro da Criança e do Adolescente (Fonte: site oficial da UNAS Heliópolis)



Fonte: autores

O trabalho

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

O projeto de extensão comunitária, realizado em parceria com o CCA Izaura, teve como objetivo principal proporcionar aos alunos da faculdade uma experiência prática de engajamento com a comunidade, por meio de atividades educativas e culturais que visam desenvolver maior compreensão das necessidades da população local. Durante as visitas, destacou-se a importância da inclusão e da participação ativa dos jovens, com foco na educação e no desenvolvimento de maior consciência cultural e social. A metodologia adotada no projeto é descrita como inclusiva e integrada, com foco no desenvolvimento de atividades que envolvem tanto as crianças quanto os educadores da comunidade. Uma das principais ações foi o uso de atividades lúdicas e educativas, como diversos jogos de conversa durante as aulas, e de brincadeiras interativas durante as visitas, como oficina de aviões de papel, lançamento de foguetes de garrafa PET e visitas à sala de robótica e ao FabLab. O trabalho também incluiu momentos de reflexão sobre a realidade das crianças e suas necessidades, como, por exemplo, a falta de oportunidades educacionais e culturais. A escuta ativa e o planejamento das atividades com base nas demandas dos participantes foram fundamentais para o sucesso do projeto. Durante o período de preparação, foram realizadas diversas reuniões para alinhar expectativas e ajustar as atividades.

Conclusões, aprendizados e perspectivas

A conclusão do projeto revela que a experiência foi transformadora para os alunos, que não apenas ampliaram seus conhecimentos sobre práticas educacionais, mas também fortaleceram sua empatia e compreensão sobre as realidades sociais de comunidades como Heliópolis. As atividades realizadas ajudaram a criar uma troca significativa entre os alunos e os moradores, proporcionando novas perspectivas de aprendizagem para ambas as partes. Os alunos também adquiriram uma compreensão mais profunda sobre como adaptar metodologias de ensino às necessidades locais e sobre como engajar de forma eficaz uma comunidade em ações colaborativas. Eles perceberam a importância de ouvir as crianças e educadores, ajustando as propostas de acordo com o *feedback* recebido durante as visitas. O contato direto com a comunidade permitiu aos alunos a vivência prática de conceitos como respeito, autonomia e o poder da educação como ferramenta de transformação social.

Para o futuro, os alunos sugeriram a continuidade das visitas e a

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

realização de novos projetos, ampliando a abordagem educacional e fortalecendo os vínculos entre a faculdade e o CCA. A experiência pode ser um ponto de partida para mais ações comunitárias que envolvam não apenas atividades recreativas, mas também oficinas de cunho tecnológico (como robótica e química) e outras voltadas a questões mais amplas, como cidadania, inclusão e direitos humanos.

Bibliografia

UNAS Heliópolis e Região. **UNAS 2025**. Disponível em: <https://www.unas.org.br/>.

CCA São Pedro (Centro Social Bompar)

A entidade parceira

O presente trabalho de extensão teve como objetivo auxiliar crianças e adolescentes atendidos pela entidade parceira a compreenderem a possibilidade real de ingressar no ensino superior, apresentando a faculdade como um caminho possível e alcançável.

O BOMPAR (Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto) é uma instituição dedicada à promoção do desenvolvimento humano, especialmente o de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos em situação de vulnerabilidade social. A entidade oferece atividades no contraturno escolar, ambientes de convivência seguros e apoio socioeducativo, contribuindo para afastar os jovens de situações de risco.

Atualmente, o BOMPAR atende mais de 20.000 pessoas por mês, incluindo idosos, famílias, jovens e pessoas em situação de rua, por meio de uma rede com 49 unidades, distribuídas principalmente em São Paulo.

O trabalho de extensão foi realizado na unidade São Pedro, que integra essa rede e atua especificamente com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, oferecendo atividades socioeducativas e acompanhamento contínuo.

Figura 1: Entrada do Centro da Criança e do Adolescente



Fonte: foto dos autores

O trabalho

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto foram orientadas pela metodologia do Instituto Elos, utilizada de forma adaptada nas ações de convivência com as crianças e adolescentes. Essa metodologia apresenta sete etapas — Olhar, Afeto, Sonho, Cuidado, Milagre, Celebração e Re-evolução — que estruturam processos colaborativos, fortalecem vínculos e estimulam a construção coletiva de soluções e sonhos.

Figura 2: Caminho metodológico adotado no Projeto de Extensão Comunitária (Fonte: Instituto Elos)



Fonte: Instituto Elos (<https://institutoelos.org/o-elos/#filosofia>)

As ações desenvolvidas ao longo do projeto ocorreram em dois grandes momentos: visitas da equipe à unidade São Pedro e visitas dos grupos do CCA à universidade.

Primeira etapa – Visita da equipe à unidade São Pedro

A equipe realizou uma visita inicial à unidade, estabelecendo um primeiro contato com os participantes. Durante essa visita, foi realizada uma conversa com as crianças menores, abordando aspectos de convivência, curiosidades sobre a universidade e incentivo ao aprendizado.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 3: Roda de conversa com as crianças



Fonte: autores

Já com os adolescentes, foi promovido um momento de conversa e recreação, com duas brincadeiras coordenadas, sendo elas: Coelho sai da toca e Queimada

Figura 4: momento de conversa com os adolescentes



Fonte: autores

Essas atividades tiveram como objetivo fortalecer vínculos, estimular o trabalho em equipe e criar um ambiente leve para futuras interações.

Segunda etapa – Visitas do CCA São Pedro à universidade

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Posteriormente, o CCA realizou duas visitas à universidade, separadas por faixa etária.

Primeiro dia: Visita das crianças mais novas ao Instituto Mauá, onde conheceram os principais espaços da universidade, como laboratórios e áreas de convivência. Também foram apresentadas às entidades estudantis, criando um primeiro contato com o universo universitário.

Figura 5: visita das crianças ao laboratório da Kimauánisso



Fonte: autores

Figura 6: visita ao laboratório da Aerodesign



Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 7: visita à Space M



Fonte: autores

Segundo dia: Visita dos adolescentes ao IMT, onde participaram de interações diretas com estudantes da universidade e tiveram uma conversa para entender melhor cursos, estruturas e oportunidades acadêmicas. Assim como os mais novos, também visitaram locais da faculdade e conheceram diferentes espaços da instituição.

Essas visitas foram fundamentais para aproximar os jovens da realidade universitária e reforçar a mensagem de que o ensino superior é uma possibilidade concreta.

Conclusões, aprendizados e perspectivas

O projeto de extensão desenvolvido com o CCA São Pedro demonstrou resultados significativos, tanto no fortalecimento das relações entre a universidade e a comunidade quanto na ampliação das perspectivas das crianças e adolescentes atendidos. Os **objetivos iniciais**, como apresentar a possibilidade concreta de cursar uma universidade e trabalhar valores como empatia, solidariedade e convivência, foram **alcançados com êxito**. As visitas, conversas e atividades lúdicas contribuíram para despertar a curiosidade, estimular a confiança e aproximar os jovens de um ambiente acadêmico que, muitas vezes, lhes parecia distante.

A **metodologia utilizada** desempenhou um papel fundamental ao orientar a condução das ações. Suas etapas, especialmente, *Olhar, Afeto, Sonho e Cuidado*, favoreceram a criação de vínculos genuínos, a

escuta ativa e o planejamento colaborativo das atividades. Durante a execução do projeto, foi possível perceber que a metodologia contribuiu para estruturar a comunicação com os participantes, tornando-a mais acolhedora, participativa e significativa.

O trabalho também proporcionou **aprendizados importantes para os extensionistas**, que puderam compreender mais a fundo os desafios enfrentados por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, além de reconhecer o impacto transformador de iniciativas alinhadas ao diálogo, à confiança e à construção coletiva.

No que diz respeito às perspectivas futuras, destaca-se a possibilidade de ampliar as ações voltadas a incentivar crianças e adolescentes a ingressarem no ensino superior, reforçando a universidade como um espaço viável e acolhedor. Além de fortalecer a parceria entre o IMT e BOMPAR, realizando novos projetos, visitas guiadas, oficinas e programas contínuos de orientação acadêmica, criando um vínculo duradouro que apoie o desenvolvimento educacional dos jovens e amplie suas oportunidades de futuro.

Bibliografia

ELOS, Instituto (org.). **Filosofia Elos**. 2025. Disponível em: <https://institutoelos.org/o-elos/#filosofia>. Acesso em: 10 out. 2025.

Chá do Padre (Sefras)

Apresentação da entidade parceira

O Chá do Padre é um centro de convivência para pessoas em situação de rua que tem sua origem em 1640. Antigamente, era apenas um centro de distribuição de pão, chá e abrigo, porém, hoje em dia, se tornou mais que isso, é uma forma de fornecer dignidade humana.

A partir de atividades socioeducativas, oficinas e eventos celebrativos, é promovido um senso de comunidade em um público negligenciado pela sociedade. Sua existência é ainda mais importante já que os abrigos permitem estadia apenas durante a noite, logo muitos não têm locais para ir ao banheiro, comer, etc. durante o dia.

O Chá do Padre é um lugar receptivo que permite às pessoas em situação de rua viverem, não apenas se preocuparem em sobreviver.

A metodologia utilizada no projeto de extensão foi uma de compaixão e humildade. Olhamos a abundância ao invés de nos prendermos à escassez. Criamos afeto no lugar de medo e julgamentos, e valorizamos os sonhos dos membros do Chá do Padre. A partir dos sonhos percebidos, projetamos juntos os planos para a execução de um sonho. Com os planos validados, colocamos a mão na massa para tornarmos os sonhos em realidade. Com a conclusão do nosso projeto, celebramos a conquista que realizamos juntos e evoluímos na jornada, criando novos sonhos.

Apresentação da metodologia adotada

Na primeira aula de extensão, o professor Cristiano se apresentou para a turma, contando um pouco sobre quem era, sua trajetória como jesuíta, filósofo e engenheiro eletricista. Em seguida, ele dividiu a turma em pequenos grupos, para que pudessemos nos conhecer melhor. Durante esse momento, pudemos nos conectar, nos tornando mais unidos, o que foi muito benéfico na elaboração dos projetos futuros, pois conseguimos trabalhar melhor em grupo. Ainda nessa conversa, discutimos sobre como nós podemos ajudar a melhorar a sociedade e diminuir as desigualdades existentes nela - racial, social, econômica e política -, como indivíduos e como futuros

engenheiros. Terminado esses cinco minutos de interação, nos apresentamos para a turma inteira e compartilhamos as conclusões às quais chegamos. Dentre elas, ressalto a fala de Otávio, segundo o qual um engenheiro deve solucionar os problemas da sociedade, humanizado as pessoas que estão sendo afetadas, para que as medidas adotadas por nós fossem, de fato, eficazes.

Após isso, o professor apresentou o projeto do qual iríamos participar. No primeiro momento, o professor falou que iríamos atuar no Chá do Padre, que ajuda pessoas em situação de rua. Quando ele disse isso, muitas pessoas ficaram desanimadas. Sair da zona de conforto, ir para um lugar totalmente desconhecido e fazer um trabalho social com essas pessoas – que até então eram vistas pejorativamente por nós, devido aos preconceitos que associávamos a elas –, foram algumas das razões que nos levaram a querer abandonar o projeto de extensão. Porém, para tomarmos uma decisão definitiva quanto ao projeto, resolvemos ir para a primeira imersão no Chá do Padre. Tomada essa decisão, o professor continuou a aula, comentando os objetivos que tínhamos com aquela visita, sendo o principal, enxergar as abundâncias das pessoas ali na Sé. De acordo com Cristiano, todas as pessoas são fonte de conhecimento, por isso, independente de quem fosse, ela teria algo a nos ensinar.

No fim da aula, fomos encarregados de fazer uma pesquisa aprofundada sobre o projeto, para que, assim, pudéssemos estar o mais preparados possível.

Na semana seguinte, na quarta-feira, 27 de agosto, fomos ao Chá do Padre com um micro-ônibus alugado pela Mauá. Chegando lá, deparamo-nos com uma situação totalmente diferente da que já tínhamos visto. O lugar tinha cheiro de urina. Muitas pessoas que pareciam estar sob o efeito de drogas ou álcool se encontravam na porta, entrando e saindo. Havia algumas pessoas sãs que ficaram muito surpresas com a nossa presença ali. Passando pela entrada, fomos recebidos por alguns voluntários que ali estavam há anos e outros, há meses. Ao adentrarmos mais no local, chegamos no pátio principal. A estrutura era como de um teatro antigo, com um grande espaço circular no centro e na frente, uma parte mais elevada, semelhante a um palco. Ao redor desse espaço circular, havia apenas pessoas em situação de rua sentadas em cadeiras de plástico.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores

Depois, fomos orientados a guardar os nossos pertences em uma sala que fica no segundo andar. Tendo nos acomodado, fomos convidados a assistir apresentações realizadas pelo pessoal dali. Isso porque, como forma de celebrar o aniversário daquelas pessoas, o Chá do Padre idealizou o Dia da Celebração. Após muitas apresentações incríveis, um dos alunos da Mauá, Vinícius, se voluntariou para fazer uma apresentação junto com outra aluna, Carol. Chocados, nos surpreendemos, pois, com muita coragem, ele foi na frente e cantou “Faz um milagre em mim”, de Regis Danese, enquanto a Carol tocava pandeiro.



Fonte: autores

Feito esse momento de celebração, fomos direcionados a ajudar

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

na distribuição de comida. Um grupo ficou responsável por dar as marmittas; outro, as frutas e doces; e o último, as bebidas.



Fonte: autores

Por fim, organizamos camas desmontáveis para que as pessoas em situação de rua pudessem dormir sem ficar na rua durante a noite fria. Com isso, finalizamos a nossa primeira imersão no Chá do Padre.

Na semana seguinte, durante a aula de mentoria, discutimos sobre boas práticas para enxergar a abundância. Dentre as pontuadas, destacam-se: escuta ativa, empatia, linguagem não verbal e o não julgamento das pessoas em situação de rua.

Com isso, iniciamos a nossa preparação para a segunda imersão.

Uma semana antes da segunda visita, durante a aula, os alunos discutiram sobre o empoderamento e suas oito faces. Dentre estas dimensões, os estudantes buscaram promover a inclusão sociotécnica, reconhecer a diferença cultural, reconhecer e valorizar diferentes saberes e estabelecer um diálogo horizontal e respeitoso com a população que frequenta o Chá do Padre.

Para os preparativos da segunda ida, foi estabelecido que os discentes deveriam sair do Instituto Mauá de Tecnologia meio-dia e meia e, acompanhados do professor, chegar à Estação Sacomã do metrô com o transporte oferecido pela faculdade. De lá, pegaríamos o metrô até a estação Ana Rosa, onde faríamos baldeação para a linha azul, que passa pela estação da Sé, onde teríamos que desembarcar.

Quando chegamos à sede do Chá do Padre, estava ocorrendo

uma assembleia sobre a violência que ocorre nos arredores de lá. Os indivíduos compartilhavam situações que presenciaram em relação ao tema abordado. Durante o evento, alguns alunos foram chamados para auxiliar na distribuição de água e alguns alimentos para os participantes da congregação.

Após o término da assembleia, os alunos foram divididos em dois grupos: o primeiro conversou com os indivíduos que frequentam o Chá do Padre, e o segundo dialogou com as pessoas que trabalham na instituição, ambos com o objetivo de descobrir demandas e ideias que os sujeitos tinham para melhorar o serviço oferecido e o convívio social.

Após o fim das conversas de ambos os grupos, todos se reuniram no salão principal para preparar as camas desmontáveis para as pessoas que decidem dormir na instituição Chá do Padre. Ao todo, foram montadas um pouco mais de 50 camas.

Antes de os estudantes serem liberados para irem embora, todos se juntaram no segundo andar para ouvir algumas palavras de alguns indivíduos que trabalham no local e do professor sobre a execução da nossa atividade.

Para irem embora, os alunos e o professor caminharam até a Estação da Sé e, então, cada um seguiu seu rumo.

Na aula após a visita, os estudantes discutiram e apresentaram as necessidades encontradas: alfabetização da comunidade, melhoria da logística da entrega da alimentação e do equipamento de som, doação de roupa, EPI's (Equipamento de proteção individual) e itens de higiene e conscientização sobre os direitos das pessoas em situação de rua.

Nos deslocamos para a terceira visita ao Chá do Padre também de metrô. Durante a visita, cada grupo de estudantes se comprometeu a contribuir, de acordo com as suas responsabilidades, com os projetos escolhidos em sala e validados pela organização. (Falaremos sobre os projetos na próxima seção.)

Antes da visita, tivemos aulas preparatórias em que refletimos sobre quais seriam nossas ações e planos ao chegar no local. Durante a visita, o grupo responsável pelo vídeo gravou entrevistas com alguns responsáveis do Chá do Padre, que compartilharam conosco relatos profundos sobre as histórias das pessoas atendidas, as circunstâncias que as levam às ruas e as limitações das políticas públicas voltadas a essa população.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Além disso, participamos ativamente da rotina da comunidade desde o início de nossas visitas, ajudando tanto na coleta quanto na distribuição das marmitas que haviam acabado de chegar. Essa oportunidade nos faz refletir sobre o que nos distancia dessa realidade, sendo que assim como eles, todos nós somos seres humanos e merecemos respeito e humanidade.

Com este projeto buscamos conscientizar e inspirar mais pessoas a olharem com empatia para a realidade dos moradores de rua, valorizando sua dignidade e reforçando a importância da solidariedade e da ação coletiva.

Assim como nas duas imersões anteriores, na quarta e última, fomos de metrô até o centro de São Paulo. Dessa vez, o encontro aconteceu na sala dos voluntários, onde tivemos uma devolutiva com o Giuliano (responsável pelas parcerias de voluntariado com instituições educacionais) e a Leia (coordenadora do Chá do Padre) sobre todo o período em que participamos das atividades.



Fonte: autores

A fala da Leia foi especialmente marcante. Ela explicou por que o termo “pessoa em situação de rua” é o mais adequado, lembrando que ninguém mora na rua por escolha, mas se encontra nela por um conjunto de circunstâncias. O Giuliano destacou como fatores sociais e políticos influenciam diretamente essa realidade e nos convidou a refletir sobre o papel que temos, como jovens, na construção de uma

sociedade mais justa — inclusive nas pequenas decisões do dia a dia.

Mesmo com o pouco tempo de atuação, o Giuliano e a Leila ressaltaram o quanto nossa presença foi significativa e ajudou nas tarefas diárias do espaço. Depois, compartilhamos nossos relatos e projetos, e alguns colegas se expressaram por meio de música e leitura.

Entre os depoimentos, algo recorrente foi o sentimento de gratidão. Muitos de nós percebemos que, apesar dos próprios desafios, temos muito a agradecer. Ao ouvir histórias de pessoas que perderam vínculos familiares, entendemos que pequenas dificuldades do cotidiano ganham outra proporção.

Outra fala bonita foi sobre como a experiência fortaleceu os laços entre os próprios alunos. As vivências no Chá do Padre, especialmente nos dias em que ajudamos na distribuição de marmitas, uniram a turma e despertaram empatia mútua.

Apresentação dos projetos desenvolvidos

Ao todo, 4 projetos foram desenvolvidos junto à organização do Chá do Padre.

Projeto 1 – Conscientização dos direitos de cidadão e POPRUA

Integrantes: Caio Millan, Gabriel Beneti, Lucas Costa, Luka Santos e Marcelo Henrique.

O projeto teve como ideia inicial conscientizar os integrantes do Chá do Padre sobre seus direitos. Para isso, o grupo desenvolveu uma atuação prática por meio da produção de mais de sessenta cartazes, que foram utilizados como instrumentos de divulgação e sensibilização. A interação com a instituição foi muito positiva, marcada por uma recepção acolhedora, o que proporcionou uma maior proximidade e intimidade entre todos os envolvidos. Ao final, o grupo conseguiu concretizar plenamente sua proposta, alcançando os objetivos estabelecidos. A experiência foi considerada bastante enriquecedora, pois permitiu um aprendizado significativo sobre os direitos da população em situação de rua (POPRUA) e sobre a importância de promover ações de conscientização social.

Projeto 2 – Campanha de Doações

Integrantes: Vinicius, Isabela Ostan, Isabela Orlandi, Guilherme e Carol

O projeto teve como ideia inicial arrecadar fundos para a compra de uma caixa de som e um microfone, além de promover doações de roupas. No decorrer da execução, a caixa de som foi obtida pela organização por meio de uma doação desvinculada da Mauá. Já as roupas acabaram sendo fornecidas por uma entidade do IMT. Diante disso, o grupo assumiu a responsabilidade pela arrecadação de fundos destinado à compra de um microfone. A interação com a instituição foi marcada por um diálogo constante e produtivo, o que facilitou o entendimento mútuo e contribuiu para que as ideias iniciais fossem implementadas com agilidade. Como resultado, o grupo conseguiu concretizar sua proposta com sucesso. Sob este espectro, os integrantes destacaram que foi muito gratificante poder participar dessas conquistas em conjunto com a instituição.

Projeto 3 – Vídeo

Integrantes: Giovana, Sophia Curado, Laís, Arthur e Gisele

O projeto teve início com a ideia de produzir um vídeo voltado à conscientização sobre os direitos das pessoas, buscando sensibilizar o público das nossas bolhas para essa temática. O grupo atuou de forma colaborativa, realizando o vídeo e promovendo sua divulgação durante o evento Chá do Padre. Durante o processo, os integrantes interagiram com os profissionais da instituição, o que possibilitou uma troca de experiências enriquecedora e uma compreensão mais profunda da realidade vivida pelos atendidos. Ao final, o grupo conseguiu concretizar sua proposta com êxito, alcançando os objetivos estabelecidos. (O vídeo produzido pode ser assistido [aqui](#).) Essa experiência representou uma oportunidade única de aprendizado e reflexão, mostrando a importância de se envolver em ações sociais e de enxergar mais de perto as dificuldades enfrentadas por pessoas em situação de vulnerabilidade. Contudo, observou-se que a instituição poderia aprimorar sua organização em relação à execução de projetos, uma vez que houve certa dificuldade na definição das atividades permitidas.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Projeto 4 – Logística

Integrantes: Davi, Felipe, João, José, Matheus e Otávio

O projeto surgiu da ideia de organizar a entrega de alimentos, já que muitas marmitas estavam sendo doadas e o Chá do Padre enfrentava dificuldades na distribuição. Para entender melhor a situação, o grupo entrou em contato com a instituição e conversou com os profissionais locais, embora, nesse momento, a organização já tivesse solucionado o problema da distribuição. Dessa forma, a proposta do grupo se concretizou de forma indireta: mesmo não participando diretamente da resolução, a interação com a instituição contribuiu para evitar esforços desnecessários. Na autoavaliação, os participantes consideraram a experiência importante, pois proporcionou uma reflexão sobre a realidade e os desafios sociais presentes na comunidade.

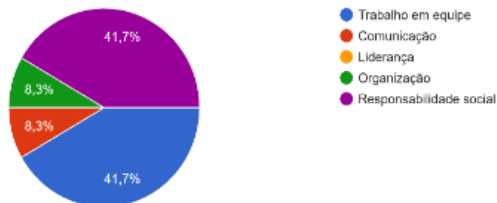
Avaliação da disciplina pela turma

Ao término do Projeto de Extensão Comunitária, foi realizado um questionário on-line com o objetivo de compreender as percepções dos estudantes sobre a experiência vivenciada. No total, 12 alunos responderam ao formulário (a turma contava com 21 estudantes), relatando aspectos positivos, desafios enfrentados e aprendizados adquiridos ao longo das atividades desenvolvidas no Chá do Padre.

Um panorama geral das respostas da parte quantitativa do formulário pode ser obtido a partir dos gráficos abaixo. Essas avaliações tenderam a ser mais negativas e, como se verá melhor mais à frente, contrastam com a média das respostas às perguntas qualitativas.

Qual competência você acha que mais desenvolveu?

12 respostas

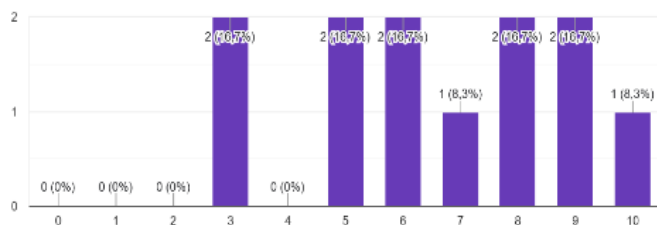


PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Fonte: autores

De 0 a 10, que nota você daria para sua experiência no Projeto de Extensão Comunitária?

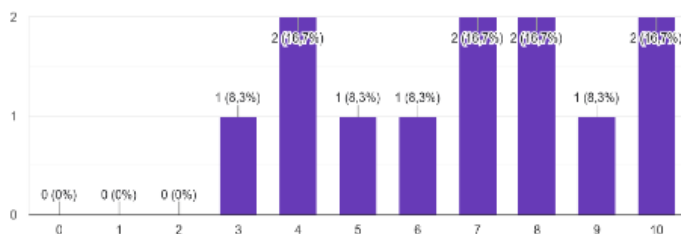
12 respostas



Fonte: autores

De 0 a 10, quanto você acha que o projeto contribuiu para o seu desenvolvimento acadêmico?

12 respostas

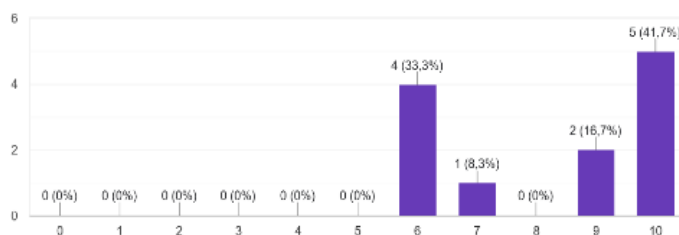


Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

De 0 a 10, como você avalia o trabalho em equipe durante o projeto?

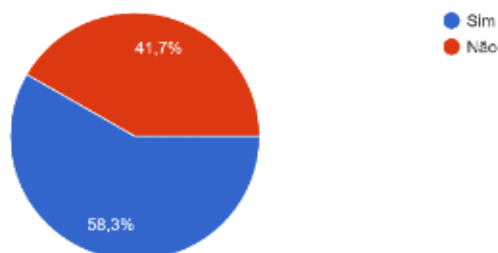
12 respostas



Fonte: autores

Você recomendaria participar desse projeto para outros colegas?

12 respostas



Fonte: autores

A compilação das respostas à parte qualitativa do formulário é oferecida a seguir.

Do que os estudantes mais gostaram?

De forma geral, os participantes destacaram o contato direto com pessoas em situação de rua e a possibilidade de enxergar novas perspectivas de vida como os principais pontos positivos da experiência. A vivência prática, fora do ambiente acadêmico, proporcionou momentos de reflexão, empatia e desenvolvimento pessoal, fortalecendo o senso de responsabilidade social.

Algumas das respostas dos participantes foram :

“A oportunidade de conseguir enxergar outras perspectivas da vida, que não estou acostumado.”

“Gostei da experiência de ter uma vivência no centro de São Paulo e conhecer uma outra realidade.”

“O contato com pessoas que não fazem parte do meu vínculo diário foi muito interessante e inspirador para minha vida.”

“A convivência com os moradores de rua e acompanhar a rotina do Chá do Padre foi algo marcante.”

O que poderia ser melhorado

Entre as sugestões de aprimoramento, os estudantes mencionaram a necessidade de ampliar o impacto das ações do projeto, tornando-as menos assistencialistas e mais transformadoras. Também foram citadas questões logísticas, como horários das visitas e maior engajamento coletivo nas atividades, de acordo com os participantes:

“Talvez existam outras parcerias em que poderíamos ter uma ação mais efetiva.”

“O projeto não deveria ter visitas de tarde, pois algumas pessoas trabalham e não conseguiram participar.”

“Acho que contribuimos de forma muito superficial e assistencialista.”

“A presença de todos os alunos em todas as visitas seria importante.”

Contribuições para o aprendizado pessoal e profissional

As respostas evidenciam que o projeto contribuiu significativamente para o crescimento pessoal e humano dos estudantes. O contato com realidades sociais distintas possibilitou o desenvolvimento de competências como empatia, escuta ativa, trabalho em equipe e responsabilidade cidadã. Como os participantes escreveram a seguir :

“Contribuiu para a formação de um engenheiro mais humano e solidário.”

“Me ensinou a ter mais empatia no dia a dia e na hora de desenvolver soluções.”

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

“Contribuiu muito para meu aprendizado pessoal e profissional.”

“Conversei com os trabalhadores do Chá do Padre e aprendi muito sobre as pessoas em situação de rua.”

Dificuldades enfrentadas e soluções encontradas

Os principais desafios relatados pelos alunos estiveram relacionados à adaptação ao ambiente novo, à comunicação com o público atendido e à elaboração do projeto final. Essas dificuldades foram superadas por meio de diálogo, empatia e colaboração em grupo, demonstrando maturidade e capacidade de resolução coletiva de problemas.

“A principal dificuldade foi entender os problemas que o Chá do Padre tinha, e isso foi resolvido com o diálogo.”

“Tive dificuldade em elaborar o projeto final, mas consegui resolver conversando com os assistentes sociais.”

“Estar exposto a um ambiente novo e desconfortável foi desafiador.”

“A socialização foi complicada no início, mas foi superada com empatia e apoio mútuo.”

Experiência geral

Quando convidados a resumir sua vivência em uma palavra ou frase, os alunos expressaram sentimentos predominantemente positivos, como “boa”, “diferente”, “vivência”, “união”, “cooperação” e “admiração”. Essas respostas refletem o impacto humano e formativo do projeto, reforçando seu papel no desenvolvimento integral dos estudantes.

“Boa, pois foi uma experiência e conhecer a realidade dessas pessoas.”

“Diferente.”

“União.”

“Admiração tanto por quem vive nessa situação e por quem ajuda eles.”

Diferentemente da avaliação quantitativa, a qualitativa parece mostrar que o Projeto de Extensão Comunitária foi, para a maioria dos estudantes, uma experiência marcante e transformadora. A vivência despertou olhares com mais empatia, solidariedade e compromisso social que cada um carrega enquanto futuro profissional e cidadão. Mesmo com alguns desafios ao longo do caminho, o grupo reconhece

que o projeto proporcionou aprendizados que vão muito além da sala de aula, aprendizados sobre pessoas, sobre convivência e sobre si mesmos.

Avaliação da disciplina pela organização parceira

Para essa avaliação, entrevistamos o Giuliano Saragiotto, que nos acompanhou em todas as imersões e é a pessoa responsável pelo voluntariado com instituições acadêmicas. Apresentamos abaixo uma síntese das respostas dele.

A equipe do Chá do Padre avaliou de forma muito positiva a participação dos grupos de extensão comunitária vinculados à disciplina. As visitas ocorrem mensalmente, sendo destacada pelo bom preparo dos alunos para as atividades propostas. Segundo a instituição, os estudantes demonstram respeito às normas e à rotina da casa, chegando em número adequado e com postura colaborativa.

Os materiais e atividades propostas nas ações foram avaliados como bons, e as atividades realizadas apresentaram variedade moderada, permitindo tanto a execução de tarefas operacionais quanto a promoção de momentos de diálogo e escuta ativa com os participantes. A equipe do Chá do Padre ressaltou que os grupos se mostram sempre abertos a ouvir sugestões, o que contribui com a integração com os profissionais da instituição e com o fortalecimento do trabalho conjunto.

De acordo com a avaliação, as ações dos grupos contribuem significativamente com o fortalecimento da comunidade atendida, ajudando a melhorar a autoestima das pessoas em situação de rua. A presença dos estudantes é vista como uma forma de dar visibilidade às dificuldades enfrentadas por essa população e, ao mesmo tempo, demonstrar solidariedade e compromisso social com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Entre os impactos mais positivos observados, destacou-se a realização de doações e campanhas de arrecadação promovidas pelos alunos, que trouxeram benefícios concretos à casa e aos seus frequentadores. Entretanto, a organização reconhece alguns desafios, especialmente na mudança de mentalidade dos próprios trabalhadores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

e participantes da casa, de modo que todos compreendam a importância do trabalho dos grupos e da convivência com novos públicos que ajudam a superar preconceitos.

Como possibilidade de aprimoramento, a instituição sugere que os grupos se aproximem ainda mais dos participantes, buscando momentos de escuta e convivência genuína, e que as próximas ações incluam campanhas de arrecadação de roupas e materiais de higiene, além de pequenas melhorias estruturais na casa, como pinturas e reparos.

Por fim, o Chá do Padre destacou que os grupos conseguem compreender melhor a realidade das pessoas atendidas à medida que se envolvem nas atividades, o que favorece o vínculo humano e o entendimento da complexidade social vivenciada pela população em situação de rua. A relação entre os alunos e os frequentadores é considerada positiva e respeitosa, e o diálogo contínuo entre a equipe do projeto e a instituição parceira é visto como fundamental para fortalecer ainda mais o trabalho conjunto.

Escola O Semeador

Desde sua fundação, em 1974, a Escola Metodista de Educação Especial “O Semeador” tem se dedicado a uma missão nobre: promover o desenvolvimento, a autonomia e a inserção social de crianças e adolescentes com deficiência intelectual, múltiplas deficiências e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Instituição beneficente e sem fins lucrativos, a escola é mantida pela Associação Metodista de Ação Social (AMAS), da Igreja Metodista de São Caetano do Sul, e tornou-se ao longo dos anos uma referência no atendimento educacional especializado, especialmente no trabalho com alunos com autismo.

A AMAS é uma organização da sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com atuação nas áreas de educação e assistência social, primando pela garantia e defesa dos direitos das pessoas com deficiência e de suas famílias desde 15 de novembro de 1974, ininterruptamente.

Por anos, a Escola “O Semeador” funcionou nas dependências da Igreja Metodista, na Rua Amazonas, em São Caetano do Sul. No início dos anos 80, a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul cedeu o terreno localizado na Rua dos Meninos, em regime de comodato, para a construção da escola em sua sede atual. Em 2022, a instituição recebeu da prefeitura de São Caetano a cessão do espaço para uso por prazo indeterminado. A instituição conta com espaço físico de 2.066 m², onde seus assistidos participam de atividades como informática, artes, musicalização, expressão corporal, dança, karatê, circo, cinoterapia, atividades da vida diária e prática, construção de valores, projeto de vida e atividades físicas, a fim de proporcionar-lhes convívio, qualidade de vida e um envelhecimento saudável.

Atualmente, a instituição atende 104 pessoas com as mais diversas deficiências: física, intelectual, auditiva, visual, múltiplas deficiências e TEA – Transtorno do Espectro Autista.

A proposta pedagógica da Escola “O Semeador” vai muito além do currículo formal. Embora siga as diretrizes da escola regular, o ensino é cuidadosamente adaptado às necessidades dos alunos, incorporando práticas inovadoras e recursos interdisciplinares. As atividades oferecidas incluem arte-educação, educação cristã, educação para o pensar, educação ambiental, educação física

adaptada, expressão corporal, musicalização, tecnologia assistiva, além de brinquedoteca, jogoteca, laboratório de informática e projeto de comunicação alternativa para estudantes não oralizados.

Todo o trabalho é sustentado por uma equipe multidisciplinar comprometida e qualificada, composta por pedagogos, assistente social, psicólogos, fonoaudiólogas, coordenadora pedagógica, diretora escolar, auxiliares de classe e demais profissionais de apoio. O cuidado com a formação de vínculos afetivos, o respeito à individualidade e a criação de um ambiente acolhedor são marcas registradas da instituição. O prédio escolar é acessível e adaptado, garantindo a mobilidade e a autonomia dos alunos com deficiência física ou visual.

A parceria com as famílias é considerada essencial. Por meio de encontros e orientações, é fortalecida a relação entre escola, aluno e comunidade, criando uma rede de apoio efetiva. Também são estabelecidas parcerias com escolas municipais, possibilitando que os alunos frequentem, sempre que possível e benéfico, o ensino regular em período complementar.

Além do seu papel educacional, a escola desempenha uma função social vital. Contudo, exatamente por atender, em grande parte, estudantes em situação de vulnerabilidade, “O Semeador” enfrenta hoje um grande desafio: a ameaça de encerramento de suas atividades devido à redução significativa dos recursos públicos.

Nesse cenário de muitas potências, mas também de várias vulnerabilidades, a parceria do IMT com a escola busca contribuir tanto para a realização dessas potências quanto para a superação, ao menos em parte, das fragilidades.

Experiências da imersão: um encontro com a educação inclusiva

Como parte do projeto de Extensão Comunitária do Instituto Mauá de Tecnologia, os estudantes da primeira série de uma turma de engenharia e uma de administração e relações internacionais tiveram a oportunidade de vivenciar uma rica experiência de imersão junto à Escola Metodista “O Semeador”, parceira da iniciativa. O objetivo foi promover um primeiro contato significativo com a realidade da educação inclusiva, favorecendo o desenvolvimento da empatia, da escuta ativa e de uma postura crítica e sensível diante dos desafios sociais e educacionais, ao mesmo tempo em que se buscava contribuir para alguma demanda efetiva da escola.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

O percurso de imersão contou com dois momentos iniciais. O primeiro ocorreu no começo de agosto, durante um evento promovido pelo IMT para os estudantes ingressantes do início de 2025. Nesse encontro, o projeto de extensão comunitária foi oficialmente apresentado, juntamente com as entidades parceiras — entre ONGs, escolas e outras instituições sociais. Representando a Escola “O Semeador”, a coordenadora pedagógica Ana Lúcia Vitali realizou uma breve apresentação sobre a missão, a história e as ações da escola. Ao final, abriu-se espaço para perguntas e interações com os estudantes, com o propósito de despertar o interesse e estabelecer o primeiro vínculo entre os futuros extensionistas e a instituição.

O segundo momento foi uma atividade individual de pesquisa. Cada estudante foi convidado a buscar, de forma autônoma, notícias, conteúdos e informações sobre a escola parceira em redes sociais e em *sites da internet*. Esse movimento permitiu que os alunos se familiarizassem com a proposta da escola, com as ações que ela desenvolve e com o impacto que ela exerce na vida das crianças, adolescentes e famílias atendidas.

Na sequência, os estudantes compartilharam suas descobertas com os colegas em sala de aula, em um momento coletivo de troca e reflexão. A partir das informações reunidas, responderam a algumas perguntas orientadoras que instigavam a análise crítica e sensível das primeiras impressões. Foi um momento importante para que os alunos começassem a desenvolver um olhar mais atento, questionador e acolhedor sobre o contexto da escola e de sua atuação.

Antes da primeira visita presencial ao “O Semeador”, os estudantes participaram de uma atividade preparatória que propôs uma reflexão profunda sobre a postura ética e humana necessária para esse encontro. Debateram sobre a importância de manter um olhar aberto, livre de julgamentos, de exercitar a empatia, de praticar a escuta ativa e de reconhecer tanto as potencialidades quanto as fragilidades presentes no cotidiano da escola e de seus sujeitos — profissionais, estudantes e famílias.

Essa preparação teve como foco a construção de um compromisso genuíno com a realidade que seria vivenciada, valorizando o respeito à trajetória da instituição e de cada pessoa envolvida em sua missão.

Como a escola fica localizada cerca de apenas 800 metros de distância do portão 3 do Instituto Mauá de Tecnologia, foi combinado

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

em comum acordo com os estudantes que a locomoção até lá seria feita a pé (cerca de 10 minutos de caminhada). Foi o que aconteceu.

E, assim, no dia 02 de setembro de 2025, os estudantes foram gentilmente recebidos pela professora Ana Lúcia Vitali, coordenadora pedagógica da instituição. A figura 2 ilustra as turmas na frente da escola. Nessa primeira imersão presencial, Ana Lúcia conduziu os calouros em um tour pelos diversos espaços da escola, apresentando salas de aula, laboratórios, ambientes de apoio pedagógico e a quadra poliesportiva — onde alguns dos atendidos estavam ensaiando uma apresentação para uma festa que aconteceria nos dias seguintes.

Figura 2. Estudantes em uma das visitas à Escola



Fonte: autores

Apesar do contato breve, os estudantes puderam vivenciar, mesmo que brevemente, a rotina das crianças e adolescentes atendidos, observar interações nos corredores, conhecer os recursos adaptados e, sobretudo, perceber a força do trabalho ali realizado, marcado por dedicação, criatividade e compromisso com a inclusão.

Ao final da visita, todos se reuniram em uma roda de conversa em uma das salas da escola. Nesse momento de escuta e troca, a professora Ana Lúcia compartilhou os desafios enfrentados pela instituição no dia a dia — especialmente no que diz respeito à manutenção das atividades e à infraestrutura —, da captação de recursos ao apoio à comunidade nas ações festivas da escola.

A escuta atenta por parte dos estudantes foi uma das estratégias para criar um vínculo mais profundo entre a comunidade acadêmica e

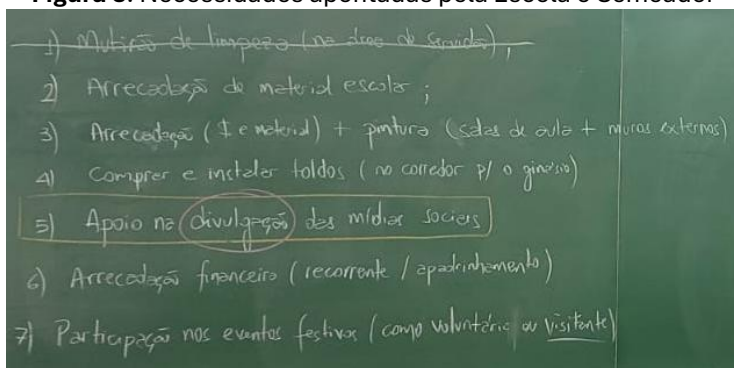
a realidade vivida na escola. Para alguns, esse momento parece ter representado um divisor de águas, uma oportunidade de olhar para fora dos muros da universidade e reconhecer a potência transformadora de pequenos gestos, quando colocados a serviço do bem comum.

A imersão presencial foi mais do que uma simples visita. Ela foi a abertura de um caminho de aproximação, cooperação e responsabilidade social. Um convite concreto para que os estudantes se tornem agentes ativos no fortalecimento de projetos que semeiam dignidade, inclusão e esperança.

Nas etapas seguintes — realizadas em sala de aula —, ocorreram conversas orientadas pelo professor das turmas, Daniel K. Scheffer, nas quais foram feitas reflexões sobre a visita e sobre as possíveis propostas de atuação dos estudantes extensionistas, com o objetivo de fortalecer as ações desenvolvidas pela Escola “O Semeador”.

A partir das necessidades apontadas pela coordenadora da escola, foi elaborado um levantamento de ações que poderiam ser desenvolvidas pelos calouros como iniciativas extensionistas de caráter comunitário. A figura 3 a seguir ilustra um dos momentos em sala de aula em que as demandas mais urgentes foram listadas e debatidas coletivamente.

Figura 3. Necessidades apontadas pela Escola o Semeador



Fonte: autores

A partir daí, caberia às turmas definir as frentes em que atuariam e passar a essa atuação. Esse processo é apresentado na próxima seção.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Projetos desenvolvidos

Proposta Inicial

A primeira ideia que emergiu após a escuta das representantes da escola foi a realização de um mutirão de pintura das salas de aula e dos muros externos, que se encontravam desgastados pela exposição ao clima. Essa iniciativa teria caráter coletivo, engajando todos os alunos participantes do projeto. Algumas fotos da parte externa da Escola, que evidenciam a necessidade de reforma, são apresentadas no quadro 1.

Quadro 1. Fotos da algumas áreas externas da Escola.



Fonte: autores

Quando apresentada em sala, a proposta recebeu aceitação unânime dos estudantes, que se mostraram entusiasmados com a possibilidade de contribuir de forma prática e direta para a melhoria do ambiente escolar. Contudo, ao aprofundar a discussão sobre a viabilidade da ação, identificou-se que o mutirão dependeria não apenas do trabalho voluntário, mas também de uma estrutura de arrecadação de recursos e materiais.

Para tornar a proposta possível, seria necessário realizar campanhas de doação, tanto em dinheiro quanto de insumos específicos — como tintas, pincéis, rolos, lixas e demais materiais de pintura. Chegou-se, inclusive, a esboçar uma logística de execução, dividindo as turmas em equipes com responsabilidades distintas: uma parte ficaria encarregada de buscar doações financeiras, enquanto outra se dedicaria à prospecção de doações de materiais junto a lojas de construção e *home centers*.

Entretanto, ao considerar o prazo limitado para a conclusão do projeto — previsto para o início de novembro —, ficou evidente que não haveria tempo hábil para mobilizar tais campanhas de arrecadação, garantir a obtenção dos recursos e organizar o mutirão de pintura. Diante dessa limitação de tempo e financeira, optou-se por redirecionar os esforços para ações alternativas, viáveis e relevantes tanto para os estudantes quanto para a escola.

Durante as reflexões realizadas em sala de aula, identificou-se que grande parte das necessidades levantadas pela escola apresentava caráter assistencial, envolvendo demandas por melhorias físicas e por apoio direto nas atividades cotidianas. No entanto, considerando que o projeto de extensão universitária do Instituto Mauá de Tecnologia tem como princípio fundamental promover o caráter comunitário e formativo das ações — ou seja, estimular o empoderamento do parceiro e a autonomia das instituições envolvidas —, as discussões entre docente e estudantes passaram a buscar alternativas que unissem viabilidade prática, impacto social e sustentabilidade das ações.

Assim, após nova rodada de discussões e análise das necessidades da instituição, definiu-se que o foco do projeto seria o fortalecimento da presença digital da escola “O Semeador” nas mídias sociais, contribuindo para ampliar sua visibilidade, a divulgação de suas atividades e o engajamento comunitário.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Redefinição das Ações e Desenvolvimento das Propostas

Entre as sugestões apresentadas estavam:

Apoio nas campanhas de marketing para divulgação das festividades e eventos da escola;

Ajuda para conscientizar e ensinar o público sobre como doar créditos de cupons fiscais ou fazer a doação de maneira eletrônica via programa da “Nota Fiscal Paulista” em benefício da instituição;

Colaboração na criação de um vídeo institucional, com o objetivo de apresentar o trabalho desenvolvido pela escola e atrair novos apoiadores.

A partir dessas possibilidades, os estudantes optaram por estruturar suas ações dentro dessas temáticas, formando equipes de quatro a seis integrantes que se responsabilizariam pelo desenvolvimento de projetos específicos. As propostas definidas e escolhidas pelos estudantes foram as seguintes:

Apoio na sala de informática da escola, com foco no mapeamento de problemas técnicos e manutenção dos equipamentos, caso fosse possível;

Elaboração de um manual prático com orientações para criar apresentações criativas e atrativas para divulgar as festas e eventos da escola, utilizando a plataforma Canva;

Criação de vídeo e material educativo para ensinar o público a doar cupons fiscais e notas fiscais em prol da escola — essa proposta foi escolhida por três grupos diferentes;

Inscrição e criação de um perfil institucional da escola na plataforma ATADOS, que conecta voluntários às oportunidades de atuação social;

Criação de um vídeo institucional para divulgação da escola nas redes sociais.

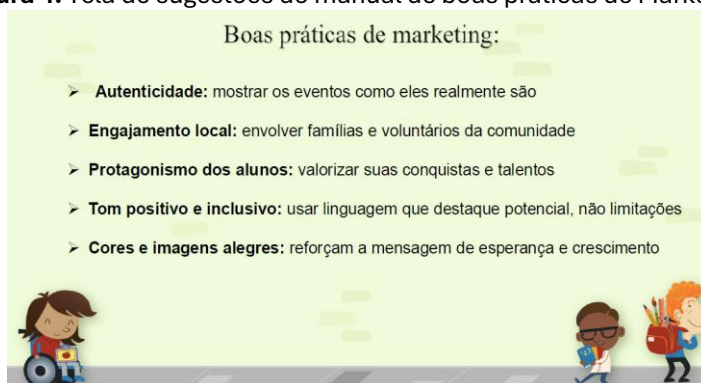
Após a definição das temáticas, os grupos foram orientados a planejar e iniciar as propostas que escolheram. Os encontros seguintes em sala de aula foram voltados à apresentação da evolução dos projetos ao professor. Esses momentos de troca serviram para refinar os objetivos, ajustar o escopo das ações e alinhar a linguagem e os recursos de cada projeto às necessidades do parceiro. Nessa fase de execução, os estudantes aplicaram habilidades de planejamento, comunicação e trabalho em equipe.

A proposta da equipe responsável pelo apoio à sala de

informática foi realizar um levantamento dos equipamentos disponíveis, identificando falhas, limitações de hardware e necessidades de manutenção. O grupo iria elaborar um relatório diagnóstico, para que, posteriormente, outros grupos pudessem aplicar soluções corretivas ou até mesmo realizar a troca de componentes.

O grupo responsável pela elaboração do manual de criação de apresentações criativas produziu um guia prático com instruções sobre o uso da plataforma Canva, apresentando modelos e sugestões visuais para facilitar a divulgação das festas e campanhas da escola (Figura 4). O material foi estruturado de maneira didática, permitindo que os próprios colaboradores da instituição criem conteúdo de forma autônoma no futuro.

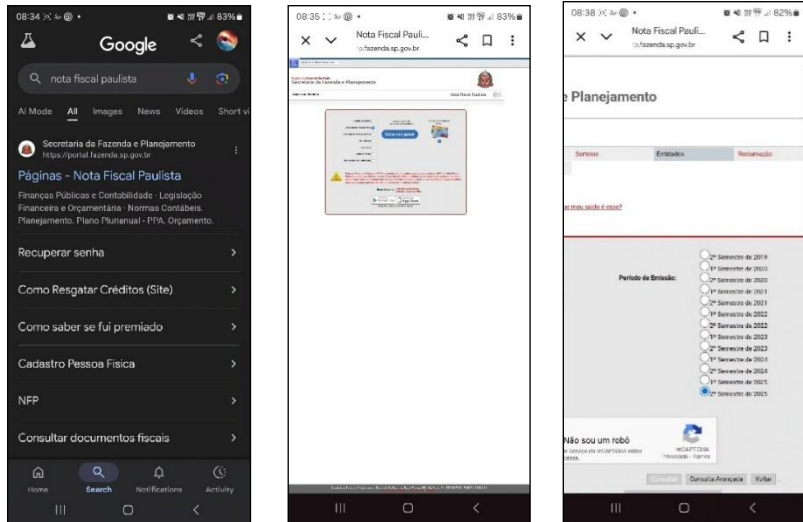
Figura 4. Tela de sugestões do manual de boas práticas de Marketing.



Fonte: autores

Os grupos que se dedicaram à criação de vídeos e/ou materiais educativos sobre a doação de cupons fiscais e cadastramento no site da Nota Fiscal Paulista desenvolveram *layouts* e estratégias de comunicação voltadas à conscientização do público sobre a importância dessa forma de apoio financeiro à escola. Tentou-se produzir um material acessível e didático, utilizando linguagem simples e elementos visuais que facilitassem a compreensão de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. A figura 5 ilustra alguns exemplos de telas utilizadas na edição do vídeo de um dos grupos; a figura 6 apresenta um roteiro de outra equipe para organizar o processo criativo de edição do vídeo dela.

Figura 5. Telas capturadas no site da Nota Fiscal Paulista para usar na edição do vídeo.



Fonte: autores

Figura 6. Roteiro de vídeo apresentado por um dos grupos na etapa de criação.

Objetivo do Projeto
Conscientizar o público sobre a importância de doar cupons fiscais para apoiar a instituição carente.

Serão produzidos dois formatos de vídeo:
1. Vídeo institucional (1min30s-2min)
2. Vídeo curto (30-45s) para redes sociais

Roteiro – Vídeo Institucional (1min30s-2min)

[1] Abertura – Emoção e contexto (0:00-0:20)

- Imagens da escola e narração inspiradora.
- Música leve e esperançosa.

[2] O Desafio – A realidade (0:20-0:40)

- Mostra estrutura simples, professores dedicados e dificuldades enfrentadas.
- Narração sobre a importância do apoio da comunidade.

[3] A Solução – O Cupom Fiscal (0:40-1:10)

- Mostra uma pessoa segurando um cupom fiscal.
- Explica de forma simples como doar o cupom sem CPF.
- Cena de alguém colocando o cupom em uma caixinha da instituição.

[4] O Impacto – Resultados (1:10-1:30)

- Mostra as melhorias e as crianças felizes com o apoio recebido.
- Narração reforça que cada doação faz diferença.

[5] Encerramento – Chamada para ação (1:30-1:45)

- Texto final na tela: 'Doe seus cupons fiscais. Ajude a transformar vidas.'
- Narração: 'A sua ajuda faz a diferença. Participe!'
- Música sobe e encerra com tom positivo e inspirador.

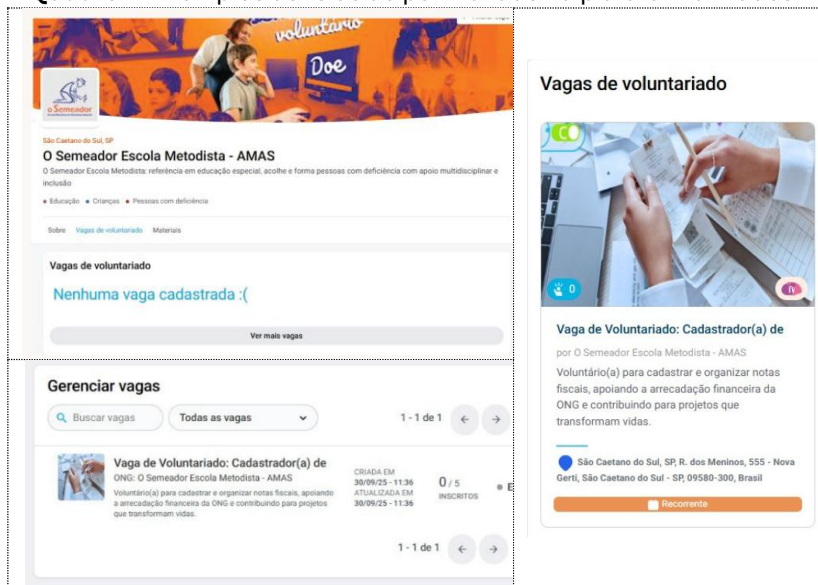
Fonte: autores

O grupo que propôs cadastrar a escola na plataforma ATADOS

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

executou o processo de inscrição institucional e produziu um perfil completo de “O Semeador”, destacando sua missão, suas atividades e as oportunidades de voluntariado. Essa ação buscou fortalecer a rede de apoio comunitário, conectando a instituição a potenciais colaboradores e voluntários interessados em contribuir para o projeto educacional. No quadro 2, são apresentadas algumas telas da plataforma como exemplo de divulgação.

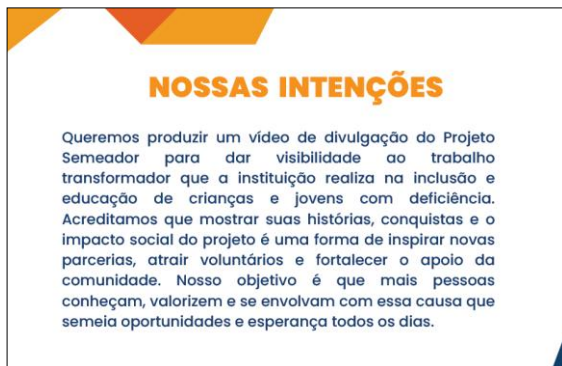
Quadro 2. Exemplos de telas do perfil criado na plataforma Atados.



Fonte: autores

Já a equipe que desenvolveu o vídeo institucional trabalhou na roteirização, gravação e edição de imagens, com o objetivo de apresentar o trabalho da escola e sua relevância social. A proposta inicial desse grupo é apresentada na figura 7. O vídeo foi pensado para ser divulgado nas redes sociais. Esse grupo foi o que mais interagiu com a escola, pois, para captar imagens das diversas atividades que lá ocorrem, os integrantes realizaram algumas visitas por conta própria.

Figura 7. Parte da apresentação do grupo na etapa de desenvolvimento.



Fonte: autores

Como parte do processo de validação das ações de extensão, realizou-se uma segunda visita à escola no final do mês de outubro. Nessa ocasião, estiveram presentes o professor do projeto e todos os estudantes participantes. Nossa comitiva foi recepcionada pela diretora, profa. Eliete Garcia de Souza, e pela coordenadora pedagógica, profa. Ana Lúcia Vitali.

O principal objetivo dessa visita foi apresentar às representantes da escola os projetos que estavam em andamento, oferecendo uma visão geral das propostas e das soluções criadas por cada grupo. A atividade teve caráter interativo e colaborativo, configurando-se como um importante momento de diálogo e escuta ativa entre os universitários e o parceiro.

Durante o encontro, cada equipe expôs os objetivos e os resultados parciais de seu projeto por meio de apresentações orais com recursos audiovisuais. As representantes da escola puderam avaliar as propostas, expressar opiniões e sugerir ajustes que tornariam os produtos ainda mais adequados às suas necessidades.

O encontro foi extremamente proveitoso, pois permitiu alinhar expectativas e aprimorar os materiais antes da entrega final. Esse momento de feedback direto fortaleceu o vínculo entre os estudantes e a escola parceira, reafirmando o caráter participativo da extensão universitária e garantindo que os resultados obtidos fossem significativos, aplicáveis e realmente úteis para a instituição.

Além disso, a visita teve um valor humano especial, pois possibilitou que os estudantes tivessem uma interação, ainda que breve, com as crianças e adolescentes atendidos pela escola (Figuras 8

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

e 9). Para a grande maioria, essa era a primeira experiência de contato direto com pessoas com deficiência, o que pode ter gerado reflexões profundas sobre inclusão, empatia e respeito às diferenças. A sensibilidade e desenvoltura da professora Valéria foram fundamentais para mediar essa interação de forma acolhedora e educativa, proporcionando um momento de aprendizado significativo tanto para os alunos da Mauá quanto para os da escola.

Figura 8. Segunda visita dos estudantes do IMT à Escola o Semeador: na esquerda da foto, aparecem as professoras Valéria e Ana Lúcia.



Fonte: autores

Figura 9. Segunda visita dos estudantes do IMT à Escola o Semeador.



Fonte: autores

Após os acertos necessários nos projetos dos estudantes, foi incentivado que, por conta própria, cada grupo realizasse uma última visita ao Semeador para que as versões finais fossem entregues, acompanhadas de textos explicativos ou orientações de uso, garantindo que as ações pudessem ser aproveitadas e multiplicadas pela equipe da instituição.

Avaliação da jornada da Extensão Comunitária

Avaliação da experiência pelo parceiro

A escola gostou da parceria (já de alguns anos) entre o Semeador e a Mauá, reconhecendo que a interação com estudantes e professores é de grande importância e utilidade para a instituição. No geral, além disso, os trabalhos entregues pelos grupos foram bem avaliados, não tendo nenhum ponto negativo sinalizado.

Avaliação da experiência pelos estudantes

A partir dos depoimentos dos estudantes participantes, foi possível identificar percepções bastante positivas acerca da vivência e dos impactos da atividade.

De modo geral, os relatos evidenciam que o projeto foi percebido como uma oportunidade significativa de aprendizado humano, social e profissional. Muitos estudantes destacaram a percepção de utilidade e contribuição concreta para uma causa relevante, expressando satisfação por poder aplicar, na prática, alguns conhecimentos adquiridos em sala de aula — especialmente nas áreas de marketing,

comunicação e tecnologia — em prol de uma instituição que atua com um propósito social tão nobre.

Os depoimentos também revelam que a experiência proporcionou um encontro transformador com uma realidade até então pouco conhecida pela maioria dos estudantes: o universo da educação inclusiva e do atendimento a pessoas com deficiência. Para muitos, essa foi a primeira vivência direta com crianças e adolescentes com necessidades especiais, o que despertou sentimentos de empatia, respeito e valorização da diversidade humana.

Houve ainda menções frequentes à importância da convivência e do diálogo com os atendidos, professoras e funcionárias da escola, descritos como pessoas acolhedoras, gentis e inspiradoras. Esse contato direto foi considerado emocionante e enriquecedor, pois permitiu que os estudantes compreendessem, de forma sensível e concreta, o impacto que pequenas ações podem gerar na vida de outras pessoas.

Entre os estudantes da turma de engenharia, destacou-se também a percepção de que o projeto contribuiu para o desenvolvimento de competências essenciais à formação profissional, como trabalho em equipe, empatia, comunicação e responsabilidade social. Muitos reconheceram que a experiência os ajudou a ampliar horizontes, a compreender o papel social do engenheiro e a enxergar a extensão universitária como um espaço de aprendizado complementar à sala de aula.

De forma unânime, os participantes avaliaram o projeto como uma iniciativa valiosa e inspiradora, que os aproximou da comunidade, promoveu reflexões sobre cidadania e solidariedade, e reforçou a importância de usar o conhecimento técnico e acadêmico a serviço do bem coletivo.

Aspectos desafiadores e pontos de melhoria detectados

Embora a experiência de extensão com a Escola “O Semeador” tenha sido amplamente avaliada de forma positiva, os relatos dos estudantes também permitiram identificar alguns desafios e pontos de melhoria a serem considerados para futuras edições do projeto.

De modo geral, as observações indicam que o principal ponto de insatisfação esteve relacionado à dificuldade de conciliar os horários das atividades de extensão com outras demandas acadêmicas, que ocorriam no mesmo horário em que se realizaram as visitas. Alguns estudantes mencionaram, ainda, que os horários das visitas e reuniões

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

foram, por vezes, marcados com pouca antecedência ou coincidiam com aulas e obrigações regulares, o que dificultou a participação integral e a organização das equipes.

Outro aspecto amplamente mencionado foi o desejo de maior contato com as crianças e adolescentes atendidos pela escola. Diversos estudantes expressaram que gostariam de ter tido momentos de interação direta com os atendidos, compreendendo que esse convívio traria uma dimensão mais humana e emocional à experiência.

Alguns relatos também destacaram limitações de tempo e recursos para o desenvolvimento das propostas. O curto período destinado à execução do projeto — somado às atividades finais do semestre — foi apontado como um fator que restringiu a possibilidade de aprimorar os trabalhos e de realizar ações complementares. Em menor número, houve menções à falta de materiais ou suporte técnico para concretizar algumas ideias.

Entre as turmas, surgiram ainda sugestões de que os estudantes pudessem ter escolhido o parceiro com o qual atuaria em projeto de extensão comunitária, permitindo que cada um se engajasse em temáticas mais próximas de seus interesses pessoais e profissionais.

Por fim, alguns comentários pontuais abordaram a necessidade de aprimorar a comunicação e a organização logística entre os envolvidos — tanto na divulgação das atividades quanto na confirmação das visitas —, de modo a garantir um planejamento mais eficiente e previsibilidade.

Apesar desses desafios, é importante destacar que os estudantes reconheceram que tais dificuldades não comprometeram o resultado final do projeto, mas ofereceram lições valiosas sobre trabalho em grupo, gestão de tempo e resolução de imprevistos — competências igualmente relevantes para a formação pessoal e profissional.

Referências

Site: <http://escolaosemeador.com.br/lp/>, acessado em 15/10/2025.

Site: <https://www.expositorcristao.com.br/o-semeador-50-anos/>, acessado em 15/10/2025.

Site: https://redetea.com.br/local/escola-metodista-o-semeador/?srsltid=AfmBOooD6bajJg3mpmBuOSXt4kFWfbBNutwjQ9vX_noJdrtdG825JR1T, acessado em 15/10/2025

ETEC Heliópolis

A entidade parceira

A escola ETEC de Heliópolis – Arquiteto Ruy Ohtake, localizada na Estrada das Lágrimas, 2461, Bairro João Clímaco, é um instituto público de ensino médio e técnico que oferece cursos integrados de Administração, Design de interiores, Edificações, Nutrição, entre outros.

A região de Heliópolis é um distrito de Sacomã negligenciado pela prefeitura e outros corpos de administração pública. Por conta disso, a favela de Heliópolis consta entre as maiores do Brasil e a segunda maior do estado de São Paulo.

Visto esse cenário, surge um movimento organizado dos moradores da comunidade, a UNAS (União de Núcleos, Associações e Sociedade de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), fundada em 1978, que, insatisfeitos com as condições da sua região, unem-se com o propósito de mudar a realidade em que vivem. Nesse sentido, a ETEC surge para garantir aos jovens das redondezas oportunidades de educação adequadas, além de cursos técnicos, a fim de assegurar-lhes melhores possibilidades no mercado de trabalho.

Figura 1: Entrada da ETEC de Heliópolis (Fonte: site da ETEC-CPS)



Fonte: autores

O trabalho

O trabalho realizado pela nossa turma foi o de passar para os alunos do 2º anos do curso de Administração uma missão: Salvar, figurativamente, uma empresa da falência, a Gurgel Motores, uma empresa automobilística completamente nacional, mas que fechou as portas nos anos 90, por diversos fatores. Esse projeto tinha como objetivo fazer com que os jovens tivessem a oportunidade de desenvolver softskills, fazendo-os trabalhar em equipes para pesquisar, idealizar soluções e montar apresentações, no modelo *pitch*, de suas ideias para que a empresa evitasse sua falência. O projeto no geral foi organizado em três visitas:

- Na primeira, nós fomos até a ETEC com alguns objetivos: o de apresentar o Instituto Mauá de Tecnologia; apresentar o que foi a Gurgel Motores, sem ainda passar qual seria o objetivo deles, apenas para que eles comesçassem suas pesquisas sobre o assunto; e para que pudéssemos nos conhecer e que houvesse uma troca de experiências entre nós.

- Na segunda visita, quatro semanas após a primeira, os alunos de Administração vieram à Mauá, onde fizeram uma rápida visita pelo campus. Após isso, nos reunimos com eles para lhes explicar a missão deles. Então, eles se reuniram em grupos de até 6 pessoas e tiveram 1 hora para pesquisar, 30 minutos para montar a apresentação final e apenas 3 minutos para apresentá-la. Nós da Mauá nos dividimos em dois grupos: “orientadores”, que, em duplas, deveriam ajudar os alunos da ETEC em todo o processo de pesquisa e organização da apresentação; e “avaliadores”, que, seguindo os critérios de avaliação de *hackathon* criados pela equipe da entidade do INOVA, analisariam criticamente a apresentação de cada grupo para decidir qual seria o vencedor.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 2: Grupos de alunos durante a segunda visita (Fonte: Foto autoral)



Fonte: autores

- Na terceira visita, duas semanas após a segunda, nós fomos à ETEC novamente para anunciar a equipe vencedora e dar o feedback aos alunos, encerrando nosso projeto.

Figura 3: Foto em grupo do encerramento do projeto, no auditório da ETEC (Fonte: Foto autoral)



Fonte: autores

Conclusões, aprendizados e perspectivas

Tendo finalizado nosso projeto, a turma concluiu que foi uma experiência gratificante poder trabalhar com os jovens da região de Heliópolis, tanto por compreender uma nova perspectiva que muitos de nós não conhecíamos, quanto por auxiliá-los a ampliar os horizontes em relação às possibilidades e ao potencial que eles têm.

Obtivemos êxito em relação aos objetivos, de forma que eles demonstraram uma grande aptidão para trabalhar em equipe em condições de tempo escasso, além de terem uma ótima capacidade de organização dos trabalhos. Entretanto, apresentaram limitações esperadas, como falas contraditórias ou falta de aprofundamento nas ideias apresentadas.

Dito isso, foi uma vivência enriquecedora para ambos os lados e que deve ser continuada nos próximos anos com uma metodologia semelhante, pois ela se mostrou muito proveitosa. Sugerimos, porém, uma problemática mais atual ou que esteja no repertório dos jovens. Isso pode despertar mais o interesse deles no projeto, levando-os a ter mais envolvimento, por exemplo.

Referências

SOUZA, Centro Paula, 2025. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/etecs/etec-de-heliopolis-heliopolis/>. Acesso em 01 nov. 2025.

SOUZA, Centro Paula, 2025. Disponível em: <https://etecheliopolis.cps.sp.gov.br/nossa-historia/>. Acesso em 01 nov. 2025.

ETEC Lauro Gomes (São Bernardo do Campo)

A Entidade Parceira

A Escola Técnica Estadual (ETEC) Lauro Gomes é uma instituição de educação profissional localizada em São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. A ETEC oferece múltiplos cursos de formação técnica, voltados ao desenvolvimento de competências práticas e teóricas essenciais para a inserção no mercado de trabalho.



Fonte: autores

A ETEC Lauro Gomes valoriza significativamente o esforço e a dedicação de seus estudantes, reconhecendo-os por meio de premiações e incentivos que reforçam uma cultura de excelência acadêmica. A instituição apresenta um ambiente acolhedor e colaborativo, no qual as pessoas se importam genuinamente em aprender.

Diálogo Inicial e Levantamento de Necessidades

O público-alvo deste projeto consistiu em aproximadamente 20 estudantes da ETEC que enfrentavam dificuldades específicas em disciplinas matemáticas, incluindo:

- Cálculo
- Matrizes
- Trigonometria
- Funções
- Outras disciplinas matemáticas correlatas

Esses alunos apresentavam defasagens variadas em conteúdos matemáticos e buscavam apoio adicional para compreender melhor conceitos fundamentais para sua formação profissional.

O processo teve início com um encontro entre a turma do Mauá e os representantes da ETEC, no qual os estudantes técnicos compartilharam abertamente suas principais dificuldades e dúvidas em relação às disciplinas de matemática. Essa comunicação transparente foi fundamental para estruturar uma resposta educacional genuinamente alinhada às necessidades reais dos alunos. A disposição para dialogar e expor vulnerabilidades acadêmicas demonstrou o comprometimento de ambas as instituições com o aprendizado significativo.

O Trabalho Executado

Objetivo Geral: Colaborar para a superação de dificuldades em disciplinas de matemática, transformando temas tradicionalmente vistos como complexos em algo compreensível, acessível e prático por meio de uma metodologia colaborativa e dinâmica.

Objetivos Específicos:

- Identificar as principais dificuldades dos alunos da ETEC em cálculo, matrizes, trigonometria, funções e disciplinas correlatas
- Estruturar grupos especializados por matéria para oferecer ensino focado e de qualidade
- Desenvolver metodologias práticas e contextualizadas de ensino
- Criar um ambiente interativo no qual a participação ativa fosse incentivada
- Proporcionar exercícios graduados (do fácil ao difícil) para consolidar a aprendizagem
- Fortalecer a confiança dos alunos em relação à matemática

Metodologia e Estrutura Organizacional

A metodologia adotada baseou-se em dois elementos inovadores: especialização temática e rotação dinâmica.

Especialização Temática

Os 20 alunos do Mauá foram organizados em grupos de 4 a 5 pessoas, cada um especializado em uma disciplina matemática específica:

- Grupo de Cálculo

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

- Grupo de Matrizes
- Grupo de Trigonometria
- Grupo de Funções
- Outros grupos conforme necessário

Cada grupo se preparou intensamente em sua disciplina, revisando conteúdos, resolvendo exercícios diversos e planejando estratégias de explicação acessíveis. O objetivo era que cada grupo se tornasse referência em sua matéria, garantindo qualidade e profundidade nas explicações.

Metodologia de Roda de Matérias

No dia da atividade, os 20 estudantes da ETEC foram divididos em subgrupos de 4 a 6 pessoas. Criou-se um sistema de **rotação contínua** em que cada subgrupo passava por cada estação temática em períodos de **20 minutos**.

A dinâmica funcionava da seguinte forma:

1. O primeiro subgrupo iniciava no Grupo de Cálculo (20 minutos)
2. Ao sinal, todos os subgrupos se deslocavam simultaneamente para a próxima estação
3. O segundo subgrupo chegava ao Grupo de Cálculo enquanto o primeiro ia para Matrizes
4. Esse ciclo se repetia até que todos os subgrupos passassem por todas as estações

Este formato garantiu que:

- Todos tivessem acesso a todas as matérias
- Não houvesse exclusão ou privilégio de conteúdos
- A energia se mantivesse alta com movimento e renovação constantes
- Cada grupo recebesse atenção focada durante o período.

Estrutura de Cada Estação Temática

Em cada estação de 20 minutos, o grupo do Mauá realizava as seguintes atividades.

1. Introdução e Diagnóstico (5 minutos): Breve apresentação do tema, identificação de dúvidas específicas do subgrupo.

2. Explicação Prática (8 minutos): Uso de exemplos práticos, desenhos, diagramas e problemas contextualizados para tornar o conceito compreensível.

3. Exercícios Graduados (7 minutos):

- **Nível Fácil:** Exercícios básicos para consolidação inicial
- **Nível Médio:** Problemas que exigem compreensão e aplicação

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

-Nível Difícil: Desafios que estimulam pensamento crítico e aprofundamento

Cada subgrupo recebia uma sequência de exercícios com dificuldade progressiva, permitindo que participassem de forma ativa e pudessem medir seu próprio progresso durante o encontro.

Ações Realizadas e Etapas do Projeto

Etapa 1 – Planejamento e Organização (Pré-encontro):

Os 20 alunos do Mauá se dedicaram à preparação intensiva. Dividindo-se em grupos, cada um revisou profundamente sua disciplina, resolveu centenas de exercícios, identificou os conceitos mais frequentemente causadores de confusão e desenvolveu estratégias de explicação simples e acessíveis. A coordenação entre os grupos foi essencial para garantir a uniformidade de qualidade e a complementaridade entre as matérias.

Etapa 2 – Levantamento de Necessidades:

Um encontro prévio com representantes da ETEC permitiu que compreendêssemos exatamente quais eram as defasagens e dúvidas principais. Essa conversa franca orientou todo o nosso plano de ensino e garantiu que abordássemos o que realmente importava para os alunos.



Fonte: autores

Etapa 3 – Execução da Roda de Matérias:

No dia da atividade, os 20 estudantes da ETEC chegaram bem-educados, pontuais e visivelmente dispostos a aprender. O ambiente foi estabelecido de forma acolhedora, ressaltando que questionar e admitir dúvidas era não apenas permitido, mas também encorajado.

A roda de matérias começou com o deslocamento ordenado de subgrupos entre estações. A rotação criou dinamismo, evitando monotonia e mantendo a energia e concentração altos durante toda a atividade. Cada encontro de 20 minutos foi intenso, focado e prático.

Etapas 4 – Interação e Feedback em Tempo Real:

Durante cada sessão, os alunos do Mauá respondiam às perguntas imediatamente, adaptando as explicações conforme necessário. Observavam atentamente sinais de compreensão ou de dificuldade e ajustavam sua abordagem em tempo real. A presença de especialistas em cada matéria permitiu respostas aprofundadas e contextualizadas.

Etapas 5 – Encerramento e Reflexão Coletiva:

Após o ciclo completo de rodas de matérias, reunimo-nos para uma reflexão coletiva, na qual tanto os alunos do Mauá quanto os da ETEC compartilharam impressões e aprendizados. Foi um momento de integração e de reconhecimento do trabalho realizado em conjunto.

Resultados Observados

O engajamento dos alunos da ETEC foi excepcional. Apresentaram-se educados, curiosos e com genuína vontade de aprender. Participaram ativamente em cada estação, fizeram perguntas pertinentes e demonstraram interesse genuíno em compreender os conceitos.

Observações Qualitativas:

- **Participação ativa:** Os alunos não se limitavam a ouvir; questionavam, discutiam e exploravam conceitos
- **Progressão visível:** Era possível observar a diferença entre o início e o fim de cada sessão de 20 minutos
- **Colaboração entre pares:** Frequentemente, alunos da ETEC se ajudavam mutuamente na resolução dos exercícios
- **Atitude positiva:** Mesmo diante de desafios, mantinham postura construtiva e de abertura para aprendizado

Momentos Marcantes:

- Observar o "brilho nos olhos" quando um conceito que parecia impossível de repente fazia sentido
- Ver grupos animadamente discutindo problemas e chegando a soluções juntos
- Notar que a rotação entre matérias mantinha a energia alta e o interesse renovado

Conclusões, Aprendizados e Perspectivas Futuras

Avaliação Geral do Projeto

O projeto alcançou plenamente seus objetivos. A metodologia de roda de matérias, apoiada por grupos especializados, mostrou-se altamente eficaz. Conseguimos não apenas transmitir conteúdo matemático, mas criar um ambiente onde o aprendizado ocorreu de forma genuína, participativa e transformadora.

A estrutura de especialização temática garantiu profundidade e qualidade em cada matéria. A rotação dinâmica manteve o engajamento e permitiu que todos tivessem acesso igualitário a todos os conteúdos. A inclusão de exercícios graduados permitiu que alunos em diferentes níveis de compreensão progredissem em seu próprio ritmo.

Principais Aprendizados Coletivos

Para os alunos da Mauá (Facilitadores)

1. Especialização gera qualidade: Quando cada grupo se torna verdadeiramente especializado em sua área, a profundidade e a clareza das explicações melhoram significativamente.

2. Dinâmica e movimento energizam o aprendizado: A rotação de 20 minutos manteve os alunos e os facilitadores engajados. O movimento físico entre as estações renovava a energia mental.

3. Ensinar é aprender multiplicado: Preparar-se para explicar conceitos a outras pessoas exige aprofundamento próprio. Todos os membros da Mauá aprimoraram a compreensão de suas disciplinas.

4. Escuta ativa é fundamental: Ouvir as dúvidas específicas de cada subgrupo permitiu explicações personalizadas e relevantes.

5. Exercícios progressivos desenvolvem confiança: Oferecer desafios graduados, do fácil ao difícil, permitiu que os alunos vivenciassem sucesso progressivo.

6. Comunicação clara é uma habilidade profissional essencial: A capacidade de explicar conceitos matemáticos complexos de forma acessível é fundamental para futuros engenheiros.

Para os alunos da ETEC (Aprendizes)

1. Repetição consolida o aprendizado: Passar pela mesma matéria em diferentes contextos (ouvindo, praticando, desafiando) cria memória e compreensão duradoura.

2. Falar sobre dúvidas é imprescindível: Alunos que fizeram perguntas progrediram mais notavelmente. O silêncio perpetua dificuldades; a voz as resolve.

3. Vontade de aprender faz diferença: Os que chegaram com disposição genuína de aprender absorveram muito mais conteúdo e mostraram progresso notável.

4. Matemática é acessível: Quando ensinados com cuidado, simplicidade e paciência, temas "difíceis" tornam-se compreensíveis.

5. Ambiente colaborativo favorece o aprendizado: A presença de especialistas atentos, a ausência de julgamento e o incentivo à participação criam segurança psicológica essencial para aprender.

Aprendizado Coletivo (Ambas as Instituições):

O projeto evidenciou uma verdade fundamental: **repetição + voz + vontade = aprendizado significativo.**

- **Repetição** (passar por cada matéria, revisar conceitos, praticar exercícios graduados) consolida conhecimento

- **Voz** (fazer perguntas, falar sobre dúvidas, não permanecer em silêncio) transforma dificuldades em oportunidades de esclarecimento

- **Vontade** (disposição genuína de aprender, abertura para novos conceitos, confiança no processo) alimenta toda jornada educacional

Quando esses três elementos convergem, a transformação se torna visível e mensurável.

Transformação Pessoal e Profissional dos Facilitadores

Para os 20 alunos do Mauá, este projeto representou muito mais que uma atividade acadêmica. Significou:

- **Desenvolvimento de liderança:** Gerenciar um grupo, explicar, responder dúvidas e manter engajamento são habilidades de liderança educacional

- **Superação de inseguranças:** Alguns enfrentaram timidez ou nervosismo ao falar para grupos; todos saíram com maior confiança

- **Compreensão do impacto social:** Ver pessoas com dificuldades progredirem graças ao nosso trabalho criou propósito e significado

- **Preparação profissional:** A engenharia não é apenas técnica; é comunicação, empatia e capacidade de transmitir conhecimento complexo de forma simples.

Impacto Educacional Observado

Os indicadores de sucesso foram evidentes:

- **Participação:** Quase 100% dos alunos participaram ativamente em cada estação

- **Progressão:** Alunos resolveram exercícios mais complexos ao final de cada sessão em comparação ao início

- **Engajamento:** A rotação manteve interesse alto; nenhuma queda de atenção foi observada

- **Feedback positivo:** Tanto alunos quanto facilitadores expressaram satisfação com a metodologia

Perspectivas Futuras e Desdobramentos

A experiência sugere múltiplas possibilidades de expansão e aprofundamento:

1. **Replicação em outras instituições:** O modelo de roda de matérias pode ser aplicado em outras escolas técnicas e instituições de educação profissional. É um formato escalável e adaptável.

2. **Programa contínuo de extensão:** Estabelecer um programa permanente com a ETEC Lauro Gomes, oferecendo suporte regular em matemática e outras disciplinas, talvez com frequência mensal ou trimestral.

3. **Desenvolvimento de material didático:** Criar guias de exercícios, vídeos tutoriais e fichas de trabalho específicas para cada matéria, disponibilizando-os para que os alunos da ETEC continuem estudando de forma independente.

4. **Mentoria contínua:** Oferecer canais de comunicação (grupos de WhatsApp, plantões virtuais) para que os alunos da ETEC possam esclarecer dúvidas entre os encontros.

5. **Treinamento de facilitadores:** Documentar a metodologia de especialização temática e a roda de matérias, para que outros grupos de alunos da Mauá (ou de outras instituições) possam replicá-la.

6. **Integração com currículo:** Trabalhar com a ETEC para que este projeto seja integrado formalmente ao currículo, tornando-o parte recorrente da formação técnica.

7. **Avaliação de longo prazo:** Acompanhar os alunos da ETEC após o projeto para medir impacto duradouro em suas notas, confiança e perseverança em matemática.

Reflexão Final

Saímos deste projeto com a certeza de que a educação é um ato de transformação mútua. Os 20 alunos do Mauá que se dedicaram a ensinar não apenas transmitiam informação; estavam, de verdade, servindo e contribuindo para o crescimento de outras pessoas. Os 20 alunos da ETEC que chegaram com vulnerabilidades em matemática partiram com maior confiança, ferramentas e compreensão.

A matemática, frequentemente vista como um obstáculo intransponível, revelou-se compreensível quando:

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

- Ensina por pessoas que verdadeiramente a dominam e a amam
 - Apresentada com clareza e progressão lógica
 - Praticada repetidamente, do fácil ao difícil
 - Acompanhada de espaço seguro para questionar e errar
 - Sustentada por vontade genuína de aprender
- Não é exagero dizer que todos — facilitadores e alunos — saíram melhores. Esse é o verdadeiro impacto da extensão universitária.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Profissional Técnica. Disponível em: <https://www.gov.br/educacao/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL LAURO GOMES. Apresentação Institucional. São Bernardo do Campo, 2025.

INSTITUTO MAUÁ DE TECNOLOGIA. Projetos de Extensão Universitária: Orientações e Normativas. São Paulo, 2025.

OPENAI. Perplexity AI. Trabalho de apoio à escrita e organização de conteúdos. Disponível em: <https://www.perplexity.ai/>. Acesso em: 21 nov. 2025.

Instituto Jô Clemente

Entidade Parceira

O Instituto Jô Clemente (IJC) é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), sem fins lucrativos, dedicada à promoção da inclusão social, bem como à prevenção e à promoção da saúde de pessoas com deficiência intelectual, transtorno do espectro autista (TEA) e doenças raras.

A instituição está localizada na Rua Loefgren, nº 2109, Vila Clementino, São Paulo–SP, CEP 04040-033, em área de fácil acesso, a menos de cinco minutos de caminhada da estação de metrô Hospital São Paulo.

A sede do Instituto foi viabilizada a partir da iniciativa de Dona Jô Clemente, que, juntamente com um grupo de voluntárias, arrecadou recursos por meio da tradicional Feira da Bondade. O prédio teve como diretor o psiquiatra infantil Dr. Stanislau Krynski, em parceria com o Dr. Clemente, consolidando, desde seus primórdios, um compromisso com a excelência técnica e científica.

Inicialmente, os serviços laboratoriais estiveram sob a supervisão do Dr. Stanislau Krynski e, posteriormente, foram assumidos pelo Dr. Benjamin Schmidt. Em 1976, os doutores Antônio Clemente e Benjamin Schmidt destacaram-se como pioneiros na implantação do Teste do Pezinho no Brasil, exame fundamental para o diagnóstico precoce de doenças raras. Essa iniciativa contribuiu, na década de 1980, para a promulgação de uma lei estadual que tornou o exame obrigatório e gratuito no estado de São Paulo.

Com o objetivo de fortalecer a pesquisa científica e a formação de profissionais especializados, foi criado, em 1983, o Instituto de Pesquisas e Preparação de Pessoal na área de Deficiência Mental (IPPE), sob a gestão do Dr. Antônio Clemente. A ampliação progressiva do Teste do Pezinho culminou, em 2021, na promulgação da Lei nº 14.154, que aumentou o número de doenças passíveis de detecção pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Ao longo dos anos, o Instituto Jô Clemente ampliou sua atuação, passando a oferecer apoio integral a pessoas com deficiência intelectual, doenças raras, transtorno do espectro autista (TEA) e idosos. Em 2022, foi inaugurado o Centro de Neurodesenvolvimento e

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Reabilitação (CNR), destinado ao atendimento especializado de crianças e adultos.

Atualmente, o IJC mantém seu compromisso com a inovação, a excelência no cuidado e a preservação do legado de Dona Jô Clemente, promovendo a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e acolhedora.

Figura 1. Imagens da construção e do prédio atual



Fonte: <https://ijc.org.br/>

O Instituto Jô Clemente mantém uma ampla rede de parcerias institucionais com órgãos públicos e empresas privadas, elemento fundamental para a sustentabilidade e a ampliação de suas ações sociais. Dentre os parceiros, destacam-se o C6 Bank, Itaú, Livel, Instituto Bandeirantes, Unilever e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo (CMDCA). Ressalta-se, contudo, que tais instituições representam apenas uma parcela do conjunto de parcerias estabelecidas, evidenciando a capilaridade e a relevância social do Instituto.

No que se refere às conquistas institucionais, observa-se uma trajetória consistente de crescimento e reconhecimento público. Desde 2017, o Instituto Jô Clemente tem sido contemplado com mais de 30 prêmios, que reconhecem a excelência, a inovação e o impacto social de suas práticas. Entre as principais premiações, destacam-se o Prêmio Jatobá de Excelência e Inovação em Relações Públicas (2017), o Smart Customer (2020), o Prêmio Melhores ONGs (2022) e o Prêmio Acessibilidade Digital (2024), além de outras distinções relevantes.

Dois programas reconhecidos pela comunidade são o

Empreendi, curso de Empreendedorismo Social com apoio aos familiares de pessoas com deficiência (PcD), e o *Longevidade*, com suporte aos familiares que aguardam as sessões de reabilitação e tratamento.

O Programa Empreendi tem como finalidade promover o empoderamento socioeconômico de familiares de pessoas com deficiência por meio do desenvolvimento de atividades empreendedoras que incentivam a geração de renda, a autonomia e o pertencimento comunitário. Estruturado a partir do curso de Empreendedorismo Social, o Programa oferece ferramentas, técnicas e acompanhamento contínuo, além de promover bazares periódicos que possibilitam a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Para além de sua dimensão formativa, a iniciativa configura-se como uma ação de impacto social ao favorecer o resgate de sonhos, talentos e projetos de vida, frequentemente adiados em razão das demandas do cuidado cotidiano.

O Programa Longevidade promove a reabilitação funcional, sensorial e psicossocial de pessoas com deficiência (PcD), com foco na autonomia e na independência, por meio de atendimentos individuais ou em grupo que utilizam atividades artísticas, lúdicas e corporais. Destaca-se a atuação especializada junto a pessoas com deficiência intelectual e/ou transtorno do espectro autista (TEA) em processo de envelhecimento, com ações preventivas e reabilitadoras baseadas em avaliações específicas e intervenções terapêuticas individualizadas.

As interações entre o Instituto Mauá de Tecnologia e o Instituto Jô Clemente (Figura 2), desenvolvidas com os familiares frequentadores do Programa Empreendi e com os acompanhantes do Longevidade, constituem um exemplo de parceria interinstitucional voltada à formação acadêmica e à inovação social. Tais iniciativas possibilitam a integração entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo a participação ativa de estudantes em projetos de impacto social e contribuindo para a formação de profissionais socialmente comprometidos.

Figura 2. Imagens das interações dialógicas

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores



Fonte: autores

A entidade possui diversas redes sociais que podem ser acessadas pelos links:

Facebook: <https://www.facebook.com/institutojoclemente>

Instagram: <https://www.instagram.com/institutojoclemente>

Linkedin: <https://www.linkedin.com/company/institutojoclemente>

Youtube: <https://www.youtube.com/c/@InstitutoJoClementeIJC>

Twitter: <https://x.com/instjoclemente>

Tiktok: <https://www.tiktok.com/@institutojoclemente>

Maiores informações da instituição podem ser obtidas em <https://ijc.org.br/>, por e-mail em atendimento@ijc.org.br e por contato telefônico no (11) 5080-7000.

As oito etapas da metodologia ao longo das quatro imersões

Na parceria entre o Instituto Mauá de Tecnologia (IMT) e o IJC, no âmbito do Programa Empreendi, foi adotada uma metodologia estruturada em oito etapas, com o objetivo de organizar o desenvolvimento do projeto e assegurar o cumprimento dos objetivos propostos. Essa abordagem metodológica possibilitou uma atuação sistemática, integrando observação da abundância, escuta ativa, planejamento, empoderamento e intervenção.

No ambiente acadêmico, a metodologia foi apresentada e a prática iniciada na primeira imersão, realizada por estudantes do IMT, profissionais do IJC (psicóloga, assistente social e voluntárias) e famílias que participaram do Programa Empreendi. Essa fase consistiu na identificação e análise dos pontos fortes do Instituto Jô Clemente, com ênfase em sua estrutura física e organizacional. Ademais, foi possível observar os conhecimentos prévios e as habilidades dos participantes do Empreendi nas áreas de tecnologia e comércio. Dessa forma, essa etapa teve como finalidade promover uma compreensão ampliada do contexto institucional e do público-alvo, orientando o desenvolvimento das ações subsequentes.

Na etapa seguinte dessa primeira imersão, os participantes envolveram-se em uma roda de conversa, na qual os integrantes do Programa Empreendi (e, em outra data, os acompanhantes do grupo da Longevidade) compartilharam suas trajetórias de vida e o modo como se inseriram nas atividades do Instituto. Posteriormente, os estudantes do IMT organizaram-se em duplas e trios para interagir diretamente com as famílias, oferecendo apoio especialmente em demandas relacionadas ao uso de tecnologias digitais. Essas interações favoreceram a construção gradual de vínculos afetivos e colaborativos entre os estudantes e os frequentadores do IJC, fortalecendo a relação de confiança necessária ao desenvolvimento do projeto.

Na segunda imersão, realizou-se a escuta ativa com o objetivo de compreender os sonhos e expectativas dos participantes do Programa Empreendi. A partir desse processo, identificou-se que as famílias buscavam ampliar o impacto de seus empreendimentos ao final do curso. Constatou-se, assim, a necessidade de desenvolver competências digitais, abrangendo tanto aspectos diretamente relacionados aos negócios, como marketing digital e o uso de

plataformas de venda (por exemplo, Instagram), quanto habilidades funcionais do cotidiano, como o uso de aplicativos de transporte e a geração de documentos em formato digital. As famílias também demonstraram interesse em aprimorar estratégias para atração de clientes, expansão de produtos e fortalecimento das vendas no bazar do Empreendi, contando com o apoio dos estudantes do IMT nesse processo.

A terceira imersão seguiu com o atendimento individualizado, a participação no bazar de formatura e acrescentou a etapa metodológica de validação da proposta de solução construída por uma das turmas a partir das demandas observadas. Foi apresentada uma proposta de cartilha física com instruções simples e diretas sobre o uso de redes sociais, bancos digitais, aplicativos de streaming e orientações de prevenção a golpes. A instituição parceira aprovou a ideia e compreendeu a importância de um material físico, especialmente para um público que se sente mais seguro com referências palpáveis do que com buscas digitais.

A quarta imersão seguiu o mesmo formato de atendimento e aprofundamento do vínculo, mas também teve caráter de fechamento do ciclo metodológico, com a coleta de depoimentos e percepções sobre o processo vivido, tanto pelos estudantes quanto pelos familiares.

Nas imersões, observou-se uma postura de cuidado e comprometimento por parte dos estudantes e da docente responsável, que adotaram práticas fundamentadas na escuta ativa, na empatia e no respeito às singularidades do público atendido. As conversas estabeleceram-se como espaços de troca de experiências e afetos, contribuindo para a construção de vínculos genuínos e para a humanização do processo educativo. A partir dessas interações, emergiram os planos de ação que nortearam as etapas seguintes do projeto.

Com base nos aprendizados obtidos, os estudantes demonstraram iniciativa, sensibilidade social e engajamento, participando de reuniões com diferentes setores do Instituto Jô Clemente, incluindo a equipe de marketing e representantes das áreas internas de tecnologia. Esses encontros possibilitaram a coleta de informações relevantes e a compreensão mais aprofundada das dificuldades digitais enfrentadas pelas mentoradas. Inicialmente concebido com o objetivo de ampliar a alfabetização digital, um

aplicativo (App) foi desenvolvido, após diálogo com a instituição, como uma plataforma para centralizar e disponibilizar os vídeos do Programa Empreendi, ampliando o acesso aos conteúdos e favorecendo a aprendizagem contínua.

Somado ao letramento digital e ao desenvolvimento do App, os estudantes produziram um vídeo de divulgação destinado à captação de capital-semente, que contou com a participação de alguns mentorados do Programa Empreendi. Essa ação resultou na arrecadação de mais de R\$ 1.500,00, destinados ao bazar de formatura. No evento final, os alunos do IMT atuaram de forma ativa, não apenas como visitantes, mas como parceiros, auxiliando nas vendas, adquirindo produtos e incentivando as empreendedoras ao longo de toda a atividade.

O êxito do bazar refletiu os resultados do projeto desenvolvido, uma vez que os conhecimentos compartilhados pelos estudantes foram aplicados diretamente no contexto de comercialização. Tal resultado evidencia o alcance dos objetivos inicialmente propostos, bem como o potencial do projeto para promover transformações significativas, ainda que graduais, na realidade das famílias participantes.

Por fim, com o apoio contínuo dos estudantes, os participantes dos Programas Empreendi e Longevidade conseguiram superar progressivamente suas dificuldades no uso de ferramentas digitais ao longo dos encontros. Como legado da parceria, os alunos deixaram como recurso permanente o aplicativo desenvolvido para as aulas do Empreendi, bem como um compilado de vídeos tutoriais e uma cartilha em linguagem simples (ainda em editoração) para auxiliar os participantes no uso básico de diferentes aplicativos, contribuindo para a continuidade do processo formativo.

Projetos Desenvolvidos

Foi proposta aos estudantes do Instituto Mauá de Tecnologia (IMT) a realização de quatro imersões no Instituto Jô Clemente (IJC), ocorridas nos dias 14 de agosto, 11 de setembro, 16 de outubro e 30 de outubro de 2025. O direcionamento dos projetos a serem desenvolvidos foi definido somente após a primeira visita, considerando a necessidade de compreender, de forma aprofundada, as demandas das famílias empreendedoras (Programa Empreendi) e acompanhantes

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

(no caso do Longevidade). Tal abordagem está alinhada ao princípio de valorização do sonho, previsto na metodologia adotada.

A partir da visita inicial, os estudantes definiram sua atuação em três frentes principais: (i) letramento digital com curadoria de conteúdos e cartilha (Figura 3); (ii) captação de recursos para o bazar (Figura 4); e (iii) desenvolvimento de um aplicativo (Figura 6). No que se refere ao letramento digital, as propostas de soluções tecnológicas foram discutidas apenas após o atendimento presencial realizado na segunda imersão. Constatou-se a necessidade de materiais explicativos acessíveis, levando os estudantes a optar pela curadoria de vídeos tutoriais disponíveis na internet que utilizassem linguagem simples. Outra turma elaborou uma cartilha, favorecendo a compreensão por parte dos usuários. Esse processo de seleção criteriosa dos conteúdos e de elaboração da cartilha foi conduzido por estudantes de duas turmas de extensão, contemplando temas relacionados ao uso básico de softwares e aplicativos do cotidiano.

Figura 3. Imagens das imersões do letramento digital

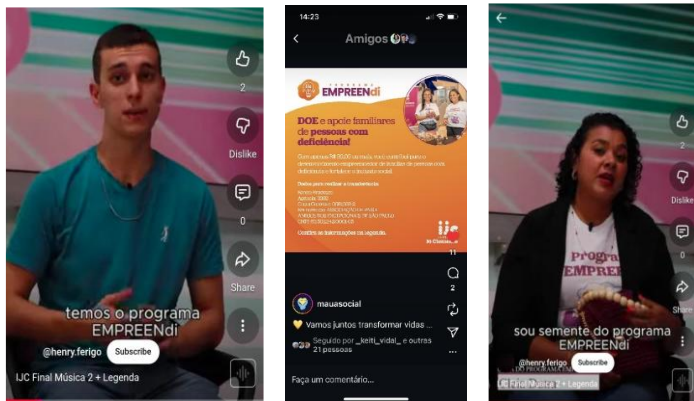


Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

No eixo de captação de recursos, os estudantes organizaram um grupo responsável pela produção de um vídeo institucional destinado à divulgação de uma campanha de doações nas redes sociais. Os recursos arrecadados foram destinados à aquisição de matéria-prima, possibilitando que os participantes do Instituto Jô Clemente produzissem os itens comercializados no bazar de encerramento do Programa (Figura 5).

Figura 4. Imagens do apoio ao capital-semente, com vídeo e postagens nas redes sociais dos estudantes e da Mauasocial



Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 5. Imagens do bazar de formatura



Fonte: autores

Paralelamente, no intervalo entre a primeira e a segunda imersões, um dos estudantes iniciou o desenvolvimento de um aplicativo que, inicialmente, teria como finalidade armazenar os vídeos selecionados pelos alunos. Contudo, após a apresentação do projeto aos representantes do IJC durante a segunda imersão e diante do interesse institucional, o escopo do aplicativo foi redefinido para concentrar exclusivamente as videoaulas e os questionários do Programa Empreendi, ampliando o acesso dos participantes aos conteúdos educacionais.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Figura 6. Imagem do aplicativo desenvolvido



Fonte: autores

Além das entregas vinculadas às frentes de trabalho previamente definidas, destacou-se a iniciativa de um estudante que, durante o atendimento a uma das participantes do Empreendi, desenvolveu um modelo padronizado de imagem para publicações nas redes sociais (Figura 7). O material permitiu a inserção direta da fotografia do produto, viabilizando a criação rápida de peças de divulgação, como em empreendimentos voltados à produção de alimentos.

Figura 7. Imagem do material de divulgação desenvolvido



Fonte: autores

Dessa forma, a entrega final do projeto consistiu na curadoria de vídeos tutoriais em linguagem simples, na produção do vídeo institucional para captação de recursos, no desenvolvimento de um modelo gráfico para divulgação de produtos e na criação de um aplicativo educacional. Concluídas essas etapas, o projeto avançou para o próximo momento da metodologia adotada, que consiste no reconhecimento e na valorização das contribuições individuais que culminaram em uma conquista coletiva.

Avaliação da Turma

Um formulário de coleta de percepções dos estudantes acerca das experiências vivenciadas no projeto de extensão foi elaborado para que todos pudessem opinar. Os resultados evidenciaram elevados níveis de satisfação e aprendizagem, ressaltando o valor formativo, humano e social da iniciativa.

Envolvimento e satisfação geral. A maioria dos estudantes avaliou a experiência de forma altamente positiva, destacando o sentimento de orgulho em participar de um projeto voluntário com finalidade social claramente definida. Os dados revelam elevados níveis de motivação, engajamento e realização pessoal ao longo das atividades, indicando que o projeto extrapolou o aprendizado técnico, alcançando dimensões emocionais e de pertencimento.

Desenvolvimento humano e empatia. Um dos aspectos mais relevantes identificados nos resultados refere-se à ampliação da empatia e da sensibilidade social dos participantes. Os estudantes relataram maior compreensão acerca de temas como inclusão, diversidade e respeito às diferenças, reconhecendo o caráter transformador do contato direto com o público atendido pela instituição. Tais vivências contribuíram para o fortalecimento da consciência cidadã e para o amadurecimento pessoal e profissional, reafirmando o papel social da universidade.

Aprendizado prático e formação profissional. Os dados também apontam que os participantes perceberam uma contribuição significativa do projeto para sua formação acadêmica e prática. Destacam-se o desenvolvimento de competências relacionadas ao trabalho em equipe, planejamento, comunicação, liderança, responsabilidade e proatividade, consideradas essenciais para a formação de profissionais comprometidos com práticas éticas e com o impacto social de suas atuações.

Impacto social e reflexão. Os estudantes reconheceram que o projeto gerou impacto concreto na comunidade atendida, ainda que em escala local. O envolvimento direto com os beneficiários das ações favoreceu reflexões críticas sobre desigualdades sociais, inclusão e solidariedade, além de estimular a ressignificação de valores e prioridades pessoais, evidenciando o potencial transformador do voluntariado.

Continuidade e relevância. Por fim, os resultados reforçam a

relevância da manutenção e da ampliação de iniciativas de extensão com o *Empreendi* e o *Longevidade*. A manifestação de interesse dos estudantes em participar novamente ou em recomendar o projeto a outros colegas indica que a experiência foi motivadora e inspiradora, alcançando um impacto sustentável que ultrapassa o período de execução do projeto e contribui para a consolidação da cultura do voluntariado e da responsabilidade social no contexto universitário.

Avaliação da Entidade Parceira

As análises dos dados obtidos pelo instrumento avaliativo qualitativo indicam uma percepção amplamente favorável em relação à parceria estabelecida. Profissionais do Instituto Jô Clemente (IJC) e participantes destacaram o empenho e a dedicação dos estudantes, bem como a sensibilidade demonstrada na compreensão das trajetórias de vida das mães envolvidas. Essa postura foi reconhecida como elemento central para a construção de vínculos consistentes e para a efetividade das ações desenvolvidas ao longo do projeto.

Quanto aos efeitos da parceria, as mães relataram mudanças significativas na forma como percebiam a relação intergeracional. As expectativas iniciais relacionadas a uma possível falta de atenção ou sensibilidade por parte dos estudantes, em razão da diferença etária, foram gradualmente superadas, dando lugar a um processo de troca pautado pelo diálogo, pelo respeito e pela colaboração. Esse contexto favoreceu a criação de um ambiente de confiança, no qual as participantes se sentiram à vontade para compartilhar vivências, desafios e necessidades.

De modo complementar, as mães manifestaram elevado grau de satisfação com as atividades realizadas, ressaltando a qualidade do acompanhamento oferecido e das orientações recebidas. Destacou-se, especialmente, o aprendizado relacionado ao uso de ferramentas digitais no cotidiano, como aplicativos de pagamento, transporte, entrega e comunicação, bem como a postura paciente, atenciosa e acolhedora dos estudantes. Tais aspectos reforçaram o reconhecimento do apoio recebido e o interesse na continuidade das ações.

Cabe ainda ressaltar o reconhecimento à contribuição dos estudantes na elaboração do vídeo destinado à captação de capital-semente, bem como ao engajamento demonstrado ao longo de todas

as imersões e propostas desenvolvidas. A atuação comprometida, responsável e colaborativa dos estudantes mostrou-se determinante para o alcance dos resultados e para o fortalecimento da parceria institucional.

Por fim, como apontamento para o aprimoramento de futuras edições, os participantes sugeriram uma preparação prévia mais aprofundada dos estudantes quanto ao contexto institucional e às especificidades do público atendido, com vistas a qualificar ainda mais as interações desde os primeiros encontros. O interesse unânime na continuidade do projeto, manifestado tanto pelos profissionais do IJC quanto pelas mães participantes, evidencia o impacto positivo da iniciativa e seu potencial como estratégia de formação acadêmica articulada à transformação social.

Considerações finais

A análise dos dados obtidos por meio dos formulários de avaliação evidencia que o projeto de extensão desenvolvido em parceria com o Instituto Jô Clemente proporcionou aos estudantes uma experiência formativa significativa e transformadora. Para além de uma atividade acadêmica, a participação no projeto foi percebida como um espaço de vivência prática de valores fundamentais, como empatia, cidadania, responsabilidade social e respeito às diferenças, contribuindo de forma expressiva para o desenvolvimento humano dos envolvidos.

Os resultados indicam que a integração entre teoria e prática, característica das ações de extensão universitária, favoreceu não apenas a aplicação de conhecimentos técnicos, mas também o fortalecimento de competências socioemocionais e profissionais, tais como trabalho em equipe, comunicação, escuta ativa e sensibilidade social. Ademais, o contato direto com a realidade das famílias atendidas pelo Instituto possibilitou aos estudantes uma compreensão mais ampla das desigualdades sociais e do papel social do profissional na promoção da inclusão e da transformação social.

Nesse sentido, o projeto reafirma a relevância da extensão universitária como eixo indissociável do ensino e da pesquisa, ao promover uma formação acadêmica mais crítica, ética e comprometida com as demandas da sociedade. A experiência vivenciada no IJC demonstra o potencial de parcerias interinstitucionais para a

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

construção de soluções socialmente relevantes, ao mesmo tempo em que contribuem para a formação de profissionais mais conscientes, sensíveis e preparados para atuar de maneira responsável e transformadora em seus futuros contextos profissionais.

ONG Adus

Apresentação da entidade parceira

O Instituto Adus foi fundado em 2010 e o seu campo de atuação se concentra na integração de refugiados e migrantes na sociedade brasileira. O Instituto promove atividades de acolhimento, proteção, capacitação e inserção profissional e já capacitou para o mercado de trabalho cerca de duas mil pessoas. Segundo dados fornecidos pelo Instituto, foram atendidas 18 mil pessoas de 65 nacionalidades desde a sua fundação. Outros dois projetos que merecem destaque são o ensino da língua portuguesa para estrangeiros e a Escola de Idiomas “Nós, o Mundo”, que capacita os migrantes para que se tornem professores de suas línguas maternas para brasileiros.

Desde 2023, o Instituto promove eventos para dar visibilidade à causa do refúgio, como o Migrafest, no Theatro Municipal, e a Feira Étnica. Esses eventos visam resgatar as memórias afetivas de diversos países e dar visibilidade cultural aos acolhidos. Por fim, cabe destacar que o Instituto Adus já recebeu prêmios como o de “Melhores ONGs” (em 2021 e 2022), além do Selo Municipal de Direitos Humanos e Diversidade da Prefeitura de São Paulo (de 2018 a 2022).

O trabalho

A causa do refúgio e migração ainda é pouco discutida na sociedade brasileira em comparação com outros países, mesmo no contexto da América Latina. Proporcionalmente, o Brasil recebe menos migrantes do que a Colômbia, por exemplo, que conta com mais de 2 milhões de venezuelanos, segundo dados do ACNUR (2025). A polarização política no Brasil trouxe o tema para o debate eleitoral nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, com a tendência de que seja um tema relevante também em 2026, por conta da Venezuela. Ainda assim, o país não possui uma população significativa de migrantes e refugiados, a ponto de conferir visibilidade ao assunto.

Outro ponto que o diretor do Instituto destaca é o perfil dos refugiados e migrantes que procuram o Brasil, pois a maioria é adulta e, por isso, conquista menos empatia da população brasileira do que outras causas. Ainda segundo o diretor, isso impacta as campanhas de

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

arrecadação de fundos da ONG.

A primeira interação da Mauá com o Instituto Adus ocorreu por meio do curso de graduação em Relações Internacionais (RI), visto que a migração e o refúgio são temas de pesquisa recorrentes na área. A partir disso, o Instituto foi convidado a fazer parte do projeto de extensão da Mauá e incluímos dez alunas/os dos cursos de Administração e RI. A ideia inicial era o desenvolvimento de uma ação de empreendedorismo social que abrangesse três objetivos: 1) aproximar as/os estudantes das discussões sobre refúgio e migração, explicando as principais diferenças; 2) permitir a interação das/os estudantes com o público atendido pela ONG (olhar a abundância e criar afeto, segundo o caminho metodológico sugerido pelo Instituto Elos); 3) fornecer técnicas básicas de empreendedorismo social para que os alunos desenvolvessem uma ação em conjunto com o público atendido pela ONG. Realizamos uma visita à sede do Instituto no dia 10/09/2025 para discutirmos o projeto de forma inicial. As fotos abaixo registraram esse momento.



Fonte: autores

A visita possibilitou que as/os estudantes entrassem em contato com as atividades desenvolvidas pelo Instituto, como as aulas de português, a intermediação feita com órgãos públicos, o apoio jurídico oferecido e os programas de capacitação para a geração de renda. Segundo relatos das/os nossas/os alunas/os, a conversa in loco permitiu que compreendessem que a integração de refugiados e

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

migrantes vai além da língua: envolve cultura, acesso à documentação, oportunidades de emprego e acolhimento no geral.

Após a visita, quando começamos a pensar nos próximos passos do projeto, surgiram problemas com o calendário de aulas e diferenças nas expectativas de ambos os lados (ONG e estudantes), o que forçou uma mudança de rota em relação ao plano original, sob o risco de perdermos o interesse da turma e da ONG. Conseguimos chegar a um consenso entre as partes e realizar uma ação que, no limite, permitiu a aproximação das/os nossas/os estudantes ao tema e o atendimento a uma demanda da ONG, que necessitava de materiais escolares e de escritório. É importante registrar que os projetos de extensão nem sempre atingem os resultados esperados e que essas experiências podem servir como valioso aprendizado para futuras iniciativas (Ferenhof; Forcellini, 2011).

Para atender à demanda assumida pela turma, as/os alunas/os organizaram uma campanha de arrecadação que também teve como foco a conscientização da comunidade da Mauá sobre a situação dos migrantes e se concentrou nos dias 22, 23 e 24 de outubro. Nesses dias, acontecia a Semana Internacional, evento interno ligado à internacionalização do IMT e realizado em nosso campus de São Caetano do Sul. Para operacionalizar essa ação, foram criados flyers, caixas de coleta e um banner, que ficaram expostos no campus.



Fonte: autores

DOE MATERIAIS ESCOLARES

ESTAMOS ARRECADANDO MATERIAIS ESCOLARES E DE ESCRITÓRIO PARA APOIAR O INSTITUTO ADUS, UMA ONG QUE PROMOVE A INTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS E VÍTIMAS DE MIGRAÇÕES FORÇADAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA HÁ MAIS DE DEZ ANOS.

INSTITUTO
ADUS

ATÉ 28/10

CONHEÇA A ONG

Itens que você pode doar:

- Cadernos, lápis, canetas
- Borrachas, régua, apontadores
- Pastas, papéis, blocos de notas
- Materiais de escritório em bom estado

Fonte: <https://adus.org.br/>

Durante os três dias da Semana Internacional da Mauá, a turma abordou as/os colegas para conversar sobre o trabalho feito pela ONG e solicitar doações de materiais escolares e de escritório, conseguindo arrecadar os seguintes itens:

- 100 cadernos;
- 300 canetas esferográficas;
- 400 lápis;
- 5 caixas de giz de cera e lápis de cor.

Todos os materiais doados estavam em bom estado de conservação e pelo menos metade deles era nova.

Considerações finais

Apesar de o projeto não ter seguido o plano originalmente concebido e a despeito das adaptações feitas, que o transformaram em uma ação de cunho mais assistencialista, as lições aprendidas servirão para evitar que outras iniciativas enfrentem as mesmas dificuldades. Um ponto de atenção importante é que as conversas iniciais com as entidades parceiras ou comunidades devem abordar as expectativas e possibilidades, ou seja, as partes envolvidas devem expressar livremente o que esperam do projeto e apresentar as condições para que a ação ocorra. Sugere-se que a primeira reunião entre nossas/os estudantes e a ONG seja realizada na Mauá, seguida de uma visita de campo, na qual se identifiquem as potencialidades do parceiro.

Da parte das/os professoras/es, podemos incluir a proposta de Parreira e Diniz (2023) para a formulação do diagnóstico de situação-problema em conjunto com o parceiro, identificando os principais desafios a serem enfrentados e os objetivos que nortearão o projeto. Outra recomendação é que sejam realizadas duas reuniões de monitoramento dos objetivos ao longo do semestre, permitindo a recepção de “feedbacks” e de eventuais ajustes antes do encerramento das aulas. A elaboração de um cronograma conjunto (Mauá, ONG e/ou comunidade) que contemple o caminho metodológico do Instituto Elos é de extrema importância.

Em resumo, o projeto de 2025 foi adaptado e as suas metas foram reduzidas, tornando-se uma campanha de arrecadação de doações. Apesar desse contratempo, conseguimos manter a coesão da turma para que as ações fossem cumpridas até o final do semestre. O esforço da equipe de extensão teve como meta que as/os estudantes não desistissem do projeto e aumentassem a sensibilidade em relação a essa causa, resultados que conseguimos alcançar. Avaliamos que é possível retomar o diálogo com a ONG e fomentar a construção de uma parceria mais estreita e participativa para 2026, estruturando um projeto conjunto que contemple o caminho metodológico proposto.

ONG Prato Verde Sustentável

Apresentação da entidade parceira

O Prato Verde Sustentável (PVS) é uma iniciativa social que nasceu em 2013 na zona norte de São Paulo, no coração do Jardim Filhos da Terra, na Rua dos Filhos da Terra, 944, São Paulo - SP, 02325-001, com o propósito de combater os desertos alimentares e ambientais nas periferias.

A organização atua unindo agroecologia, educação alimentar e fortalecimento comunitário, transformando o ato de se alimentar em um símbolo de dignidade, autonomia e sustentabilidade. Atualmente, o projeto beneficia mais de 1.500 famílias por meio de hortas comunitárias, oficinas socioambientais e distribuição de refeições saudáveis.

Com mais de 260 empregos diretos e indiretos gerados e 21 parcerias ativas, o Prato Verde Sustentável promove ações voltadas à geração de renda, à formação cidadã e ao desenvolvimento de territórios mais justos e equilibrados. Seus valores são baseados na responsabilidade socioambiental, no desenvolvimento sustentável e na disseminação de conhecimento.

A organização mantém parcerias relevantes com instituições como a Associação Mutirão, os GEAMA's, o Consulado da Colômbia no Brasil e o agroflorestor Samuel, além de participar de eventos como o SP Gastronomia.

Entre seus projetos, destacam-se o biodigestor, o cultivo de abelhas sem ferrão, a agricultura em curva de nível, o minhocário e o sistema de aquaponia, que integra peixes e plantas de forma ecológica. O PVS mostra, assim, que é possível construir uma rede de cuidado e transformação social a partir da alimentação saudável e do respeito ao meio ambiente.

Seguem imagens que apresentam a ONG PVS (Figura 1).

Figura 1. Imagens da ONG



Fonte: autores

O Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) Mutirão do Pobre é um espaço de proteção social e desenvolvimento integral voltado para o atendimento de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Localizado no mesmo território do Prato Verde Sustentável, o CCA oferece um ambiente acolhedor e seguro, funcionando no contraturno escolar e promovendo atividades socioeducativas, culturais, esportivas e de apoio pedagógico. O centro busca fortalecer a autoestima, o convívio comunitário e o protagonismo juvenil, além de aproximar as famílias, incentivando vínculos afetivos sólidos e a formação de cidadãos conscientes e participativos. Sua atuação tem sido fundamental para transformar realidades e oferecer novas perspectivas de futuro aos jovens da região.

As interações estabelecidas entre o Instituto Mauá de Tecnologia e o PVS (Figura 2), em articulação com as crianças e adolescentes atendidos pelo CCA, caracterizam-se como uma parceria interinstitucional estratégica voltada à formação acadêmica e à

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

promoção da interação social. Essas ações fortalecem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ao propiciar a inserção ativa de estudantes em projetos de relevância social, contribuindo para a formação de profissionais críticos, éticos e socialmente comprometidos.

Figura 2. Imagens das interações dialógicas (segunda imersão)



Fonte: autores

A organização PVS possui diversas redes sociais que podem ser acessadas pelos links:

Facebook: <https://www.facebook.com/pratoverdesustentavel>

Instagram: <https://www.instagram.com/pratoverdesustentavel/>

Inkedin: <https://www.linkedin.com/company/prato-verde-sustentavel>

Youtube: <https://www.youtube.com/@pratoverdesustentavel>

Tiktok: <https://www.tiktok.com/@pratoverdesustentavel>

Maiores informações da instituição podem ser obtidas por e-mail contato@pratoverdesustentavel.com.br e contato telefônico (11) 2241-9893.

As sete etapas da metodologia ao longo das quatro imersões

Na parceria entre o Instituto Mauá de Tecnologia (IMT) e o PVS/CCA, foi adotada uma metodologia estruturada em sete etapas, com o objetivo de organizar o desenvolvimento do projeto e assegurar o cumprimento dos objetivos propostos. Essa abordagem metodológica possibilitou uma atuação sistemática, integrando observação da abundância, escuta ativa, planejamento, empoderamento e intervenção.

Desde o início do projeto, foi assumido como objetivo central compreender a rotina e o funcionamento da instituição parceira, buscando identificar possibilidades concretas de colaboração com suas atividades. A proposta foi além da observação passiva, priorizando o envolvimento ativo nas ações cotidianas da entidade, de modo a olhar a abundância, compreender suas demandas, empoderar os trabalhadores e frequentadores da ONG e contribuir de forma prática e socialmente relevante.

Nos encontros iniciais de planejamento, discutiram-se estratégias para promover a aproximação entre os estudantes e as crianças atendidas, bem como formas de gerar impactos positivos para ambos os públicos. Concluiu-se que o projeto representaria uma oportunidade significativa não apenas para a aplicação de conhecimentos teóricos, mas também para o desenvolvimento de competências socioemocionais, frequentemente pouco exploradas em salas de aula tradicionais.

O processo de aproximação teve início com o encontro do líder Wagner e de funcionários do PVS com os estudantes e professores do IMT no ambiente universitário, numa primeira interação dialógica. Em função da distância do PVS e da disponibilidade dos estudantes, o contato com a comunidade ocorreu por meio de três imersões presenciais, cada uma correspondendo a uma etapa distinta do processo de aproximação, aprendizado mútuo e intervenção.

Nas primeiras aulas, os estudantes refletiram sobre a comunidade e a aplicação dos primeiros passos da metodologia adotada, antes mesmo da primeira visita de campo. Nesse momento, foi realizada uma pesquisa sobre diferentes temas relacionados à ONG PVS, que foi apresentada à turma com o objetivo de reconhecer as diversas abundâncias existentes no território. Paralelamente, foram elaboradas perguntas orientadoras para serem utilizadas durante a

visita, visando aprofundar o conhecimento sobre a comunidade e compreender suas expectativas em relação à presença da turma.

Foram definidos objetivos específicos, entre os quais se destacam: compreender como a alimentação saudável é incorporada à rotina das crianças; observar a presença de práticas sustentáveis no cotidiano institucional; desenvolver atividades que favorecessem o aprendizado e a socialização; e ampliar a sensibilidade dos estudantes em relação à realidade de comunidades em situação de vulnerabilidade social. Desde a etapa de planejamento, consolidou-se a expectativa de um processo de aprendizagem mútua, fundamentado na troca de saberes entre estudantes, profissionais da instituição e crianças participantes.

A primeira imersão consistiu em uma visita ao Prato Verde Sustentável, com a realização da trilha agroecológica, considerada a principal atividade desenvolvida pela ONG. O deslocamento até o local ocorreu por meio de transporte disponibilizado pelo IMT, com duração aproximada de uma hora e quarenta minutos. Na chegada, o grupo foi recepcionado por um colaborador da instituição, que conduziu os participantes ao longo de todo o percurso, apresentando as tecnologias empregadas no cotidiano da organização e os serviços oferecidos à comunidade, como o sistema de irrigação da horta e o biodigestor, responsável pela produção de gás utilizado na cozinha.

Ao término da trilha, houve um momento de convivência mais informal, no qual os visitantes puderam compartilhar alimentos disponibilizados pela ONG, como bolo, pão de queijo, sucos e café. Durante essa primeira visita, observou-se ainda que o espaço do Prato Verde Sustentável é compartilhado com o Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) Mutirão do Pobre, aspecto que despertou um olhar atento para as crianças que frequentam o local e para as possibilidades de interação com esse público.

Nessa etapa inicial, foi possível vivenciar três dimensões da metodologia adotada: Olhar, Afeto e Sonho. O “Olhar” manifestou-se na observação das abundâncias do território e na escuta atenta das explicações fornecidas durante a visita; o “Afeto” esteve presente na abertura para a escuta ativa e na demonstração de interesse pela atuação da ONG; e o “Sonho” revelou-se na compreensão dos objetivos e expectativas da instituição em relação à comunidade, bem como no reconhecimento do potencial transformador dessas ações, tanto em âmbito local quanto em uma perspectiva mais ampla.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

De modo geral, a primeira imersão teve como foco a observação e a compreensão do funcionamento institucional. A equipe da ONG apresentou o espaço físico e detalhou o ciclo completo das atividades desenvolvidas (Figura 3), desde a produção dos alimentos até o preparo e a distribuição das refeições. Essa vivência possibilitou reconhecer o impacto positivo da promoção da alimentação saudável na rotina das crianças, assim como o comprometimento da equipe, mesmo diante das limitações de recursos materiais.

Figura 3. Imagens da primeira imersão na ONG



Fonte: autores

Na segunda imersão, o objetivo central foi o contato direto com as crianças atendidas pelo Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). O grupo foi recepcionado pela diretora da instituição, Roberta, que acolheu os participantes de forma cordial e apresentou o funcionamento do CCA, o número médio de crianças atendidas diariamente e o contexto social em que essas crianças estão inseridas.

Após esse momento inicial, foi possível estabelecer uma interação direta com as crianças, promovendo um espaço de diálogo no qual elas se apresentaram, informaram seus nomes e compartilharam seus sonhos e expectativas profissionais (Figura 2). Em seguida, os estudantes também se apresentaram, informando os cursos de graduação que frequentam. Diante do tempo disponível, optou-se por priorizar um momento de conversa aberta, em substituição às atividades previamente planejadas, favorecendo a escuta e a aproximação com o grupo.

Nesse segundo encontro, foram novamente vivenciadas três dimensões da metodologia adotada: Afeto, Sonho e Cuidado. O Afeto manifestou-se na construção de vínculos e na criação de um ambiente acolhedor, que possibilitou às crianças maior conforto para se expressarem. O Sonho esteve presente na escuta dos projetos de futuro compartilhados pelas crianças, permitindo compreender suas percepções sobre o amanhã. Já o Cuidado foi evidenciado no compartilhamento de momentos de descontração e na tentativa de oferecer referências positivas, incentivando a continuidade dos estudos e a possibilidade de acesso ao ensino superior.

Ao final da segunda imersão, e posteriormente nas discussões realizadas em sala de aula, constatou-se que essa imersão foi significativa não apenas para as crianças, mas também para os estudantes envolvidos, uma vez que possibilitou a troca de vivências e o fortalecimento dos vínculos estabelecidos. Nesse espaço de reflexão, foram definidas as estratégias para a terceira e última imersão, incluindo a realização de dinâmicas na quadra, atividades lúdicas em grupo, a aplicação de um questionário e a realização de momentos de check-in e check-out. Essas ações foram planejadas com o objetivo de proporcionar uma experiência significativa para as crianças e, simultaneamente, coletar informações relevantes que pudessem auxiliar o Prato Verde Sustentável na avaliação do alcance e do impacto de suas ações junto à comunidade.

De modo geral, a segunda imersão teve como foco principal a

interação direta com as crianças, por meio de conversas, brincadeiras e atividades lúdicas voltadas ao estímulo da participação, da socialização e do fortalecimento da autoestima. Essa etapa permitiu uma compreensão mais aprofundada do contexto social das crianças, evidenciando a importância do afeto, da escuta ativa e da oferta de referências positivas para o seu desenvolvimento integral.

Na terceira imersão do projeto de extensão comunitária, foram desenvolvidas atividades práticas que articularam aprendizado, movimento corporal e expressão criativa. O encontro teve como principal objetivo promover ações lúdicas com as crianças atendidas pelo Prato Verde Sustentável e pelo CCA, bem como aplicar um questionário voltado à identificação de seus hábitos alimentares e aspectos do cotidiano fora do ambiente institucional (cf. este [link](#)).

Para otimizar o tempo e garantir maior dinamismo, a turma foi dividida em três equipes, que se revezavam a cada vinte minutos entre as atividades propostas. Uma das equipes conduziu práticas esportivas na quadra, incluindo jogos de futebol, voleibol e queimada, com foco no trabalho em equipe, na cooperação e no espírito coletivo. Outra equipe desenvolveu atividades de desenho e pintura em sala, concebidas como espaços livres para a expressão de sentimentos e da criatividade infantil. A terceira equipe realizou uma oficina de judô, voltada ao incentivo ao respeito, à disciplina e ao autocuidado.

Durante as atividades e os momentos de conversa, foi possível aprofundar a compreensão dos sentimentos, desejos e rotinas das crianças, fortalecendo os vínculos afetivos estabelecidos nas imersões anteriores. Paralelamente, foi aplicado um questionário sobre alimentação e cotidiano, cujo objetivo foi identificar os hábitos alimentares das crianças fora da ONG, fornecendo subsídios para a elaboração de orientações simples, contextualizadas e passíveis de aplicação no âmbito familiar e comunitário.

O envolvimento ativo e o entusiasmo das crianças ao longo das atividades evidenciaram o potencial transformador de ações educativas baseadas no brincar, na escuta ativa e na interação significativa. A troca entre estudantes e crianças, mediada por práticas esportivas, artísticas e educativas, reforçou a importância da empatia, do diálogo e da presença comprometida no fortalecimento do vínculo com a comunidade atendida pelo Prato Verde Sustentável e pelo CCA.

Por fim, a reflexão realizada após a visita permitiu reconhecer a relevância de integrar atividades lúdicas, diálogo e investigação

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

sistematizada no desenvolvimento de ações extensionistas. A aplicação do questionário revelou aspectos fundamentais da rotina alimentar das crianças, possibilitando a projeção de ações futuras voltadas à promoção de hábitos mais saudáveis. Essa etapa evidenciou o crescimento coletivo proporcionado pela experiência, tanto para os estudantes envolvidos quanto para as crianças participantes, reafirmando o compromisso do projeto com a transformação do conhecimento acadêmico em ação social concreta.

Projetos desenvolvidos

As atividades foram organizadas de modo a otimizar a participação das crianças e favorecer experiências diversificadas, respeitando as faixas etárias e os diferentes interesses. Inicialmente, os estudantes foram divididos em dois grupos principais.

O Grupo A, composto por aproximadamente 24 crianças, foi direcionado para a quadra esportiva, onde participou de atividades lúdico-esportivas distribuídas em dois momentos, totalizando cerca de 50 minutos, incluindo orientações e explicações prévias. As atividades desenvolvidas incluíram roda de vôlei, chute a gol e queimada, realizadas de forma alternada entre subgrupos (Figura 4). Durante as brincadeiras, foram inseridos perguntas e diálogos breves sobre alimentação saudável, meio ambiente e sustentabilidade, com o objetivo de integrar conteúdos educativos às práticas corporais (cf. este [link](#)).

Figura 4. Imagens das atividades esportivas



Fonte: autores

Paralelamente, o Grupo B foi subdividido em dois subgrupos, preferencialmente considerando os interesses das crianças. Um dos subgrupos participou da oficina de judô, com duração aproximada de 30 minutos, voltada ao desenvolvimento da disciplina, do respeito às regras, da hierarquia e da valorização da atividade física como instrumento de autocontrole e convivência social (Figura 5). Ressaltou-se que a prática não tinha caráter agressivo, mas educativo, enfatizando o respeito mútuo e a resolução pacífica de conflitos, com a realização de exercícios básicos e orientados.

Figura 5. Imagens da oficina de judô



Fonte: autores

O segundo subgrupo participou da oficina de pintura e origami (Figura 6), também com duração de 30 minutos, utilizando materiais como giz de cera, lápis de cor e papel. Essa atividade teve como objetivo estimular a criatividade, a expressão emocional e o empoderamento das crianças, por meio da valorização de suas produções artísticas. Caso a instituição julgasse pertinente, outras estratégias de comunicação educativa poderiam ser incorporadas.

No início das oficinas de judô e de pintura/origami, as crianças responderam ao questionário sobre alimentação e cotidiano mencionado acima, cujas respostas foram registradas em formulário digital e posteriormente disponibilizadas ao CCA. Considerando essa etapa inicial, o tempo total de cada ciclo de atividades foi de aproximadamente 50 minutos.

Após o primeiro ciclo, realizou-se a troca obrigatória dos grupos, permitindo que todas as crianças participassem tanto das atividades esportivas na quadra quanto das oficinas em espaço fechado. Ao final das ações, as atividades foram encerradas com agradecimentos à instituição parceira, às crianças, às professoras e às equipes de coordenação. Nesse momento, alguns estudantes da Mauá e do CCA

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

tiveram espaço para expressar suas percepções e emoções sobre a experiência vivenciada.

Figura 6. Imagens da de pintura e origami



Fonte: autores

Foi também realizada uma avaliação das emoções das crianças no início (check-in) e ao término (check-out) das atividades, utilizando-se uma escala do tipo Likert ilustrada por expressões faciais (emojis), variando de emoções negativas a positivas (Figura 7). Essa estratégia permitiu mensurar o nível médio geral das emoções antes e após a intervenção desenvolvida pelo Instituto Mauá de Tecnologia.

Figura 7. Imagens do QR Code e dos emojis do check-in e check-out



Fonte: autores

Ao término das atividades, foi organizado um momento de confraternização com as crianças, ocasião em que foram entregues kits escolares compostos por sacochila, caderno, lápis, apontador e borracha. Essa ação foi pensada para além do caráter material da doação, tendo como objetivo principal motivar as crianças e adolescentes ao estudo e à vida universitária.

A experiência proporcionada pelo projeto possibilitou a vivência concreta de princípios associados à responsabilidade social e à sustentabilidade, ampliando a compreensão dos participantes acerca das desigualdades sociais e evidenciando o papel transformador da educação e da promoção de práticas alimentares saudáveis no contexto comunitário.

Avaliação da turma

Um formulário de coleta, elaborado na plataforma Google, da percepção dos estudantes acerca das experiências vivenciadas no projeto de extensão foi enviado à toda a turma, para que todos pudessem opinar. Os resultados evidenciaram elevados níveis de satisfação e aprendizagem, ressaltando o valor formativo, humano e social da iniciativa.

Os resultados quantitativos foram analisados a partir do cálculo das médias das respostas, o que facilitou a visualização e a interpretação das avaliações. A questão “De 0 a 5, como você avalia a disciplina de Projeto de Extensão Comunitária no geral?” apresentou média de 4,4, indicando elevado nível de satisfação. De forma semelhante, a pergunta “De 0 a 5, como você avalia o aprendizado prático proporcionado pela disciplina?” obteve média de 4,2, evidenciando que a experiência foi percebida como relevante para a formação acadêmica dos estudantes.

No que se refere ao trabalho em grupo, a questão “De 0 a 5, como você avalia o trabalho em equipe ao longo do projeto?” alcançou média de 4,4, demonstrando uma dinâmica colaborativa positiva entre os participantes. A contribuição da disciplina para a formação acadêmica foi avaliada por meio da pergunta “De 0 a 5, o quanto a disciplina contribuiu para sua formação?”, cujo resultado médio foi de 4,2, reforçando a percepção de impacto formativo da proposta extensionista.

A participação individual dos estudantes foi analisada por meio da questão “De 0 a 5, como você avalia sua participação pessoal no projeto?”, que apresentou média de 4,4, indicando elevado grau de envolvimento e engajamento da maioria dos respondentes.

As questões de caráter qualitativo foram analisadas de forma interpretativa, buscando identificar padrões recorrentes nas percepções dos estudantes. Dentre as respostas à pergunta “O que poderia ser melhorado?”, destacaram-se, de maneira recorrente, a necessidade de maior organização prévia dos encontros e a distância do local escolhido para a realização das atividades, apontando aspectos relevantes para o aprimoramento de futuras edições do projeto.

Avaliação da entidade parceira

A avaliação da parceria institucional foi realizada por meio de entrevistas abertas conduzidas durante a última imersão do projeto. O objetivo foi compreender a percepção da organização parceira acerca do impacto das ações desenvolvidas pelos estudantes do IMT, bem como o valor do projeto para a comunidade atendida. Optou-se pela realização de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, a fim de preservar a fidedignidade dos relatos e captar nuances, reflexões e aspectos subjetivos dos entrevistados, ambos diretamente envolvidos com o projeto desde sua concepção e desenvolvimento.

A primeira entrevistada foi a diretora do Prato Verde Sustentável. Sua atuação concentra-se na coordenação de ações voltadas à promoção da alimentação saudável, à educação socioambiental e à formação cidadã, além da articulação de oficinas e parcerias institucionais. O segundo entrevistado foi o coordenador do Prato Verde Sustentável, responsável pela concepção do projeto e pela integração entre educação ambiental, sustentabilidade e desenvolvimento comunitário, com forte vínculo entre sua trajetória pessoal, acadêmica e social.

O discurso da diretora destaca o caráter transformador do Prato Verde Sustentável, cujo objetivo vai além da oferta de alimentação, buscando promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A alimentação adequada é apontada como base essencial para o bem-estar, o aprendizado e a construção de perspectivas futuras, sendo

complementada por ações educativas, oficinas formativas e atividades que fortalecem vínculos sociais, emocionais e comunitários. As hortas pedagógicas e o contato com a natureza são ressaltados como estratégias educativas centrais. Por fim, a diretora enfatiza como principal resultado do projeto o impacto duradouro na trajetória dos participantes, evidenciado pelo avanço educacional e profissional de crianças acompanhadas ao longo dos anos.

O coordenador do Prato Verde Sustentável destaca o caráter socioambiental do projeto, voltado à educação ambiental, alimentar e à formação cidadã nas comunidades periféricas. A iniciativa é apresentada como resultado da integração entre experiências pessoais, trajetória acadêmica interdisciplinar e engajamento social. Atualmente, o projeto busca promover territórios autossustentáveis, fortalecendo a relação entre comunidade, natureza e alimentação saudável, com o objetivo de formar sujeitos críticos e conscientes, capazes de atuar no enfrentamento da insegurança alimentar e na construção de um futuro social e ambientalmente equilibrado.

As entrevistas evidenciaram que a parceria com os estudantes do IMT fortalece a missão institucional do projeto e amplia de forma significativa seu impacto social. As ações desenvolvidas foram percebidas como acolhedoras, comprometidas e transformadoras, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos entre a comunidade atendida, os voluntários e a equipe da organização.

Ambos expressaram reconhecimento e gratidão pela colaboração estabelecida, além de ressaltar a importância da manutenção e ampliação das parcerias como estratégia para assegurar a continuidade e a sustentabilidade das ações. Nesse sentido, a experiência relatada reafirmou a essência do Projeto de Extensão Comunitária, fundamentada na articulação entre conhecimento técnico, empatia e compromisso social, evidenciando que a atuação integrada entre estudantes e comunidade é elemento central para a promoção de transformações sociais efetivas.

Considerações finais

Antes do início das atividades do projeto, foi aplicado um questionário inicial com a finalidade de compreender o estado emocional das crianças e dos adolescentes no momento que antecedeu a vivência comunitária. A pergunta “Como você está se

sentindo agora?” buscou mapear o clima emocional do grupo e identificar as expectativas iniciais em relação à experiência extensionista.

Os resultados indicaram que a maior parte dos participantes apresentava um estado emocional favorável e motivado. Do total de respondentes, 25 estudantes relataram sentir-se bem, tranquilos e confiantes, enquanto 22 declararam estar muito felizes e entusiasmados. Uma parcela reduzida demonstrou sentimentos neutros ou negativos: cinco deles indicaram indiferença, dois relataram cansaço ou desânimo, outros dois mencionaram tristeza ou ansiedade e apenas um participante apontou preocupação ou mau humor.

Esses dados revelaram que o grupo iniciou o projeto com uma postura predominantemente positiva, marcada por interesse, curiosidade e disposição para o aprendizado. Tal condição emocional favoreceu a qualidade das interações interpessoais e o engajamento coletivo nas ações propostas. Mesmo entre aqueles que expressaram algum grau de apreensão ou fadiga, a experiência prática e o contato direto com a comunidade tenderam a atuar como fatores de renovação emocional, estimulando o sentimento de pertencimento e propósito.

De forma geral, o levantamento inicial evidenciou que os participantes se encontravam abertos à vivência, dispostos a aprender e a participar ativamente das atividades. Essa leitura emocional prévia mostrou-se relevante para a análise posterior dos impactos do projeto, não apenas no aprendizado técnico, mas também no desenvolvimento pessoal e no bem-estar dos participantes.

Após a realização das atividades recreativas, o formulário foi reaplicado com o objetivo de avaliar o estado emocional dos estudantes ao final da experiência. Os resultados evidenciaram uma mudança significativa no clima do grupo, indicando o impacto positivo das dinâmicas desenvolvidas. Conforme as respostas, 33 participantes afirmaram sentir-se muito felizes e animados, enquanto três relataram estar bem e tranquilos. Não foram registradas manifestações de emoções negativas, como cansaço, preocupação ou tristeza. Observou-se, assim, um aumento expressivo nos níveis de entusiasmo e satisfação em comparação ao momento anterior às atividades.

Esses dados demonstraram que a vivência extensionista exerceu um efeito positivo sobre o humor, a energia e o envolvimento dos participantes. O ambiente acolhedor, as interações coletivas e o contato direto com a realidade do projeto contribuíram para o

fortalecimento dos vínculos entre os estudantes e para a construção de um sentimento coletivo de alegria e pertencimento.

A análise dos dados obtidos por meio dos formulários de avaliação indicou que o projeto de extensão desenvolvido em parceria com o Prato Verde Sustentável proporcionou aos estudantes do IMT e do CCA uma experiência formativa profunda e transformadora. Para além de uma atividade acadêmica, o projeto foi vivenciado como um espaço de exercício prático de valores essenciais, como empatia, cidadania, responsabilidade social e respeito à diversidade, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento humano dos envolvidos.

Os resultados apontaram que a articulação entre teoria e prática, característica das ações de extensão universitária, favoreceu não apenas a aplicação de conhecimentos técnicos, mas também o fortalecimento de competências socioemocionais e profissionais, tais como trabalho colaborativo, comunicação eficaz, escuta sensível e consciência social. Além disso, o contato direto com a realidade das crianças atendidas pela ONG possibilitou aos estudantes uma compreensão mais ampla das desigualdades sociais e do papel do futuro profissional na promoção da inclusão e da transformação social.

Nesse contexto, o projeto reafirmou a importância da extensão universitária como eixo indissociável do ensino e da pesquisa, ao contribuir para uma formação acadêmica mais crítica, ética e socialmente comprometida. A experiência vivenciada junto ao Prato Verde Sustentável evidenciou o potencial das parcerias interinstitucionais na construção de ações socialmente relevantes, ao mesmo tempo em que fortaleceu a formação de profissionais mais conscientes, sensíveis e preparados para atuar de forma responsável e transformadora em seus futuros contextos de atuação.

ONG Teto (Arquitetura)

Nossa visita à aldeia Tekoa Yvy Porã foi realizada em conjunto com a TETO, uma organização não-governamental que atua em comunidades vulneráveis, trabalhando para melhorar as condições de moradia e a infraestrutura básica e para promover o desenvolvimento comunitário por meio de ações voluntárias. A presença da TETO nos ajudou a compreender melhor o contexto geral da aldeia e a identificar, de forma mais direcionada, os principais desafios enfrentados pelas famílias.

O nome da aldeia “Tekoa Yvy Porã”, que está localizada no Pico do Jaraguá, significa “terra sagrada” em guarani. Nossa primeira impressão era de que a situação seria bem mais precária do que realmente é, e ficamos curiosos para entender melhor como funcionam a rotina e a cultura deles. Durante a visita, aprendemos várias coisas sobre a cultura indígena e seus hábitos, como a construção de armadilhas de caça, o cultivo de abelhas e a forte conexão deles com os animais. Além disso, achamos interessante a forma como os ensinamentos são passados de geração em geração, mantendo viva sua cultura.

O foco principal da atividade era entender como a comunidade utiliza a água e quais são as dificuldades relacionadas a isso, como o acesso e a qualidade. Descobrimos que, embora a água seja tratada e adequada para consumo, algumas famílias enfrentam grande esforço para acessá-la. Uma das famílias relatou que o chefe da casa precisa descer o morro diariamente para buscar água, o que é especialmente difícil por haver uma idosa na residência. Eles armazenam a água em um galão grande e afirmam que, apesar de terem água todos os dias, ainda faltam pontos de distribuição mais próximos. Por isso, uma caixa d’água instalada na casa seria uma grande melhoria, mais urgente até do que a construção de um banheiro, mesmo havendo espaço para isso.

Também ouvimos relatos de como vizinhos externos à aldeia jogam lixo no território, sujando o ambiente. Uma fala que nos marcou foi: “terra e folha na cidade são sujeira, aqui não”, o que mostra como o significado da natureza é diferente para quem vive em relação direta com ela.

Observamos, ainda, que a casa da família visitada é construída em barro, é aberta e não dispõe de cômodos divididos. Apesar de

muitas pessoas viverem no mesmo espaço, a casa é fresca e não apresenta problemas de umidade, já que o barro ajuda a manter a temperatura interna.

Durante a coleta de informações, percebemos como é difícil compreender de verdade quais são as necessidades da comunidade e distinguir o que achamos importante do que eles realmente consideram necessário. Também entendemos como é essencial reconhecer até onde nossa ajuda faz sentido e a partir de onde precisamos dar um passo atrás para respeitar a autonomia deles e os seus conhecimentos.

A visita à aldeia, junto da orientação da TETO, nos trouxe mais do que dados para um projeto; trouxe reflexão, sensibilidade e um olhar mais atento para o impacto real de qualquer intervenção.

Como parte das atividades do projeto de extensão, foram realizadas algumas ações a partir do que foi observado na visita e discutido com o líder da aldeia, o Tiago:

Mapeamento da aldeia indígena, ajudando a compreender melhor a organização do território e dos espaços utilizados pela comunidade. Para isso, foi realizada uma segunda visita para obter os pontos georreferenciados;

Foram desenvolvidos novos layouts para banners com informações sobre o local, especificamente a trilha existente na aldeia e que possui banners com informações, mas que estão bastante degradados pela exposição aos elementos climáticos;

Foi realizada uma pesquisa sobre o uso de banheiros secos como possível alternativa para a aldeia, considerando as condições locais e o respeito aos costumes e à autonomia da comunidade. Essa informação será direcionada à Teto;

Foi sugerido um ajuste no questionário aplicado aos indígenas, pois foi concebido para comunidades periféricas, não para aldeias indígenas. Essa proposta também será encaminhada à Teto.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores

ONG Teto (Engenharia)

Durante o Projeto de Extensão, uma turma do 1º ano do curso de engenharia participou de uma parceria com a entidade TETO, que constrói casas emergenciais para pessoas em situação de vulnerabilidade. A ONG foi fundada em 1997 no Chile e expandiu-se para outros países da América Latina, incluindo o Brasil, onde atua em vários estados.

Atuamos com a TETO na favela Savoy, em Carapicuíba, município a cerca de 30 km da capital paulista. Essa favela abriga aproximadamente 720 famílias em situação de pobreza ou de extrema pobreza.

A primeira etapa do projeto, chamada de Escutando Comunidades (ECO), consistia em visitar as casas das pessoas para as quais construiríamos, posteriormente, casas emergenciais, para que pudéssemos conhecê-las melhor. Nessas visitas, que duraram um fim de semana inteiro, foram contados histórias e fatos traumáticos do dia a dia dessas pessoas, que nos deram apenas uma ideia de como é difícil uma vida assim.

Após a realização da ECO, houve a pré-logística, realizada no dia 27 de setembro (sábado), das 6h da manhã até as 17h. Nela foram descarregados os materiais a serem utilizados para construir as casas no final de semana seguinte, como painéis de madeira, pilotis e telhas de material reciclável. Os materiais eram trazidos por caminhonetes até certos pontos da favela, já que havia muitos locais inacessíveis a caminhonetes.

Após a etapa de pré-logística, a construção foi realizada. Nela, treze grupos se reuniram para construir moradias emergenciais em diferentes partes da comunidade. A construção foi feita nos dias 4 e 5 de outubro. Os integrantes da TETO e os voluntários se encontraram para começar essa etapa na sexta-feira (3 de outubro) no colégio Santa Cruz, em São Paulo. Saímos da escola por volta das 21h rumo a uma escola pública perto da comunidade. Foi lá que dormimos durante esse fim de semana. No dia seguinte, foi realizado o processo de inicialização da construção, no qual se procedeu à escavação de buracos para a inserção dos pilotis necessários à base da casa. No domingo, os materiais de cada casa foram transportados aos locais onde elas seriam montadas.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Em função de diversas dificuldades, no final do domingo, apenas uma casa estava totalmente construída. Nas demais, porém, faltava apenas a instalação do telhado. Ela foi feita juntamente com a pintura fim de semana seguinte.

Ao final, percebemos que cada martelada, cada esforço e cada momento compartilhado contribuíram não apenas para erguer moradias, mas também para fortalecer o sentido de comunidade e de esperança.



Fonte: autores

Recifavela (Design)

Figura 1 – Ação de voluntariado na Cooperativa Recifavela



Fonte: Instagram da Cooperativa Recifavela (@recifavela)

Apresentação Geral do Projeto

O Projeto de Extensão Comunitária (PEC) do Instituto Mauá de Tecnologia, realizado no segundo semestre de 2025 sob a orientação do Professor Dr. José Carlos Carreira, teve como objetivo aproximar os estudantes da realidade social e ambiental de comunidades paulistanas.

Nesta edição, a turma do 1º ano do curso de Design teve o privilégio de colaborar com a Cooperativa Recifavela, localizada na comunidade da Vila Prudente – uma das mais antigas comunidades de São Paulo. A parceria proporcionou uma experiência transformadora, em que o design foi utilizado como ferramenta de impacto social e fortalecimento comunitário.

Ao longo do semestre, os alunos puderam compreender o poder do design para promover inclusão, sustentabilidade e transformação social. Cada grupo desenvolveu um projeto voltado às necessidades reais da cooperativa, aplicando criatividade e empatia para

potencializar sua atuação e visibilidade.

Apresentação da Entidade Parceira

A Recifavela é uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis localizada na Vila Prudente, zona leste de São Paulo. Surgiu da iniciativa de jovens catadores da comunidade, com o objetivo de criar oportunidades de trabalho e resgatar o propósito de vida de pessoas em situação de vulnerabilidade, especialmente mulheres e mães.

A cooperativa realiza coleta seletiva, triagem, prensagem e venda de resíduos recicláveis como papel, plásticos, vidros, metais, papelão e isopor. Estudos realizados pela Recifavela mostraram que a própria comunidade ainda tinha grande potencial de reciclagem: um levantamento interno apontou que cada morador descartava cerca de 3 kg de material reciclável por dia — ou, na visão deles, matéria-prima. Esse trabalho tem impacto direto na renda dos cooperados e na sustentabilidade local.

O trabalho desenvolvido não apenas gera renda, mas também promove conscientização ambiental e valoriza o senso de comunidade. Ao transformar resíduos que seriam descartados de forma inadequada em matéria-prima para novos produtos, a Recifavela ajuda a diminuir a poluição do solo, da água e do ar, fortalecendo a economia circular e incentivando práticas sustentáveis que beneficiam toda a sociedade.

***“Para muitos, lixo; para nós, uma
oportunidade.”***

– Slogan da Recifavela

Endereço: Rua Capitão Pacheco e Chaves, 108 – Vila Prudente,
São Paulo

Contatos: (11) 4114-8692 / (11) 3435-2655

Apresentação da metodologia adotada

Durante o Projeto de Extensão Comunitária, a turma do 1º ano de Design contou com a orientação do professor José Carlos Carreira, que conduziu o processo de forma colaborativa, promovendo trocas constantes entre os grupos e a cooperativa parceira.

O ponto de partida da jornada foi uma palestra ministrada, no IMT, por Cristiano Cardoso, líder da Cooperativa Recifavela, que apresentou sua história, estrutura e funcionamento, além de compartilhar com transparência os desafios enfrentados no dia a dia dos cooperados. Essa primeira conversa foi essencial para despertar a curiosidade e o envolvimento da turma com o projeto.

A partir dessa introdução, os alunos iniciaram um processo de pesquisa e reflexão sobre temas como reciclagem, economia circular, comunicação social e impacto ambiental, buscando compreender o contexto da cooperativa e identificar oportunidades em que o design pudesse contribuir de forma prática e significativa. Durante as aulas e reuniões, discutimos ideias, analisamos referências e traçamos estratégias para o desenvolvimento das propostas de cada grupo.

Em seguida, realizamos uma visita presencial à sede da Recifavela, onde fomos calorosamente recebidos pela equipe. A experiência permitiu observar de perto a rotina dos catadores, conhecer o espaço físico da cooperativa e compreender melhor as etapas do trabalho — desde a triagem até a prensagem dos materiais recicláveis. Essa vivência aproximou a turma da realidade local e consolidou o aprendizado adquirido nas etapas anteriores.

Após a visita, mantivemos um contato constante com o Cristiano, por meio de mensagens e ligações, para alinhar ideias, esclarecer dúvidas e ajustar as propostas de acordo com as necessidades da cooperativa. Essa comunicação próxima foi fundamental para garantir que cada projeto estivesse em sintonia com os valores e objetivos da Recifavela.

Todo esse processo reforçou o propósito da extensão comunitária: unir teoria e prática em um trabalho de colaboração e empatia. Mais do que desenvolver projetos de design, essa metodologia nos ensinou a enxergar o potencial do design como ferramenta de transformação social, capaz de conectar pessoas, fortalecer comunidades e gerar impacto real.

Apresentação dos Projetos Desenvolvidos

Grupo 1 – E-book Didático “Fortalecendo a Presença Digital”

Nosso grupo desenvolveu um e-book didático especialmente pensado para fortalecer a presença digital da Cooperativa Recifavela

nas redes sociais. O objetivo principal foi criar um material prático, acessível e inspirador, que mostrasse o trabalho incrível realizado pela cooperativa e que pudesse atrair novas parcerias, engajamento e apoio da sociedade.

O e-book apresenta dicas de como construir uma identidade digital forte, escolher os canais certos para comunicação, sites e funcionalidades para criação, criar conteúdos relevantes e visualmente atraentes, além de estratégias para atrair e engajar o público nas redes sociais. Para isso, utilizamos recursos visuais, linguagem clara e conteúdos que fortalecem o impacto social e ambiental da Recifavela.

Além de servir para capacitação interna e divulgação, o projeto contribui para ampliar a visibilidade da cooperativa, ressaltando seu papel na sustentabilidade, reciclagem e transformação social na comunidade, com exemplos claros e simples que cabem em tempo e recurso para serem usados pela Cooperativa.



Bem-vindos(as)!

Este e-book foi criado especialmente para a **Cooperativa Recifavela**, com o objetivo de fortalecer sua presença digital, mostrar o incrível trabalho da equipe e atrair novas parcerias. Aqui, você encontrará dicas práticas, linguagem acessível e muita motivação para impulsionar sua comunicação online.

Prepare-se para descobrir como o mundo digital pode ser um grande aliado na missão de transformar vidas e o meio ambiente! Vamos juntos nessa jornada?

Capítulo 1: Desvendando o Poder da Presença Digital

Por que estar online é importante?

No mundo atual, a internet se tornou uma ferramenta poderosa para conectar pessoas, divulgar ideias e construir relacionamentos. Para a Cooperativa Recifavela, ter uma presença digital forte significa:

- **Aumentar a visibilidade:** Mostrar o trabalho da cooperativa para um público maior.
- **Atrair novas parcerias:** Conectar-se com empresas, organizações e pessoas que compartilham dos mesmos valores.
- **Fortalecer a reputação:** Construir uma imagem positiva e confiável da cooperativa.
- **Impactar mais vidas:** Ampliar o alcance das ações e gerar um impacto social ainda maior.

Reflexão: Como a presença digital pode impulsionar os objetivos da Cooperativa Recifavela?

Capítulo 2: Construindo sua Identidade Digital

Quais canais utilizar?

Existem diversas opções para construir sua presença digital. Algumas das mais importantes são:

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Exemplos:



Projeto realizado pelas alunas:

Beatriz Rodrigues Limbeck - 25.01091-9; Mariana Firmiano Do Carmo silva - 25.01497-8; Luiza Monteiro de Freitas - 25.01341-8; Isabella Gitti - 25.01321-0; Maria Eduarda Seabra - 25.00798-0

Grupo 2 – Atualização de Branding e Identidade Visual

Esse grupo ficou responsável por aprimorar a Identidade Visual da Cooperativa Recicfavela. O projeto propõe uma reformulação da identidade visual da marca, considerando sua essência, valores e posicionamento no mercado, com o intuito de fortalecer sua comunicação institucional e promover maior reconhecimento e coesão em sua representação visual.

A Recicfavela é uma empresa que se destaca pela valorização da identidade das periferias, fortalecendo uma cultura e suas narrativas, ao mesmo tempo em que oferece suporte às pessoas que procuram emprego nela.

Diante dessa relevância social e cultural, buscamos desenvolver

uma atualização de branding que refletisse o impacto positivo e transformador da marca em seu contexto de atuação. A nova proposta visa manter a autenticidade e a essência comunitária da Recifavela, ao mesmo tempo em que moderniza seus elementos visuais.

A paleta de cores foi atualizada para reforçar o dinamismo, a energia e a vitalidade características da cultura periférica: tons de verde que representam esperança e crescimento; preto, juntamente com o branco, garantindo contraste, legibilidade e equilíbrio visual. Essa combinação cromática traduz a dualidade presente na trajetória da marca: a luta e a resistência, mas também a criatividade e a vida pulsante das comunidades que ela representa.

Além da paleta cromática, foram usados aspectos como tipografia, aplicação de logotipo e diretrizes de uso da marca (que condicionam o posicionamento do logo, em referência a outros elementos que estejam por perto desse elemento ou em referência ao uso de outras colorações), de modo a garantir consistência em diferentes suportes e materiais gráficos. O resultado é uma identidade visual mais sólida, versátil e contemporânea, que reforça a personalidade autêntica da cooperativa e potencializa sua presença tanto em meios digitais quanto impressos.

Em suma, o projeto de atualização do branding da Recifavela buscou alinhar design e propósito. A proposta final não apenas reestrutura a aparência visual da marca, mas reafirma sua missão de dar visibilidade às vozes das favelas e promover a inclusão social por meio da arte e da comunicação. A nova identidade expressa o orgulho das origens, a potência da coletividade e o compromisso com a transformação cultural e social.

O trabalho apresentou uma abordagem estratégica e sensível ao redesenhar o universo visual da Recifavela. A atualização do branding fortalece a narrativa institucional da marca e contribui para consolidar sua imagem como agente de impacto cultural e social, reafirmando o poder do design como ferramenta de valorização e representação de identidades periféricas.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fontes

Títulos - Montserrat Light Italic
Texto corrido - Montserrat Light

Cores de Aplicação



PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Paleta de Cores

	HEX #000000 RGB 0/0/0 CMYK 100/100/100/100
	HEX #21CE52 RGB 33/206/82 CMYK 71/0/93/0
	HEX #0a561d RGB 10/86/29 CMYK 90/38/100/39
	HEX #ffffff RGB 255/255/255 CMYK 0/0/0/0

Margem de Aplicação

Parâmetro = 2






Restrições









Restrições









Restrições



Coca-Cola

Projeto realizado pelos alunos:

Fernanda Prieto Antonelli 25.01461-4; João Vithor de Moraes Serpa 25.00970-5; Lucas Benedetti Elias 25.00879-8; Matheus Pontes Torossian 25.01667-6; Thaís dos Santos Silva 25.01474-7; Thamires Caccáos Lima 25.00201-5

Grupo 3 – Carrinho de Big Bag

Durante a visita ao espaço da Cooperativa Recifavela, percebemos o quanto o trabalho dos cooperados era pesado e exigia esforço físico contínuo. Muitos utilizavam grandes sacos de Big Bag para transportar os materiais recicláveis, mas esses sacos estavam rasgados e precisavam ser arrastados pelo chão. Ao conversar com o Cristiano, responsável pela cooperativa, descobrimos que, antes, eles utilizavam carrinhos para facilitar o transporte, mas que todos acabaram quebrando com o tempo.

A partir dessa conversa, surgiu a ideia de desenvolver um novo carrinho para Big Bag — mais resistente, ergonômico e adaptado às reais necessidades da equipe. Analisando as fotos dos antigos carrinhos, notamos que as quebras aconteciam principalmente nas rodas e nas hastes que seguram as alças. Por isso, criamos um modelo com rodas maiores e mais firmes, em um sistema cruzado que reduz o

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

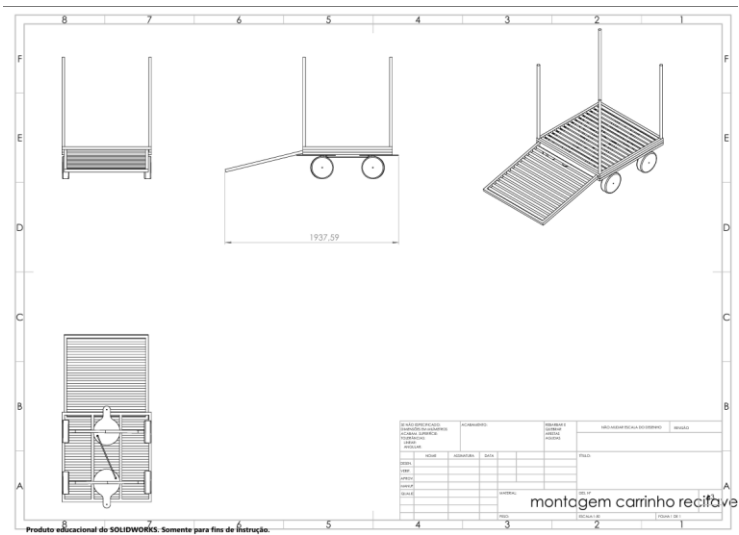
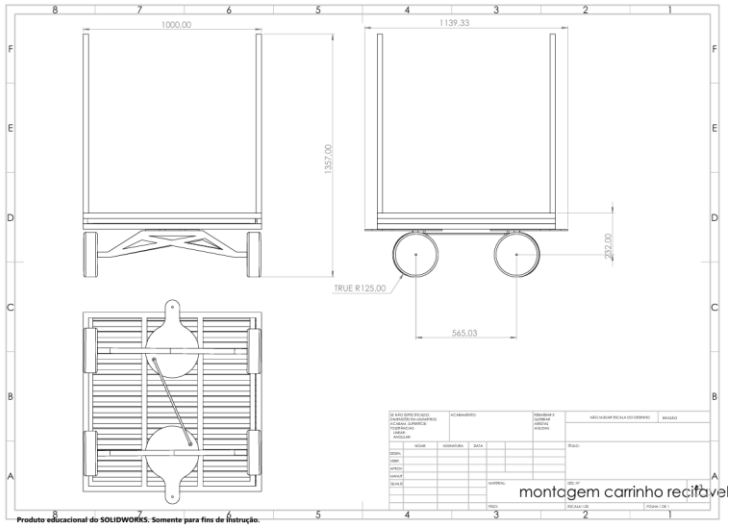
impacto e aumenta a durabilidade.

Também adicionamos uma alça removível para facilitar o transporte sem forçar as hastes, além de uma base com roletes e uma rampa retrátil, que tornam o processo de colocar e retirar os sacos cheios mais simples e seguro. As hastes removíveis, com trava de conexão por espigão, permitem ainda que o carrinho seja desmontado e guardado com mais praticidade.

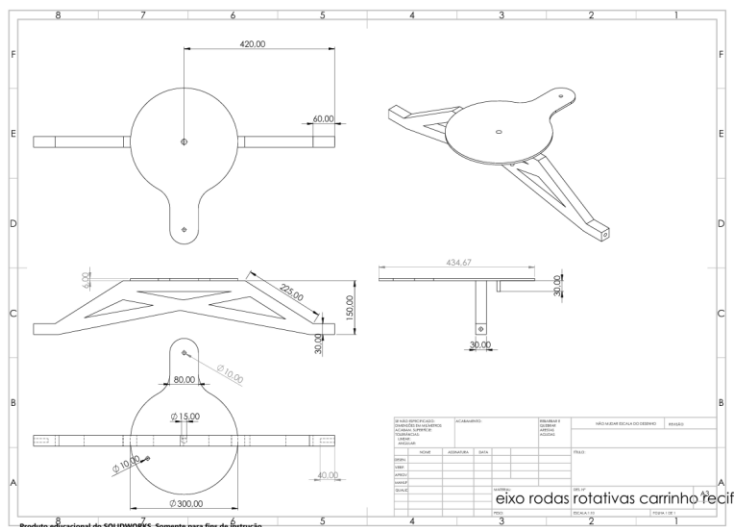
Nosso objetivo foi criar uma solução acessível e funcional, capaz de tornar o dia a dia dos cooperados mais leve e eficiente. Ao final, ficamos muito satisfeitos em contribuir com um projeto que valoriza o trabalho da Recifavela e melhora as condições de quem faz dele um exemplo de transformação social.



PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



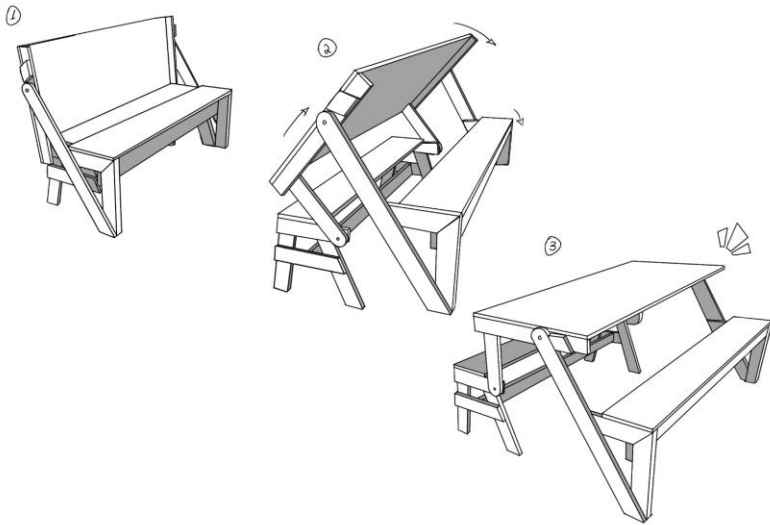
Projeto realizado pelos alunos:

Gustavo Almeida Amorim da Silva - 23.01227-7; Isabella Hikari Chinen - 25.00597-6; Júlia Jordão Gaidys - 25.01671-8; Mariana Martin de Souza - 25.01360-8 ; Mariani Ciríaco Mathias - 25.01299-8; Sarah Rios Montibeller - 25.01577-7

Grupo 4 – Melhoria do pátio externo e melhor ambiente para os funcionários

Nosso grupo concebeu inicialmente uma pequena reforma e modificação para a área externa. Porém, tendo em vista a renda e a mão de obra não existentes, simplificamos para a proposta de bancos/mesas fácil de montar, baratos de criar e cômodos para o uso geral – isso sem contar os outros temas trabalhados anteriormente, que foram descartados por não serem viáveis.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Projeto realizado pelos alunos:

Júlia Donato Romero - 25.01240-2 | Rafaela Pereira Portela - 25.00893-9

Grupo 5 – Bem-estar dos Cooperados - “Corpo em Ciclo”

Ao visitarmos a cooperativa, percebemos que a Recifavela atua principalmente na triagem e reciclagem de materiais, um trabalho intenso, repetitivo e de grande esforço físico. Pensando nisso, desenvolvemos o projeto “Corpo em Ciclo”, uma proposta de ginástica laboral voltada ao bem-estar das cooperadas.

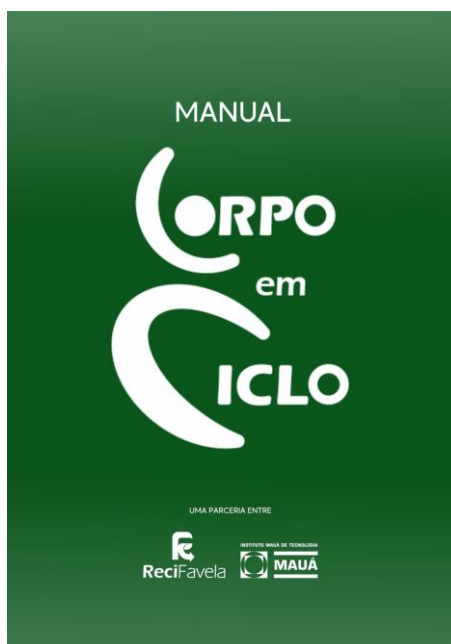
Nosso objetivo foi promover a saúde física e psicológica das trabalhadoras, que enfrentam longas jornadas e elevada demanda corporal. Acreditamos que, com uma rotina simples de exercícios diários, direcionados às demandas delas — com cerca de 10 minutos antes do início do turno —, é possível aliviar tensões musculares, reduzir dores recorrentes e fortalecer a relação delas com o próprio corpo.

Durante o desenvolvimento do projeto, realizamos visitas ao galpão da cooperativa, entrevistas com profissionais de saúde,

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

questionários e pesquisas online. A orientação da professora Jane, coordenadora de atividades físicas do IMT, foi essencial para estruturarmos a sequência de exercícios. Além disso, criamos uma identidade visual e um cartaz informativo para divulgação na cooperativa.

A comunicação constante com o Cristiano, responsável pela Recifavela, foi outro ponto-chave desse processo. Sua receptividade, confiança e abertura ao diálogo nos permitiram trabalhar com liberdade, criatividade e propósito. Ficamos muito felizes em saber que ele aprovou as soluções propostas.



Projeto realizado pelos alunos:

Sabrina Lima Primo (25.01199-0); Sibele Monique Nogueira Prado (25.00618-0); Gabriela Andrade Venancio (25.00652-9); Rafael de Freitas Santos (25.00605-7); Jéssica Gomes (25.01070-3)

Grupo 6 – Quadro com nova identidade visual da Recifavela com cápsulas de café

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

No decorrer do nosso projeto, tivemos reuniões em grupo, sempre sob os comentários e observações do nosso professor, José Carlos Carreira. Essas reuniões foram essenciais para o desenvolvimento do nosso trabalho. Igualmente essencial foi a visita feita a nosso parceiro, que possibilitou tanto uma melhor análise da situação em que se encontravam quanto uma compreensão mais adequada de como nós, do curso de Design, poderíamos ajudá-los, utilizando nossos conhecimentos e habilidades.

Na visita, percebemos as condições de trabalho desafiadoras dos cooperados. Também percebemos as expressões e os sentimentos nos rostos dos cooperados, que pareciam mais fechados e sem vontade de conversar conosco, mantendo-se muito focados em seu trabalho. No final da visita, o Cristiano, fundador da Recifavela, abriu uma roda de conversa para que pudéssemos realizar perguntas para saber o que eles queriam que nós poderíamos fazer por eles.

Realizamos diversas pesquisas sobre produtos e formas de criar um produto com uma boa finalidade que ajudasse o nosso parceiro. Fizemos, então, um quadro com redesign do logo da cooperativa criado pelo grupo 2, usando para isso cápsulas de café. O objetivo principal era criar algo bonito e artístico que eles pudessem deixar para enfeitar a cooperativa, dando um visual mais alegre e inovador ao ambiente de trabalho deles.

Aqui estão as ideias e esboços do projeto:



Projeto realizado pelos alunos:

Pedro Pessoa Menezes de Oliveira - 25.00764-2; Lucas Rovero Marques - 25.00295-7

Avaliação da Jornada

A jornada com a Recifavela foi uma experiência muito impactante e especial para nós. Desde a palestra e a primeira visita à cooperativa, aprendemos muito sobre o impacto real do trabalho dela e sobre a importância que o design pode ter quando é usado da forma certa para ajudar pessoas e comunidades.

Conhecer de perto a história da Recifavela e o trabalho do Cristiano nos fez entender a importância da união, da perseverança e da sustentabilidade. Assim como o slogan dela diz, “Para muitos, lixo; para nós, uma oportunidade”, a vivência com a Recifavela nos fez refletir sobre como pequenas ações podem gerar grandes mudanças nas vidas das pessoas.

Essa vivência também nos fez crescer muito, seja como profissionais, seja como pessoas, aprimorando não só técnicas e habilidades de design, mas também nossa empatia, nosso olhar sem julgamentos e nossos ouvidos e mentes abertos para todos os tipos de histórias de pessoas e projetos. Com toda certeza, o design se torna uma ferramenta de transformação social quando bem direcionado. Como designers, aprendemos que o nosso papel vai além da estética: envolve escuta ativa, sensibilidade social e a busca por soluções efetivas que realmente impactem a vida das pessoas.

Recifavela (Engenharia)

Apresentação da entidade parceira

O Recifavela é uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis que atua na Zona Leste de São Paulo, com sede na Vila Prudente. Seu trabalho engloba coleta, triagem, prensagem e venda de materiais recicláveis. A cooperativa funciona em um galpão (alugado com apoio da prefeitura) e adota processos de produção mais estruturados (esteira de triagem, pesagem eletrônica e metas de produção por cooperado), o que permite funcionamento 24 horas e flexibilidade de turnos para os trabalhadores. Atualmente, de todo modo, ela funciona apenas das 8h às 22h.

Parede interna do galpão em que o Recifavela se encontra



Fonte: autores

O projeto teve origem em uma mobilização comunitária na Vila Prudente, liderada por moradores e pela Igreja São José Operário. Oficializado no final de 2007, o grupo surgiu a partir de catadores que trabalhavam sob o viaduto da região e, com o tempo, conquistou um galpão próprio e melhor estrutura de trabalho. Atualmente, desenvolve

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

iniciativas como uma loja virtual e o “banco social”, além de participar de redes voltadas à economia solidária e à reciclagem.

O Recifavela tem histórico de articulação com órgãos públicos (prefeitura/secretarias locais), redes de cooperativas e iniciativas do terceiro setor. Já houve ligações com programas de compra/venda solidária, movimentos e empresas e ONGs. Essas parcerias ajudam na comercialização do material, no acesso à infraestrutura e em projetos de capacitação.

A cooperativa conta hoje com mais de 30 cooperados (com predominância feminina: em torno de 80%), processando na casa de 100 toneladas por mês em certos meses, com meta de atingir 500 toneladas/mês. Além de emprego e renda, a cooperativa desenvolve programas de coleta seletiva comunitária que envolvem famílias da Vila Prudente e outras comunidades.



Cristiano Gonçalves Cardoso – presidente do Recifavela

Contatos:

Endereço (informado em cadastros/portfólios): **Rua Ilha Serigipe, 71-165 – Vila Prudente, São Paulo / SP.**

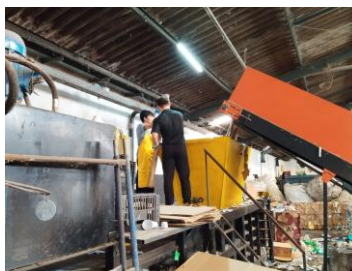
E-mail: **recifavelacml@yahoo.com.br**

Apresentação da metodologia adotada

PRIMEIRA IMERSÃO. Nossa jornada no Projeto de Extensão Comunitária (PEC) começou com a preparação para a primeira visita de campo à cooperativa Recifavela, um momento crucial na metodologia que adotamos, inspirada no Método Oásis do Instituto Elos. O propósito central dessa imersão inaugural era duplo: primeiramente, olhar a abundância de vida, potencialidade, histórias e possibilidades que existem lá, e, em segundo lugar, criar laços de afeto e confiança com as pessoas da comunidade. Era o nosso "Olhar" inicial dentro do ciclo metodológico.

Chegamos ao Recifavela com a orientação de nos abriremos e não julgar, buscando ativamente não nos prender a preconceitos sobre o espaço e as pessoas. O desafio era complexo, mas essencial: enxergar o local não pela ótica da carência, mas sim pelas suas potências e pela abundância que carregam.

Para colocar isso em prática, nós, alunos do IMT, nos dividimos em pequenos grupos. Cada grupo ficou junto aos cooperados em diferentes setores da cooperativa, como a triagem de lixo, o manuseio da prensa hidráulica e a organização da coleta direta. Enquanto eles seguiam com o trabalho e nos ensinavam como realizar essas diferentes tarefas, nosso foco era ouvi-los ativamente e com empatia, fazendo perguntas abertas sobre a cooperativa e sobre a vida deles para incentivar a partilha.



Fonte: autores

Não estávamos ali para "ajudar" de forma tradicional, mas sim para observar saberes cotidianos (como resolvem problemas? como se organizam?) e perceber as redes de solidariedade. A essência era

buscar as histórias e trajetórias que revelassem a luta e a resistência da comunidade. Foi uma experiência de atenção plena e de tentar realmente nos colocar no lugar do outro, evitando distrações e julgamentos.

Ao interagir nos setores da cooperativa, o que encontramos foi uma riqueza humana imensa, que vai muito além do material reciclável. Saímos da visita com a certeza de ter cumprido a tarefa de registrar ao menos três potências que não esperávamos encontrar.

Histórias de Talento e Trajetórias de Vida Extraordinárias: Um dos pontos mais marcantes foi descobrir as histórias individuais. Conversando com um dos cooperados, por exemplo, ficamos surpresos ao saber que ele era um dançarino talentoso e que chegou perto de participar de uma competição internacional de dança. Essa descoberta nos fez enxergar que, por trás de cada função na cooperativa, existe uma pessoa com uma vida multifacetada.

A Força dos Laços Familiares e o Acolhimento Genuíno: Outra grande surpresa foi testemunhar a presença e a união de laços familiares, como uma mãe trabalhando ao lado de sua filha e do noivo dela na cooperativa. Além disso, a forma como fomos recebidos por todos — sendo muito educados e receptivos — reforçou a sensação de acolhimento e a capacidade do grupo de construir vínculos.

O Ambiente de Trabalho Positivo e o Espírito Comunitário: Apesar das dificuldades inerentes ao trabalho, o ambiente geral na cooperativa era muito agradável. Em vez de um local de trabalho pesado, encontramos um espaço onde o humor, a organização e o cuidado mútuo eram evidentes. Essa percepção da harmonia e do espírito comunitário forte nos surpreendeu, provando que a alegria e a resiliência são recursos valiosos no dia a dia.

O ponto alto dessa nossa primeira visita – e o ápice da construção de vínculos – foi o lanche compartilhado ao final do encontro. A turma se organizou para levar e compartilhar a refeição com os cooperados do Recifavela.

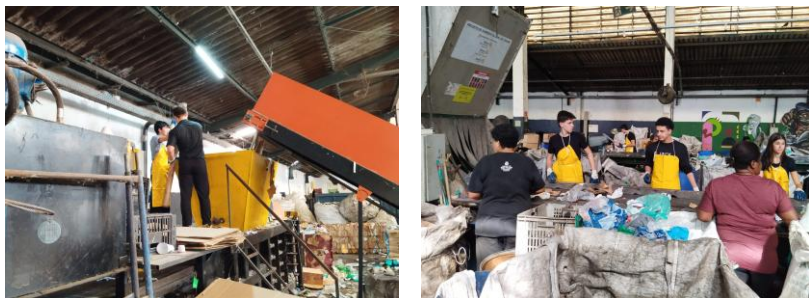
Esse momento de pausa e de conversas espontâneas fora do ambiente de trabalho e estudo permitiu que as conexões fossem ainda mais genuínas. Aquele instante simples de nos sentarmos juntos, comendo e conversando, sem a formalidade de uma "entrevista", transformou a dinâmica.

Segundo relato do presidente da cooperativa, em nosso último encontro, o lanche compartilhado da primeira visita foi um momento

verdadeiramente marcante para os cooperados, que se lembram com carinho do discurso falado por um de nossos alunos durante a refeição. Aquele instante, aparentemente simples, selou o laço de afeto e de confiança que a metodologia propõe como ponto de partida.

SEGUNDA IMERSÃO. Para a segunda imersão, tivemos um bom período de preparação, durante o qual aprendemos uma importante lição: não devemos “sonhar pelo outro”. Ou seja, aquilo que consideramos bom para nós pode não ser o melhor para o outro, reforçando o aprendizado obtido na primeira imersão. Durante essa etapa preparatória, realizamos diversas atividades que nos ajudaram a compreender melhor como abordar os cooperados e alinhar nossas ações às expectativas que eles tinham em relação ao nosso trabalho.

No dia 05/09, data marcada para a segunda imersão, saímos de Mauá às 12h15 em uma van com destino à estação de metrô Sacomã. Ao chegarmos ao Recifavela, fomos recebidos com muito carinho e atenção. Iniciamos a vivência com uma roda de conversa com os cooperados, na qual buscamos ouvir quais demandas eles tinham. Na sequência, trabalhamos ao lado dos cooperados como na primeira ida. Isso foi pensando para compensar a perda de produção que eles tiveram com a roda de conversa, que ocorreu em horário de trabalho deles. Enquanto trabalhávamos, fortalecemos ainda mais nossos laços com os cooperados, aproveitando o momento para conversar e compreender melhor o que eles esperavam de nós. Após isso, fizemos uma roda de conversa com o Cristiano, para escutar dele, como parte da gestão do Recifavela, as demandas que identificava para a cooperativa. Após algumas horas de trabalho e interação, a equipe de estudantes se reuniu e retornou a Mauá utilizando transporte público, por volta das 17h30.



Fonte: autores

Encerramos a segunda imersão com grande satisfação, pois, além de reforçarmos a parceria entre a Mauá e o Recifavela, vivenciamos experiências que nos proporcionaram valiosas lições de vida.

TERCEIRA IMERSÃO. Na aula seguinte à segunda imersão, levantamos em sala todas as demandas prospectadas e fizemos um exercício coletivo de ordená-la em função de critérios como nossa capacidade de trabalhá-las no tempo restante do semestre (pouco mais de um mês) e o impacto delas para a transformação da realidade do Recifavela. A partir disso, formaram-se quatro grupos, que selecionaram, cada qual, uma demanda e esboçaram um plano de ação. As demandas e os planos de ação delas foram validados em uma reunião remota com o Cristiano. Após isso, tivemos uma aula para avançar os projetos, levando em consideração agora as devolutivas do Cristiano. A terceira imersão, que aconteceu no dia 13 de outubro, destinou-se ao início da implementação desses projetos.

QUARTA IMERSÃO. Na preparação para a última imersão, foi essencial dar continuidade aos projetos desenvolvidos e manter o ritmo produtivo tanto nas aulas quanto fora delas. O objetivo era garantir que todos os grupos conseguissem apresentar soluções reais e bem estruturadas para os desafios enfrentados pelos cooperados da Recifavela em seu dia a dia.

Durante o período entre a terceira e a quarta imersão, percebemos avanços significativos em alguns projetos. Alguns grupos se mostraram verdadeiramente comprometidos em entregar algo que realmente fizesse a diferença para a cooperativa — um propósito que

nos acompanhou desde o início do curso.

Ao longo dessa preparação, surgiu também a ideia de realizar um último lanche coletivo como forma de celebrar tudo o que vivemos juntos. A proposta foi recebida com entusiasmo, e todos se organizaram para tornar esse momento ainda mais especial.

A última imersão aconteceu no dia 31 de outubro. Ao chegarmos, aguardamos enquanto o Cristiano, presidente da Recifavela, resolvia um pequeno problema com a empilhadeira. Em seguida, tivemos uma conversa muito significativa com ele, na qual todos os alunos puderam compartilhar suas experiências, percepções e aprendizados obtidos ao longo do projeto.

Cristiano, contente, agradeceu pela dedicação e, principalmente, pela forma como o grupo conseguiu se conectar genuinamente com os cooperados. Foi um momento de troca sincera, repleto de reconhecimento e carinho mútuos.

Essa despedida foi, sem dúvida, um dos momentos mais emocionantes do projeto. Embora tenha representado o fim de uma etapa, deixou em todos nós a certeza de que os laços criados ali não serão facilmente esquecidos.

Apresentação dos projetos desenvolvidos

Dentro da metodologia do Instituto Elos que nos foi proposta, prospectamos projetos que buscassem atender às necessidades dos cooperados que trabalham no Recifavela, sendo estes também tangíveis à realidade e à limitação de recursos e conhecimento técnico por parte de nós, estudantes. Entretanto, isso não nos impediu de estabelecer uma proximidade maior tanto com a diretoria quanto com os cooperados, para que pudéssemos conversar com eles e entender de fato a realidade deles, processos também prescritos na metodologia supracitada. Assim, colocamos a mão na massa para concretizar os desejos dos cooperados.

Para tanto, na segunda imersão à cooperativa, foi feita, como dito anteriormente, uma pesquisa com os cooperados para elencarmos as necessidades mais urgentes e elaborarmos nosso plano de ação. Dessa forma, abaixo se encontra a relação da divisão dos alunos quanto aos grupos e às necessidades que cada grupo buscou atender.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

GRUPO	DEMANDA
Gabriel Soldato, Henrique, Nicolas e Yan	4 (Micro-ondas) 6 (Nivelamento do chão)
Enzo, Felipe Garcia, Gustavo e Vitor	4 (Micro-ondas) – validado 10 (Bags novos) – validado
Maria Luiza, Matheus e Piero	2 (Ensino tecnológico) – validado (computador)
Bruno, Felipe David e Guilherme	8 (Consertar as rodas dos carrinhos) – validado
Leonardo, Lucas e João Vitor	2 (Ensino tecnológico) – validado (celular) 4 (Micro-ondas) – validado

Fonte: autores

Na sequência, apresentamos cada um desses projetos, levando em consideração cinco questões norteadoras:

O que o grupo tinha em mente fazer no início?

Qual foi o processo de trabalho do grupo para conseguir realizar o que tinham em mente?

Como se deu a interação do grupo com a organização parceira?

O que o grupo por fim conseguiu fazer?

Qual foi a avaliação do grupo disso que fizeram?

Grupo 1: Micro-ondas + Nivelamento do chão

Assim, começando pelo grupo dos alunos Gabriel Soldato, Henrique, Nicolas e Yan. Eles se empenharam em arrecadar fundos para a aquisição de novos micro-ondas para a área de convívio dos cooperados e em encontrar uma empresa construtora que aceitasse realizar uma ação social a fim de reparar irregularidades no chão do galpão em decorrência do uso extensivo de carrinhos de carga para o transporte dos resíduos.

Como primeiro passo, eles prospectaram possíveis empresas e contatos para realizar o serviço de reparação.

O grupo considera também a proposta foi muito bem recebida pelos cooperados, e a proximidade com eles gerada nas visitas anteriores facilitou essa boa recepção do projeto.

Infelizmente, após vários contatos não houve interesse por parte da empresa-alvo da parceria, mas isso não os impediu de seguir com o plano e buscarem outros meios por conta própria. O grupo então optou por se dedicar a solucionar o problema do nivelamento do chão do galpão com o uso de asfalto de pronto uso vendido em lojas de material de construção. Foram obtidos três sacos desse produto e, na última imersão, o grupo utilizou um deles para cobrir alguns dos buracos.

Descobriu-se, então, que essa solução já havia sido tentada pela cooperativa, mas só funciona em áreas sem derramamento de óleo. Isso corresponde a cerca de metade da área do galpão: aquela na qual a empilhadeira não trafega.

Grupo 2: Micro-ondas + Bags + Curso de Empilhadeira

O grupo formado pelos alunos Enzo Lazzarin, Felipe Garcia, Gustavo Kenji e Victor Okuma não esperava realizar projetos voltados à infraestrutura da cooperativa e sim ir atender às soluções no âmbito social, devido ao pouco contato por parte dos membros com a parcela mais vulnerável da sociedade.

Num primeiro momento, o grupo realizou um planejamento financeiro para custear os materiais a serem adquiridos pela cooperativa (ou seja, dois micro-ondas e tantos “big bags” quanto possível) e, juntamente com isso, partilhou as experiências de cada membro, bem como suas possibilidades e contatos. Assim, realizaram pesquisas dentro das possibilidades de cada membro para elaborar a proposta.

A interação com os cooperados de acordo com a equipe se deu de forma muito natural e tranquila, corroborando a boa aceitação do projeto por parte dos cooperados.

Por fim, o grupo acabou conseguindo arrecadar R\$ 1.500,00 (suficientes para a compra de dois micro-ondas e 50 big bags) e obter vagas para alguns cooperados em um curso de formação para a operação da empilhadeira da cooperativa.

Grupo 3: Ensino Tecnológico

O grupo formado pelos alunos Maria Luiza Baggio, Matheus Ikki Yamashita e Piero Coelho esperava, num primeiro momento, realizar uma oficina sobre redes sociais para os cooperados na própria universidade.

Para tanto, procuraram fazer um diagnóstico com os que trabalham na cooperativa acerca daqueles que sabiam e não sabiam manusear um telefone celular e quanto àqueles que sabiam e não sabiam manusear a ferramenta de transferência PIX, hoje em dia amplamente utilizada, mas também alvo de muitos golpes e fraudes.

A interação do grupo se deu de forma muito agradável e sociável, em que se destacam, para ambos os lados, a cordialidade e o respeito. Para a obtenção do diagnóstico, foi levada em consideração por parte

dos integrantes deste grupo a correta abordagem do tema, por não ser de grande familiaridade para alguns cooperados ou mesmo por ser tomado como fator discriminatório.

Por fim, o grupo conseguiu desenvolver uma simples apostila comentada para o ensino de funções básicas dos telefones celulares para os cooperados, a qual já está em posse dos mesmos. Posteriormente, será oferecida uma oficina para eles nas dependências da faculdade, e uma versão em francês da apostila será oferecida à cooperativa (para atender a duas cooperadas que vieram do Haiti).

O grupo teve uma avaliação positiva da atuação e das entregas, que foram muito bem recebidas pela cooperativa, em especial, em relação à oficina, alvo de interesse dos cooperados.

Grupo 4: Rodas dos Carrinhos (Caçambas)

O grupo formado pelos alunos Bruno, Felipe David e Guilherme Bassit inicialmente pretendia buscar uma solução para o nivelamento do chão da fábrica, pois percebeu a dificuldade dos cooperados para empurrar as caçambas com os resíduos sobre um piso com muitos buracos e avarias decorrentes do uso excessivo ao longo do tempo.

Os integrantes então avaliaram que, devido ao seu pouco conhecimento técnico e ao fato de serem alunos do ciclo básico, não seria possível desenvolver um projeto para o nivelamento do chão da fábrica. Com isso, eles buscaram uma solução momentânea, mas que facilitaria o trabalho dos cooperados com o transporte de cargas no galpão: tentar outro modelo de roda nas caçambas.

O projeto foi muito bem aceito pela comunidade como uma solução temporária até a próxima troca das caçambas com a prefeitura, prevista para ocorrer em um ano.

Mas o grupo não conseguiu avançar no projeto e terminou o semestre sem uma entrega concreta.

Grupo 5: Ensino Técnico + Micro-Ondas

O grupo formado pelos alunos João Vitor, Lucas e Leonardo pretendia atender às necessidades básicas dos cooperados na própria cooperativa.

Num primeiro momento, eles buscaram desenvolver uma abordagem individualizada para cada cooperado, a fim de garantir maior acessibilidade e personalização no planejamento.

A interação deles com os cooperados se deu de forma

extremamente positiva, inclusive com muitas boas conversas sobre esportes. Isso contribuiu para a construção de laços com os cooperados.

Ao final, o grupo desenvolveu um material para ensino da ferramenta de transferência PIX para os cooperados, realizando a entrega do mesmo na última imersão.

Por fim, eles consideram que causaram um impacto positivo para os cooperados e atenderam às suas necessidades.

Avaliação da disciplina pela turma

A imersão no Recifavela foi avaliada de forma bastante positiva pela turma, que reconheceu avanços significativos tanto no aspecto pessoal quanto no coletivo. A maioria atribuiu notas entre 7 e 10 para a própria participação, indicando um envolvimento consistente com as atividades propostas. Também houve consenso de que os objetivos da disciplina foram atingidos em bom nível, com destaque para a vivência prática e o contato direto com a realidade local como fatores que ampliaram o aprendizado.

As competências que, na avaliação dos participantes, foram mais mobilizadas nessa parceria com o Recifavela foram o trabalho em equipe, a comunicação e a empatia. Muitos relataram que a experiência ajudou a desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro e de compreender os desafios enfrentados por diferentes grupos sociais — um aprendizado que ultrapassa o campo técnico e toca questões humanas e sociais. Essa percepção demonstra maturidade e um olhar mais sensível para a atuação profissional em contextos reais.

Por fim, a imersão foi vista como um espaço de crescimento coletivo, no qual cada integrante pôde exercitar competências como planejamento, organização e resolução de problemas. As respostas mostram que o grupo saiu da experiência mais integrado, com maior consciência do impacto do próprio trabalho e disposto a aplicar o que aprendeu em situações futuras.

Avaliação da disciplina pela organização parceira

Para que fosse possível receber um feedback sobre a ação dos alunos na cooperativa, foram realizadas entrevistas com os cooperados, de forma que as respostas obtidas foram satisfatórias.

A entrevista foi composta por perguntas sobre o trabalho feito no

local, por meio de questões objetivas que buscavam avaliar os projetos. Mas o que realmente comoveu os trabalhadores foi a abordagem utilizada.

Como mencionado anteriormente, os alunos trabalharam junto do pessoal do Recifavela nas duas primeiras imersões. Isso permitiu que eles experimentassem as dificuldades enfrentadas no dia a dia pelos cooperados. Desde o calor desconfortável até o chão extremamente esburacado, essas “barreiras” tornaram a visão sobre quais eram os reais problemas enfrentados muito mais fácil.

Os trabalhadores entrevistados também mencionaram que as atividades realizadas no local foram importantes para o processo. Destacaram, nesse sentido, a roda de conversa realizada no espaço de convivência dos funcionários, na segunda imersão, para a prospecção de suas demandas. Essa roda possibilitou aprofundar a conexão com os cooperados e a identificação dos problemas enfrentados por eles.

Cristiano, presidente do Recifavela, comentou que o ato de humanizar o trabalho e os trabalhadores do local foi algo determinante ao longo do projeto. Além disso, diversos entrevistados ressaltaram que a conscientização sobre a reciclagem e sobre a separação do lixo é um fator que deve ser explorado na educação das crianças e adolescentes, para que o mundo seja mais saudável e seus trabalhos de triagem de material reciclável sejam menos perigosos e insalubres.

Ao final dessa jornada, gostaríamos de enaltecer os funcionários e o labor, não só do Recifavela, mas de todas as cooperativas de catadores. Elas são algo necessário em nossa sociedade, mas atualmente não recebem o devido reconhecimento.

Recifran (Sefras)

Apresentação da entidade parceira

O Recifran (Serviço Franciscano de Apoio à Reciclagem) é uma iniciativa do SEFRAS (Ação Social Franciscana), organização mantida pelos Frades Franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil, que atua há décadas na promoção da dignidade humana, da justiça social e do cuidado com a criação. Com o compromisso de integrar a inclusão social e a sustentabilidade ambiental, o Recifran tem como missão oferecer formação, trabalho e acolhimento a pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social, promovendo a autonomia, a geração de renda e o fortalecimento dos vínculos pessoais e comunitários.

Fundado em 2003, o Recifran surgiu do trabalho solidário dos Freis Franciscanos junto a famílias catadoras de materiais recicláveis na cidade de São Paulo (SP). A iniciativa nasceu com o propósito de apoiar essas famílias em sua organização e oferecer melhores condições de trabalho. Com o tempo, o projeto expandiu-se, acolhendo também pessoas em situação de rua que viviam da coleta de recicláveis, e consolidou-se como um serviço de inclusão social e formação para o trabalho, voltado a reconstruir histórias e oferecer novas oportunidades de vida.

Localizado na região central de São Paulo, em um terreno cedido pela Prefeitura Municipal, o Recifran conta com o apoio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, responsável pelo cofinanciamento e acompanhamento técnico do serviço. Além disso, mantém parcerias com instituições de ensino e empresas comprometidas com a responsabilidade social e ambiental, como o Instituto Muda e a Universidade Presbiteriana Mackenzie, dentre outras organizações parceiras que colaboram para o desenvolvimento das ações de capacitação, reciclagem e educação ambiental.

O Recifran atende, mensalmente, cerca de 50 pessoas encaminhadas pela rede de assistência social e pelos centros de acolhida da cidade. Os participantes podem permanecer no projeto por um período de até seis ou nove meses. Nesse tempo, recebem formação profissional, acompanhamento social e psicológico e participam das atividades de triagem e reciclagem de materiais. São

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

oferecidos cursos de capacitação em informática, jardinagem, artesanato e sustentabilidade, voltados ao desenvolvimento de habilidades que ampliem as possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal e em atividades autônomas.

A reciclagem é o eixo central do trabalho desenvolvido. No espaço, os participantes aprendem sobre separação de materiais, logística reversa e práticas sustentáveis, contribuindo para o cuidado com o meio ambiente e para o fortalecimento de uma economia solidária. Anualmente, o Recifran realiza a triagem e o encaminhamento de aproximadamente 168 toneladas de resíduos recicláveis, evitando que sejam destinados a aterros sanitários. Toda a renda obtida com a comercialização desses materiais é revertida aos participantes, que recebem uma renda mensal média entre R\$ 500 e R\$ 800. Esse recurso os auxilia em seus processos de reconstrução de autonomia financeira e de melhoria da qualidade de vida.

Além do trabalho e da formação, o Recifran garante alimentação diária, com café da manhã, almoço e lanche da tarde. Oferece também acesso a banhos e cuidados de higiene pessoal, promovendo um atendimento integral que contempla as dimensões física, social e emocional da pessoa. O projeto também estabelece parcerias com a rede pública de saúde e com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), assegurando acompanhamento clínico, psicológico e o acesso a tratamentos quando necessário. Ao final do período de atendimento, cada participante recebe orientação individualizada para inserção no mercado de trabalho, busca por moradia ou restabelecimento de vínculos familiares e comunitários, podendo retornar ao projeto após seis meses, caso necessite de novo acompanhamento.

Com mais de duas décadas de atuação, o Recifran consolidou-se como uma referência em inclusão social, economia solidária e sustentabilidade, transformando vidas por meio do trabalho digno e do cuidado com o planeta. Sua atuação reafirma diariamente o compromisso franciscano de “cuidar das pessoas e do planeta”, tornando-se um espaço de esperança, reconstrução e cidadania.

Mais informações sobre o Recifran e os projetos do SEFRAS podem ser encontradas em seus canais oficiais: Site: www.sefras.org.br. Instagram: @sefrasoficial. Facebook: facebook.com/sefrasoficial.

Para contato direto, a instituição disponibiliza o telefone (11) 3228-6200 e o e-mail contato@sefras.org.br.

Apresentação da metodologia adotada

Na primeira imersão, aprendemos a olhar a abundância onde muitos veem escassez. Muitas vezes, ao cruzarmos com pessoas em situação de rua, enxergamos apenas carência, dificuldades ou problemas. Mas, se mudarmos nosso olhar, podemos perceber talentos escondidos, histórias de superação e força de vontade para transformar vidas.

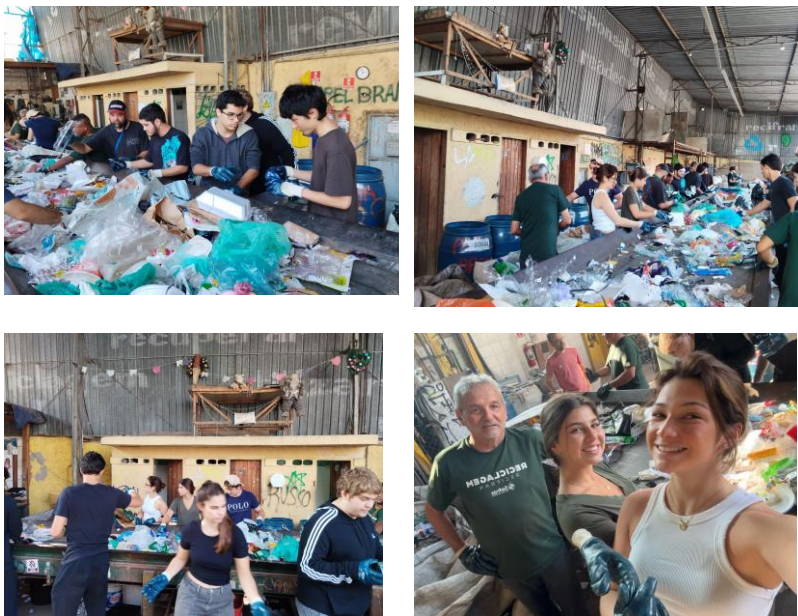
No Recifran, cada pessoa atendida encontra não apenas acolhimento, mas também oportunidades de aprendizado, capacitação e reinserção social. Até o que muitos chamam de lixo se torna recurso, trabalho e esperança, mostrando que, mesmo em situações adversas, existem caminhos para o desenvolvimento e a dignidade.

Conscientizar é, acima de tudo, perceber que recursos, oportunidades e potencial humano existem em abundância — e que pequenas ações de apoio e atenção podem gerar mudanças enormes. Quando olhamos com empatia e acreditamos no potencial de cada indivíduo, construímos não apenas oportunidades, mas também uma sociedade mais justa, solidária e humana.

Antes de julgarmos, rotularmos ou sentirmos medo, podemos escolher oferecer afeto, atenção e cuidado. O afeto é a primeira ponte que conecta pessoas e transforma realidades. Ele se manifesta em gestos concretos: ouvir, respeitar e se envolver de maneira genuína. No Recifran, tivemos a oportunidade de interagir com os participantes de forma tão prazerosa que cada momento se tornou aprendizado e troca.

Um exemplo marcante foi na hora da esteira, quando todos os objetos precisavam ser designados para seus respectivos lugares. O pessoal da faculdade se empenhou com tanta empatia e dedicação que a experiência se tornou incrível — uma verdadeira demonstração de como a atenção e o cuidado podem transformar uma atividade simples em um momento de conexão, respeito e aprendizado mútuo.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores

Criar afeto é acreditar na capacidade humana de mudança, permitir que cada pessoa seja vista em sua dignidade e reconhecer que, quando nos relacionamos com empatia, abrimos espaço para confiança, solidariedade e transformação real.

Na segunda imersão, nos dedicamos a escutar os sonhos e as demandas do Recifran. O sonho é o que nos move e nos faz acreditar que um futuro diferente é possível. No Recifran, cada pessoa atendida carrega histórias e experiências únicas, mas também sonhos — por mais simples ou distantes que pareçam. Valorizar esses sonhos exige escuta ativa, atenção verdadeira, empatia e comprometimento. Foi o que fizemos na segunda imersão, quando, num primeiro momento, nos dividimos em três grupos e fizemos uma roda de conversa com os participantes (também divididos em três grupos).

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores

Na sequência, fizemos uma roda de conversa com a equipe de funcionários do Recifran.

Quando ouvimos com o coração, transformamos palavras em ação e motivação. Assim, cada atividade e cada oportunidade oferecida tornam-se instrumentos para reacender a esperança, fortalecer o engajamento e impulsionar a transformação real. Escutar é acreditar — e acreditar é construir caminhos para que cada sonho possa se tornar realidade.

Conforme a metodologia do Instituto Elos, após a 1ª imersão (quando foi estabelecido um primeiro contato com os trabalhadores do Recifran, enxergando suas abundâncias) e a 2ª imersão (quando foram coletadas as suas demandas e sonhos para si mesmos e para o Recifran), foi dada continuidade ao projeto. No caso, em sala de aula, a turma e o docente Cristiano avaliaram as demandas e os diversos pontos de vista dos indivíduos que integram o Recifran, analisando não só o grau de importância e de impacto que o possível projeto teria, mas também a sua viabilidade tendo em vista o prazo de entrega e se tínhamos a capacidade de realizá-lo.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

A partir disso, algumas sugestões que julgamos fundamentais para a melhora da organização do Recifran, mas que não teríamos condições de realizar foram descartadas. Trata-se da compra de um caminhão para facilitar a chegada de novos materiais a serem triados e o aprimoramento da infraestrutura do local (como o teto do pátio, mitigando problemas como frio e calor, que são muito desconfortáveis em certas épocas do ano).

Posteriormente, foram decididas quais propostas eram possíveis de serem feitas e a turma se dividiu em grupos, que assumiram, cada qual, alguma delas e elaboraram um esboço de plano de ação. Na sequência, tais esboços foram enviados para a gestão do Recifran, passando por validações e sugestões de implementação. Na aula seguinte, os grupos receberam esse *feedback* e começaram a se organizar para a 3ª imersão, quando começaria a implementação dos projetos (“realização e concretização”, nas palavras do Instituto Elos).

Na terça-feira seguinte à aula de organização da 3ª imersão, esta foi realizada, sendo que, assim como ocorreu na 2ª imersão, os estudantes se deslocaram para o Recifran em seus próprios veículos pessoais. Chegando no local, cada grupo já se dirigiu ao melhor espaço para o desenvolvimento do seu projeto. Assim, por exemplo, a oficina sobre letramento digital se deu no *hall* próximo à entrada, um local mais silencioso e, ao mesmo tempo, confortável para uma roda de conversa.



Fonte: autores

Durante a aula seguinte à 3ª imersão, cada grupo usou o tempo para finalizar os respectivos projetos. Além disso, foi pensado como se

daria o fechamento de nossa intervenção no Recifran na 4ª imersão, sendo decidido que seria realizada uma roda de conversa para que pudéssemos ouvir as opiniões dos trabalhadores e da gestão sobre nossa atuação. Tal momento de integração seria seguido por um lanche compartilhado, feito com comidas e bebidas trazidas pelos próprios alunos (como kibes, coxinhas, bolos, bolachas recheadas e sucos), tal qual na segunda imersão.

Entretanto, quando a turma chegou no Recifran para a sua última visita, foi surpreendida por um cenário delicado e impactante: o momento da venda dos materiais triados. Todos os trabalhadores se juntaram, em um sentimento que misturava tensão e alegria, uma vez que diversas horas de trabalho duro seriam recompensadas. Não obstante, aquela situação exemplificava quão corrida e incerta era a realidade no local, uma vez que os compradores e o caminhão que estava buscando os materiais estavam mais de um dia atrasados. Após esse momento, os livros foram entregues e posicionados na biblioteca, bem como foi feito um breve auxílio (“plantão”) aos trabalhadores sobre o uso das redes sociais (como o Whatsapp, o Youtube e o Tik Tok). Ademais, foi coletado mais material audiovisual para a formulação de um Ebook sobre o projeto.

Por fim, os trabalhadores e a gestão do Recifran, o professor Cristiano e os alunos se juntaram no refeitório para uma última confraternização e celebração daquela conquista coletiva resultado do projeto. O docente Cristiano perguntou para todos do Recifran como eles avaliaram as nossas visitas e o que poderia ser melhorado e incorporado por turmas dos anos posteriores que desenvolveriam outros projetos lá. Juan, um senhor de origem uruguaia, pontuou que gostou muito da interação, mas que seria interessante que nós formulássemos perguntas mais assertivas e específicas sobre nossas intenções de projeto, guiando melhor os trabalhadores. Em outro momento, o gestor Michael abordou como nossa atuação foi humana e crítica, rompendo com preconceitos, desigualdade social e romantização usualmente atrelada ao local.

Após o final da roda de conversa, com os respectivos feedbacks do Recifran para nossa atuação e vice-versa, foi possível um momento de satisfação e celebração do trabalho realizado. Foi consenso entre os alunos que o projeto foi não só muito importante para nossa formação profissional, mas também para a pessoal e, além disso, foi muito gratificante. As experiências e memórias construídas com os

participantes nos acompanharão pelo resto da vida. Acreditamos que também conseguimos causar um impacto na vida dessas pessoas que, por muitas vezes, não eram respeitadas e tratadas de forma digna. Por exemplo, algo que nos marcou nas palavras ditas durante a conversa foi que apenas a presença dos alunos no espaço e o ato de olhar os participantes nos olhos já fizeram grande diferença na vida deles.

Apresentação dos projetos desenvolvidos

Grupo 1: Arthur, Felipe, Pedro Galego e Vitor — Biblioteca

O grupo acabou por desenvolver, em parceria com o grupo dois, uma campanha de arrecadação de livros para a biblioteca do Recifran. Vários livros foram conseguidos e foram entregues na última imersão.

Grupo 2: Giovanna, Gustavo, Maria Luiza e Rafael – Biblioteca

Trabalhou com o grupo um na campanha de arrecadação de livro para a biblioteca do Recifran.

Grupo 3: César, Davi Rubio, Diego, Pedro e Victor — Oficina de Letramento Digital

O grupo desenvolveu uma oficina voltada aos trabalhadores do Recifran, com o objetivo de contribuir para o letramento digital e o uso consciente da tecnologia. A proposta incluiu orientações práticas sobre segurança digital, com dicas para prevenir golpes virtuais e proteger informações pessoais, além de instruções sobre o uso de redes sociais, como WhatsApp e YouTube, de forma produtiva e segura.

A iniciativa buscou ampliar a autonomia digital dos participantes, fortalecendo sua capacidade de comunicação, aprendizado e inserção no mundo digital — competências essenciais para o desenvolvimento pessoal e profissional nos dias de hoje.

Grupo 4: Davi Santos, Leonardo e João — Campanha de Doações

Responsabilizados por desenvolver uma campanha de doações de itens de higiene pessoal e de lixo eletrônico. Os itens de higiene foram destinados aos colaboradores do Recifran, com a criação de um estoque na sede da instituição, permitindo que eles tivessem acesso a esses produtos sempre que necessário. A campanha do lixo eletrônico não se realizou.

Avaliação da disciplina pela turma

Após expostos à uma realidade completamente diferente ao seu comum, os estudantes, com o desafio de alguma forma beneficiar a iniciativa RECIFRAN, tiveram a experiência de conhecer um pouco da vida dos integrantes da iniciativa, dos seus relatos sobre a maneira com que são tratados dentro da sociedade e como a iniciativa os acolhe e lhes dá uma oportunidade única de recomeço.

De início a turma ficou um pouco hesitante sobre a proposta da disciplina e como seriam as quatro visitas que seriam realizadas. Porém, após a primeira visita e o contato com as pessoas no centro de triagem, despertou-se um verdadeiro interesse dentro a turma em realmente ajudar as pessoas na iniciativa, sendo na infraestrutura do local em que trabalhavam ou no seu desenvolvimento pessoal.

Após as quatro imersões e as aulas, uma visão muito repercutida entre os alunos foi que toda essa experiência foi uma grande oportunidade de se desenvolverem como indivíduos/profissionais e adquirirem um pensamento crítico sobre o sistema em que vivemos, ao expor a realidade das pessoas ignoradas pela sociedade por sua vulnerabilidade. Vale ressaltar que, ao final da última experiência, os alunos apontaram a necessidade de mais oportunidades de conversarem com os participantes e organizadores da iniciativa, ao se perceber que o tempo que se investiu para conhecer os integrantes e o seu dia a dia foi muito curto e que talvez o projeto fosse melhor desenvolvido após mais contato com as pessoas que tínhamos como objetivo ajudar. Salientou-se também que, se o projeto fosse anual, o desenvolvimento e a execução dele teriam sido mais eficazes.

Em conclusão, o engajamento da sala no projeto aumentou conforme se conheceu mais das pessoas que contavam com a ajuda da iniciativa, se conversou mais com a organização do local e se conheceu

seus desafios diários. Com certeza, o projeto mudou a maneira como os alunos enxergam a realidade dessa parte excluída da sociedade, que é produto do estilo de vida atual do todo.

Avaliação da disciplina pela organização parceira

Gabriela (coordenadora). “Eu acho que a minha avaliação é que um trabalho super positivo, uma parceria de que os participantes gostam bastante, que ajuda bastante o serviço. Ela também ajuda a pensar um pouco com o olhar de alguém que está de fora. Porque quem às vezes tá muito próximo do objeto não enxerga ele tão bem quanto quem está de fora. Então, pra gente, é muito interessante receber alunos de engenharia que estejam aqui também pra dar uma olhada no que a gente pode melhorar e no que vocês podem contribuir. De pontos positivos, talvez pensar em algo mais longo, porque eu sei que é bem curtinho o tempo que a gente tem com vocês. Mas acho que é só isso de pontos que eu vejo pra melhorar. O restante eu acho que é sempre muito positivo.”

Augusto (educador). “Achei muito importante a participação do Instituto Mauá aqui no Recifran. Eu acho que foi uma parceria bem legal. Os participantes se sentiram à vontade com a turma pra poder trazer as demandas que são necessárias aqui no pátio. Naquilo que os alunos puderam ofertar, eu acho que foi bem bacana tanto a roda de conversa sobre crimes virtuais e tudo mais. Assim como também a arte do panfleto, que vai ser bem bacana pra gente poder divulgar o trabalho do Recifran no entorno, pra gente tirar um pouco desse estigma do catador. Trazendo mais essa conscientização sobre a reciclagem, sobre o trabalho do catador como agente sanitário e ecológico urbano, limpando as ruas, fazendo a triagem e destinando o material corretamente. Então, acho que a participação foi válida. O ponto que acho que precisa melhorar é que existam mais parcerias assim com outras turmas.”

Natanael (participante). “Eu achei interessante porque aprendi bastante sobre como não cair em golpes. Isso abriu bem a minha mente porque eu uso muito o celular, entendeu? E eu entro muito em links que não era para eu entrar. Recebi proposta, teve uma mulher que me mandou mensagem lá da França, falando que ia me mandar 430.000 euros, que ela ia depositar na minha conta, mas, para isso, eu deveria depositar para ela R\$ 350,00. Era golpe! Vocês me ajudaram bastante a

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

ver isso. O que poderia melhorar é vocês virem mais para orientar a gente, porque a gente não tem muito estudo, somos um pouco leigos nas coisas. Mas vocês vindo, tendo conhecimento e passando esse conhecimento para a gente é muito interessante.”

Antônio (participante). “Achei uma maravilha, gostei muito de vocês! Ajudaram muito a gente a aprender algumas coisas. Acho que a única coisa que podia melhorar é vocês virem mais ver a gente, conversar com a gente.”

Reviravolta (Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos)

Apresentação da entidade parceira

O Programa Reviravolta promove inclusão social de pessoas em situação de rua na região central de São Paulo por meio de geração de renda com reciclagem, formação em direitos e cidadania, educação ambiental, atividades de convivência e encaminhamentos para serviços públicos. As atividades acontecem em um galpão na área central (Luz), em dias úteis, com acolhimento, oficinas e refeições (café da manhã, almoço e lanche da tarde).



Fonte: autores

O Reviravolta é um programa do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos (ONG fundada em 1988, em São Paulo). Dentro do Centro, integra os eixos de atuação voltados à defesa de direitos e à inclusão socioprodutiva de populações vulnerabilizadas, especialmente na região central da cidade.

O programa articula uma rede territorial que envolve:

Cooperativas de reciclagem (ex.: Coopere-Centro) para escoamento e profissionalização do trabalho com materiais.

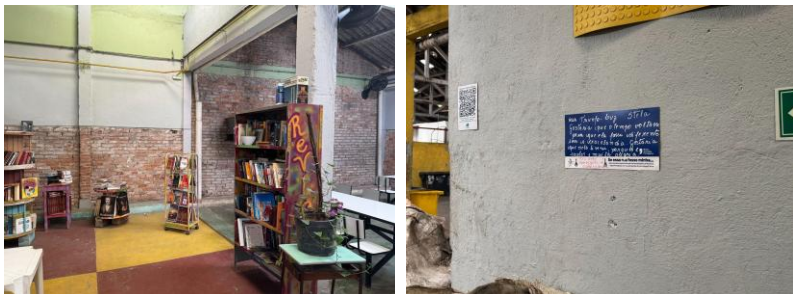
Serviços públicos: os participantes utilizam o SUS (atenção básica, Consultório na Rua, saúde mental) e acessam o CAPS quando indicado; também são feitos encaminhamentos para assistência social (CRAS/CREAS, Centro Pop), educação e documentação.

Instituições culturais e socioeducativas do entorno para atividades formativas e de convivência.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Empresas e organizações parceiras para doação de insumos, apoio logístico e frentes de comercialização solidária.

IMT - Instituto Mauá de Tecnologia



Fonte: autores

Dados e impactos do trabalho

600+ toneladas de recicláveis destinadas corretamente desde 2021.

~R\$ 673 de renda média por participante em ciclos recentes (toda a renda da triagem/comercialização fica com o grupo).

548 pessoas beneficiadas diretamente em 3 anos.

1.200+ encaminhamentos para serviços públicos (saúde, assistência, educação, documentação e transferência de renda).

Evolução: crescimento contínuo no volume de materiais e no número de participantes atendidos, com fortalecimento de vínculos, acesso a direitos e inserções em cooperativas/qualificação.

Onde saber mais (sites e redes)

Página do programa: gaspargarcia.org.br/reviravolta

Site do Centro: gaspargarcia.org.br

Instagram: [instagram.com/centrogaspargarcia](https://www.instagram.com/centrogaspargarcia)

Facebook: [facebook.com/centrogaspargarcia](https://www.facebook.com/centrogaspargarcia)

E-mail do programa: reviravolta@gaspargarcia.org.br

Contato institucional (Centro Gaspar Garcia):
gaspargarcia@gaspargarcia.org.br | (11) 3322-8604

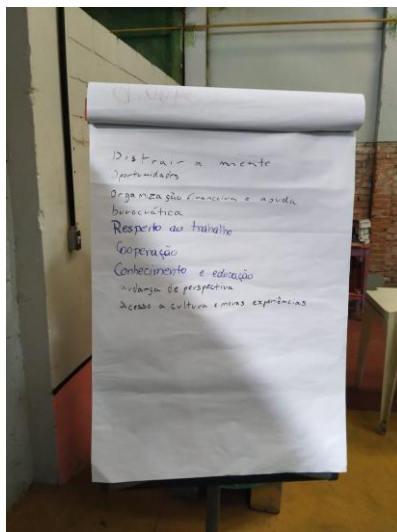
Apresentação da metodologia adotada

A metodologia que buscamos seguir foi a do Instituto Elos. Ela foi usada como guia para conduzir nossas visitas ao Reviravolta e nossas preparações para estas.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Tudo começou na primeira aula dois do nosso cronograma (07/ago/2025), quando nós (alunos) fomos apresentados ao projeto pelo professor Cristiano Cruz, que explicou para a gente o que é o Reviravolta, como, por exemplo, eram as pessoas e o ambiente e como funcionava a jornada de trabalho de lá.

No dia 21/08, tivemos a primeira imersão. Fomos para lá em um ônibus fretado devido à distância. Quando chegamos lá, a primeira coisa que fizemos foi nos apresentar à coordenadora do Reviravolta, Vivian, e ao educador Paulo. Logo depois, fomos para a sala de oficinas, onde a Vivian nos explicou muito sobre o Reviravolta. Após isso, uma das trabalhadoras da instituição nos mostrou o local detalhadamente. Posteriormente, fomos para o refeitório para termos nossa primeira roda de conversa com todos os participantes, na qual buscamos saber sobre as abundâncias do Programa na visão de seus participantes (foto abaixo). Ficamos aproximadamente uma hora nos conhecendo. Logo em seguida, foi oferecido um lanche para todos. Ao todo, a primeira imersão teve duração de aproximadamente 3 horas.



Fonte: autores

A aula seguinte a essa imersão serviu de reflexão para nós, alunos, discutirmos sobre o que vimos no local e sobre o que achamos daquela realidade. Ela também foi uma preparação para a segunda

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

imersão e para o que seria produzido nela.

Na segunda imersão, foi considerado o principal objetivo perguntar e analisar os sonhos dos participantes do programa Reviravolta para, com isso em mente, trabalhar na criação de projetos que tentassem ajudá-los a conquistar esses sonhos e dignificar o seu trabalho. A metodologia central adotada foi a de rodas de conversa, nas quais a turma e os participantes do Reviravolta se dividiram em três grupos e conversaram por mais de uma hora.



Fonte: autores

A aula seguinte foi destinada à identificação de todas as demandas levantadas e à seleção daquelas de maior impacto e com melhores condições de serem concluídas até o final do semestre. Feito

isso, formaram-se grupos que assumiram, cada qual, alguma dessas demandas e elaboraram um esboço de plano de ação para elas.

Tais demandas e planos de ação foram validados na aula seguinte, a partir de uma reunião remota com representantes do Reviravolta. No restante da aula, os grupos trabalharam para avançar em seus projetos, incorporando as devolutivas dadas pela equipe do Reviravolta. Nesse aula também foi apresentado o trabalho final da disciplina – um capítulo de e-book e um vídeo construído a partir dele –, que deveria ser elaborado pela turma.

A terceira imersão ocorreu na sequência. Logo que chegamos, montamos uma roda de conversa com os trabalhadores para explicarmos nossos projetos de forma detalhada. O objetivo dessa imersão era iniciar a implementação dos projetos de cada grupo e obter informações adicionais necessárias para a finalização deles. Também se coletaram imagens e depoimentos para o trabalho final.

A aula seguinte foi destinada aos preparativos necessários para a finalização dos projetos e ao início da elaboração do trabalho final.

A quarta e última imersão pretendia finalizar os trabalhos de cada grupo. Entretanto, ela acabou não ocorrendo, tendo sido desmarcada pelo Reviravolta na manhã do dia em que aconteceria, devido à grande quantidade de chuva que caiu na região na madrugada desse dia. Como o galpão do programa tem problemas graves em seu telhado, chuvas fortes inundam seu interior, tornando a permanência no espaço altamente arriscada.

Apresentação dos projetos desenvolvidos

Cada grupo foi responsável por desenvolver um projeto voltado à melhoria de um aspecto estrutural, funcional ou social do Reviravolta. Cada um deles é apresentado abaixo.

Grupo 1 – Organização do Espaço

O que o grupo tinha em mente fazer no início? Desde o início, nosso grupo pretendia compreender como funcionava a logística interna da Reviravolta e propor soluções práticas para agilizar o processo produtivo, reduzindo o tempo gasto nas etapas de transporte e separação dos materiais recicláveis.

Qual foi o processo de trabalho do grupo? Começamos observando o fluxo de trabalho dentro do espaço da organização,

identificando gargalos e etapas que poderiam ser otimizadas. Em seguida, utilizamos conceitos de engenharia de produção e lógica de processos para elaborar propostas que melhorassem a eficiência. Também trocamos ideias com outros grupos que estavam desenvolvendo soluções complementares, como a substituição e o transporte dos bags.

Como se deu a interação do grupo com a organização parceira? A interação foi bastante colaborativa. O grupo conversou com os responsáveis pelo Reviravolta para entender as principais dificuldades enfrentadas no dia a dia e validar se nossas sugestões faziam sentido dentro da realidade deles.

O que o grupo por fim conseguiu fazer? Conseguimos elaborar um conjunto de propostas integradas para facilitar o transporte e manuseio dos bags, reduzir o tempo de deslocamento interno e otimizar o processo de troca entre bags cheios e vazios. Além disso, propusemos a criação de um espaço próximo às esteiras para depositar materiais mais pesados, quando a separação não puder ser feita imediatamente, evitando transporte desnecessário.

Qual foi a avaliação do grupo disso que fizeram? O grupo avaliou que as soluções propostas são viáveis e de fácil implementação, podendo gerar impacto positivo tanto na produtividade quanto na redução do esforço físico dos trabalhadores. Também reconhecemos que o trabalho em equipe e a colaboração com outros grupos foram essenciais para criar soluções mais completas.

Grupo 2 – Tecnologia

O que o grupo tinha em mente fazer no início? O grupo buscava ensinar aos participantes o uso básico de redes sociais, para ampliar suas possibilidades de comunicação com familiares e amigos.

Qual foi o processo de trabalho do grupo? O grupo aplicou um pequeno questionário para descobrir quais plataformas despertavam maior interesse — YouTube, Facebook e WhatsApp foram as mais citadas.

Como se deu a interação com a organização? A parceria ajudou a organizar os encontros e disponibilizar o espaço com computadores.

Qual foi o resultado final? Foram criadas oficinas práticas, nas quais os participantes aprenderiam a criar contas, configurar perfis e usar ferramentas de mensagens e de vídeo. Mas elas não foram

realizadas devido ao cancelamento da última imersão.

Qual foi a avaliação do grupo? O grupo considerou que o projeto tinha potencial para alcançar resultados muito satisfatórios, ajudando os participantes, por exemplo, a se conectarem com familiares e outras pessoas por meio das redes sociais.

Grupo 3 – Coleta Seletiva

Ideia inicial? O grupo pretendia estruturar um sistema de coleta seletiva mais eficiente e encontrar empresas recicladoras na região da Luz.

Processo de trabalho? Foram realizadas pesquisas sobre empresas locais, visitas e tentativas de contato para possíveis parcerias.

Interação com a organização? A instituição contribuiu compartilhando dados sobre o volume de resíduos e a rotina de descarte.

Resultado final? Não se conseguiu firmar parcerias formais ou propor novas articulações com condomínios e comércios próximos.

Avaliação? A experiência foi avaliada como desafiadora, mas enriquecedora, pois mostrou as dificuldades reais de implementar práticas sustentáveis em contextos urbanos.

Grupo 4 – Telhado e Bags

Ideia inicial? A equipe queria viabilizar a manutenção do telhado e melhorar a qualidade dos bags utilizados no espaço, garantindo mais segurança.

Processo de trabalho? O grupo realizou uma inspeção visual, identificando os principais pontos de infiltração e desgaste dos bags e conseguiu plantas sobre o telhado e um projeto de reforma dele já elaborado pelo Reviravolta.

Interação com a organização? A instituição explicou as limitações burocráticas por não ser dona do espaço, mas acolheu as sugestões de manutenção e melhorias.

Resultado final? O grupo elaborou um relatório técnico com alternativas de baixo custo e sugeriu fornecedores para os novos bags.

Avaliação? O grupo percebeu que, mesmo com limitações, o diálogo e as pequenas melhorias podem gerar grandes avanços em

segurança e eficiência.

Grupo 5 – Carrinho Manual

Ideia inicial? O objetivo era projetar e construir um carrinho manual funcional, de baixo custo, que pudesse facilitar o transporte de materiais dentro do espaço.

Processo de trabalho? A equipe pesquisou modelos simples, fez medições no local e desenhou o protótipo em escala.

Interação com a organização? A instituição forneceu informações sobre o tipo de carga transportada e o espaço disponível para manobras.

Resultado final? O carrinho foi parcialmente construído, com aproveitamento de materiais recicláveis, e mostrou excelente funcionalidade durante os testes.

Avaliação? O grupo considerou o projeto um sucesso prático e uma grande oportunidade de aplicar conceitos de engenharia e design.

Grupo 6 – Esteira

Ideia inicial? Criar soluções sustentáveis para manutenção das esteiras, aproveitando materiais já disponíveis, como macarrões de piscina e lonas.

Processo de trabalho? O grupo realizou medições das esteiras existentes e testou diferentes formas de reforço e amortecimento.

Interação com a organização? A equipe recebeu apoio logístico e feedback dos próprios usuários do espaço. Foram eles, aliás, que propuseram o uso dos macarrões de piscina.

Resultado final? O grupo conseguiu desenvolver um modelo funcional de reforço, que, se tivesse sido implementado, aumentaria a segurança e o conforto na atividade. Com o cancelamento da última imersão, contudo, a implementação acabou não sendo feita.

Avaliação? A avaliação foi muito positiva, com destaque para a criatividade na reutilização de materiais e o impacto direto na rotina dos participantes.

Conclusão

Os projetos de extensão permitiram aos alunos colocar em prática valores de solidariedade, inovação e comprometimento. Mais do que resolver problemas pontuais, a experiência mostrou a importância da escuta ativa e da colaboração entre universidade e comunidade, resultando em aprendizados significativos tanto pessoais quanto profissionais.

Avaliação da disciplina pela turma

Realizamos uma pesquisa via *Google Forms* para obter a avaliação da disciplina pelos alunos envolvidos. Obtivemos um total de seis respostas (em um universo de 22 estudantes), o que nos trouxe uma ideia, ainda que não representativa da sala como um todo, da opinião dos estudantes sobre possíveis melhorias, pontos positivos e desenvolvimento pessoal.

Quando perguntados sobre o que acharam bom no projeto, os respondentes indicaram aspectos como: “A imersão no projeto nos fez entender mais como funciona a engenharia”; “Projeto que nos faz ir para fora da zona de conforto”; “A proposta do projeto de ter empatia com as pessoas participantes, porque incentiva os alunos a se colocarem no lugar deles e poder gerar mudanças na realidade e vivências deles!”.

2.) O que achei ruim no projeto? Por que?

6 respostas

Não sei

O motivo de estarmos fazendo esse projeto ficou não muito explicado

Inicialmente a falta de uma ideia concreta, depois a localização que era muito complicada

A localização do programa e acho que no início a proposta ficou muito abstrata para muitos!

Acho q no projeto, nn tivemos muita noção doq faríamos até chegar no ponto mesmo, acredito q a situação poderia ter sido apresentada desde o começo, para podermos nos preparar melhor

Começo do projeto foi muito abstrato.

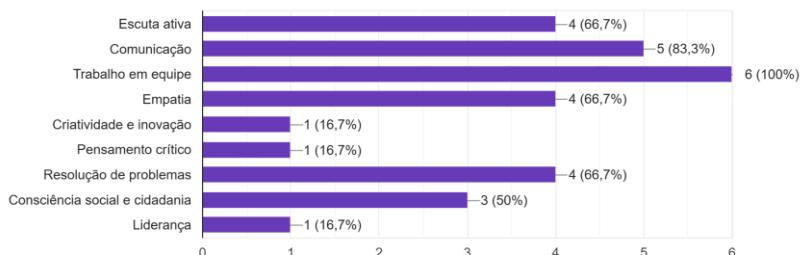
Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Quando perguntados sobre o que poderia ser melhorado, os respondentes indicaram aspectos como: ter mais tempo (três respostas); ter aulas mais objetivas; ter uma conexão mais profunda com os participantes (duas respostas).

3.) Quais das seguintes competências você acha que usou ou desenvolveu?

6 respostas



Fonte: autores

A planilha com todas as respostas do formulário pode ser acessada por este link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1sW6OXN5dG0AINp8gduQ0OByplhOXidF9C8p2ziVtYtE/edit?usp=sharing>

Avaliação da disciplina pela organização parceira

O sucesso de um projeto não se mede apenas pelas entregas realizadas, mas pelo impacto que gera em quem participa. Com esse propósito, aplicamos, ao final do projeto com o Reviravolta, um formulário de satisfação (NPS) para entender como a parceria foi percebida pelos participantes e pela equipe do programa.

Escutando quem faz a diferença

Nove representantes do Reviravolta participaram da avaliação, incluindo participantes e pessoas da coordenação. As respostas mostraram diferentes pontos de vista, mas um mesmo sentimento em comum: o reconhecimento pelo esforço, respeito e dedicação dos alunos.

Os depoimentos destacaram que o projeto foi além de uma simples troca técnica. Para os participantes, foi um momento de aprendizado mútuo, escuta e colaboração.

“O grupo foi muito atencioso e respeitoso. Eles ouviram a gente de verdade e ensaram em soluções que faziam sentido pra nossa realidade.” (Participante)

NPS: um retrato da satisfação

O resultado geral foi muito positivo, com NPS de 78 pontos, considerado excelente. Entre os nove respondentes, a maioria deu notas entre 9 e 10, e nenhum avaliou o projeto de forma negativa.

Esse resultado mostra a confiança e o reconhecimento da cooperativa em relação ao trabalho desenvolvido pelos alunos, que conseguiram unir organização, sensibilidade e aplicação prática.

O que mais chamou atenção

As respostas abertas mostraram alguns aspectos que mais agradaram as pessoas do Reviravolta:

Organização e comprometimento do grupo de alunos durante todas as etapas do projeto.

Comunicação clara e próxima, com reuniões produtivas e linguagem simples.

Propostas aplicáveis, pensadas de acordo com as condições reais do Programa.

Respeito e parceria, que tornaram o processo leve e produtivo.

“Eles explicaram tudo de um jeito que a gente entendia e sempre perguntavam se fazia sentido pra nós.” (Participante)

Pontos a melhorar

Mesmo com o alto nível de satisfação, surgiram algumas sugestões importantes para as próximas edições do projeto:

Ter mais tempo de acompanhamento depois da entrega, pra garantir que tudo continue funcionando bem.

Disponibilizar materiais de apoio simples, como manuais ou vídeos curtos, para facilitar o uso das soluções.

Buscar maior integração entre os grupos de alunos, pra ampliar o olhar sobre os desafios do Programa.

Essas sugestões evidenciam o envolvimento genuíno das pessoas do Reviravolta e o interesse em continuar aprimorando o trabalho conjunto.

Impacto percebido

Os relatos deixam claro que o projeto teve um impacto que vai além dos resultados técnicos. Os participantes se sentiram valorizados e perceberam que a universidade está aberta a compreender e contribuir para a realidade deles.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

“Foi muito bom ver os alunos se interessando pelo nosso trabalho e trazendo ideias que a gente pode usar no dia a dia.”
(Participante)

Conclusão: parceria que transforma

A avaliação do Reviravolta confirma que parcerias entre universidades e cooperativas sociais geram aprendizados e resultados reais. Mais do que um projeto, essa experiência mostrou o poder da colaboração quando há respeito, escuta e vontade de aprender juntos. O retorno do programa reforça a importância de manter esse tipo de iniciativa, que une conhecimento técnico, impacto social e desenvolvimento humano.

Conclusão geral

Em linhas gerais, a experiência de PEC mostrou-se altamente positiva, ao mesmo tempo em que possibilitou variados aprendizados com respeito a como podemos aprimorá-la. Nas próximas seções, sistematizamos os principais marcos do caminho efetivamente seguido pelas 19 turmas com os 14 parceiros que tivemos; compilamos as avaliações de PEC feitas pelas/os estudantes, pelos parceiros e pelas/os docentes que acompanharam as turmas; e apresentamos aprendizados e horizontes para a edição de 2026 de PEC.

Caminho efetivamente seguido pelas turmas: uma síntese

A maioria das turmas percorreu a maior parte (ou a totalidade) do roteiro concebido, com os ajustes necessários em cada caso. Em todas estas, como se evidenciará nas seções seguintes, o ponto de maior destaque foi a construção de vínculos ou a aproximação e sensibilização com respeito ao público participante ou atendido pelas organizações. Nelas, ademais, logrou-se desenvolver projetos que, ainda que tenham sido bem incipientes na maioria dos casos, envolveram:

Centros para Crianças e Adolescentes (CCAs) Arca do Saber, Izaura e São Pedro: atividades educativas e de convivência realizadas nas organizações; visitas pedagógicas dessas crianças e adolescentes ao IMT.

Chá do Padre: apoio em campanha de arrecadação da organização; desenvolvimento de material de conscientização sobre a população em situação de rua.

ETECs: projetos pedagógicos desenvolvidos nas respectivas ETECs e no IMT.

Instituto Jô Clemente: letramento digital de familiares das pessoas atendidas pela ONG; apoio ao programa de empreendedorismo desenvolvido pela ONG com essas famílias; desenvolvimento de um aplicativo.

Recifavela (turma da engenharia), Recifran e Reviravolta: apoio em campanhas de arrecadação; melhorias pontuais nas condições de trabalho desses espaços.

Recifavela (turma de design): nova identidade visual, material de apoio à comunicação e projetos de equipamentos.

Com respeito às turmas que tiveram divergências substanciais com o roteiro planejado e/ou com o espírito daquilo que estava sendo

buscado em PEC, isso se deveu a três questões principais.

Primeira questão: condições específicas da organização parceira que inviabilizaram ou dificultaram as imersões e/ou o que era buscado com elas, a despeito dos esforços da pessoa docente responsável pelas turmas envolvidas. Esse foi o caso das ONGs Adus e Prato Verde Sustentável. Neste último, porém, acabou-se por trabalhar com um CCA do território nas duas últimas imersões (segundo um formato semelhante ao desenvolvido com os outros CCAs), como alternativa para se assegurar ao menos parte do que se buscava em PEC no tocante à formação das/os estudantes.

Segunda questão: condição específica da parceria construída, sabida desde o início do semestre, mas que encontrou resistência de uma das turmas envolvidas. Esse foi o caso da Teto, cujas imersões planejadas (e que eram as únicas possíveis) seriam intensivas, com duração de um final de semana, exigindo, além disso, que as/os estudantes ficassem alojadas/os em escola pública próxima à comunidade e, durante esse período, sem acesso a banho. Por fim, de todo modo, conseguiu-se que uma das turmas se engajasse em ao menos uma das imersões disponíveis. A outra turma atuou em uma imersão de meio dia da Teto, que não estava prevista originalmente.

Terceira questão: compreensão da proposta pela pessoa docente responsável pela turma, que acabou se focando mais em entregas e em fazer *para* a organização (numa perspectiva de prestação de serviços), em lugar de fazer *com* ela (numa perspectiva de mergulhar na organização, construir vínculos e, a partir disso, estabelecer um diálogo de saberes). Isso esteve presente nos trabalhos com a escola O Semeador e nos de uma das turmas que atuou na Recifavela. Tal coisa se refletiu no itinerário adotado, sendo, assim, consequência também do fato de os passos da metodologia proposta não terem sido seguidos, ou de terem sido segundo uma intencionalidade diferente da originalmente pensada. De todo modo, ainda que em menor grau, essa questão do fazer *para* em vez do fazer *com*, assim como desvios com respeito à intencionalidade de algumas imersões, estiveram presentes também em praticamente todas as demais parcerias.

Avaliação das/os estudantes

As/os estudantes avaliaram a experiência de PEC em três momentos: na avaliação institucional de todas as disciplinas, por meio de questionário online respondido na primeira quinzena de outubro; na autoavaliação proposta para PEC, por meio de questionário online que

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

deveria ser respondido na última aula; no Simpósio da Extensão, por meio de conversas presenciais em grupos com estudantes de diferentes turmas. Na sequência, apresentamos melhor cada um desses três instrumentos e compilamos os resultados obtidos com eles.

O que esses dados parecem indicar é que a experiência foi majoritariamente percebida como positiva pelas/os estudantes e que ela parece ter logrado bom êxito no acercamento delas/es a realidades vulnerabilizadas que desconheciam, alargando sua visão de mundo.

Além disso, das macrocompetências originalmente assumidas para serem desenvolvidas em PEC (autoconhecimento e gestão pessoal; ética e responsabilidade profissional; pensamento crítico e analítico; inteligência social (multicultural); comunicação eficaz; colaboração multidisciplinar; e experiência do usuário), as que parecem ter sido mais trabalhadas de fato foram pensamento crítico e analítico, ética e responsabilidade social, inteligência social (multicultural) e comunicação eficaz.

Por fim, com respeito ao buscado em cada uma das quatro imersões e às capacitações metodológicas que deveriam subsidiar essas vivências (para a vinculação, a identificação de potências e o diálogo; para o sonho colaborativo; para a identificação colaborativa de demandas e a construção colaborativa de encaminhamentos; e para a avaliação celebrativa do processo e a reflexão crítica sobre ele), parece que se teve mais sucesso no que diz respeito à vinculação, ao diálogo e à reflexão crítica sobre o processo, enquanto os demais objetivos e capacitações ficaram aquém do originalmente intencionado.

Avaliação institucional – Comissão Própria de Avaliação (CPA)

A avaliação institucional é feita para todas as disciplinas, mas tem um questionário ajustável, que deve ser adaptado às especificidades de cada componente avaliado. No caso de PEC, a avaliação foi respondida por 222 pessoas, o que representa cerca de 60% das/os estudantes de suas 19 turmas. O questionário elaborado teve as seguintes questões avaliativas e respectivos resultados:

O professor responsável pela turma teve bom desempenho e manteve uma relação respeitosa e colaborativa com as/os estudantes?
[0-10] → **Média: 8,6**

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

A atividade permitiu compreender melhor a realidade da organização ou comunidade parceira por meio da imersão e das interações realizadas? [0-10] → **Média: 8,8**

Empenhei-me nas atividades propostas e no projeto desenvolvido pelo meu grupo ou turma? [0-10] → **Média: 8,8**

A atividade possibilitou conhecer e praticar os princípios da extensão comunitária, contribuindo para transformações na realidade local? [0-10] → **Média: 8,7**

Selecione até 3 itens que você considera que foram desenvolvidos nesta atividade.

Senso Crítico (julgar/avaliar - ser crítico)

Seleção de informação (ser seletivo)

Saber enfrentar desafios (atitude de solução/corajoso)

Pró-Atividade (iniciativa)

Criar/Inovar

Organização/Planejamento (organizado)

Relação interpessoal (empático e simpático)

Capacidade para lidar com o imprevisto/Trabalhar em ambientes de incerteza (resiliente)

Capacidade para resolver problemas (ser efetivo na solução de problemas)

Tomar decisões (decisivo)

Responsabilidade com prazos e entregas

Capacidade de comunicação em público

Nenhum dos itens anteriores

Quantidades de respostas ordenadas de forma decrescente:

Senso crítico: **90** (40,5% das pessoas respondentes)

Relação interpessoal: **89** (40% das pessoas respondentes)

Pró-atividade: **73** (33% das pessoas respondentes)

Saber enfrentar desafios: **69**

Organização/planejamento: **67**

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Capacidade de comunicação em público: **47**
Criar/Inovar: **43**
Capacidade para resolver problemas: **30**
Seleção de informação: **30**
Tomar decisões (decisivo): **19**
Capacidade para lidar com o imprevisto (resiliente): **17**
Responsabilidade com prazos e entregas: **15**
Nenhum dos itens anteriores: **4**

Selecione até 3 competências que você considera que foram desenvolvidas nesta atividade

Formular e conceber soluções desejáveis e efetivas.

Analisar e compreender contextos sociais complexos, articulando vivência empírica e reflexão crítica com fundamentação teórica.

Construir com a organização ou comunidade parceira, de forma dialógica, o levantamento de demandas, a definição de soluções possíveis, a implementação dessas soluções e a avaliação de todo esse processo.

Comunicar-se eficazmente nas formas escrita, oral e/ou gráfica.

Trabalhar e liderar equipes multidisciplinares.

Atuar de forma ética e comprometida em prol do empoderamento da organização ou comunidade parceira.

Aprender de forma autônoma e lidar com situações e contextos novos e/ou complexos.

Compreender o potencial das tecnologias e aplicá-las na resolução de problemas e aproveitamento de oportunidades.

Nenhuma das competências listadas foi desenvolvida.

Quantidades de respostas ordenadas de forma decrescente:

Analisar e compreender contextos sociais complexos, articulando vivência empírica e reflexão crítica com fundamentação teórica: **117** (53% das pessoas respondentes)

Atuar de forma ética e comprometida em prol do empoderamento da organização ou comunidade

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

parceira: **91** (41% das pessoas respondentes)

Construir com a organização ou comunidade parceira, de forma dialógica, [...] todo esse processo: **90** (40,5% das pessoas respondentes)

Formular e conceber soluções desejáveis e efetivas: **80**

Comunicar-se eficazmente nas formas escrita, oral e/ou gráfica: **66**

Aprender de forma autônoma e lidar com situações e contextos novos e/ou complexos: **54**

Trabalhar e liderar equipes multidisciplinares: **35**

Compreender o potencial das tecnologias e aplicá-las na resolução de problemas e aproveitamento de oportunidades: **23**

Nenhuma das competências listadas foi desenvolvida: **6**

Esta atividade contribuiu significativamente para minha formação profissional e pessoal? [0-10] → **Média: 8,2**

Comentários e sugestões.

Foram feitos 23 comentários e sugestões no total.

Doze foram elogiosos, destacando a qualidade das atividades para, de uma parte, a ampliação da visão de mundo e a formação pessoal, acadêmica e/ou profissional das/os estudantes e, de outra parte, para a transformação das condições de vida de pessoas vulnerabilizadas. Destacou-se também a dedicação das/os docentes.

Seis foram de sugestões de melhoria, destacando aspectos a ajustar nas aulas em sala (material de apoio e equilíbrio entre teoria e atuação nos projetos), a necessidade de colocar as imersões em dias e horários que não conflitem com outras atividades das turmas, a necessidade de maior clareza na apresentação inicial do projeto e a ideia de se ampliar o número de visitas (imersões).

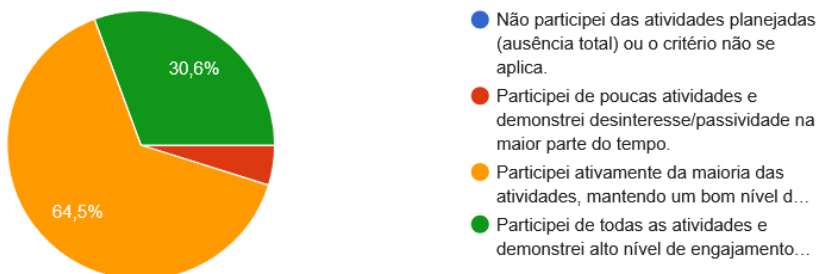
Cinco foram de críticas, que identificaram problemas na organização ou planejamento do processo da disciplina, falta de clareza do propósito de PEC para a pessoa docente responsável pela turma e falhas em atividades oferecidas no IMT para a organização parceira.

Autoavaliação de PEC

De modo a ajudar as/os estudantes a analisarem criticamente a caminhada que fizeram em PEC e, juntamente com isso, a obtermos mais elementos para avaliar a disciplina, pensou-se em uma atividade online de autoavaliação, composta por doze questões, que deveria ser realizada na última aula. Cada pergunta tinha quatro opções de resposta, em formato de rubricas, que, *grosso modo*, indicavam “muito pouco ou nada”, “mediano ou abaixo das expectativas”, “bom ou levemente acima das expectativas” e “excelente ou muito acima das expectativas”.

O formulário completo se encontra no Anexo 3. Ele foi respondido por 124 estudantes de 10 das 19 turmas de PEC. Apresentamos a seguir a compilação das respostas a oito dessas questões, que nos parecem as mais relevantes para avaliarmos PEC.

Considerando a sua presença e engajamento nas atividades de Projeto de Extensão Comunitária (reuniões, ações de campo, etc.), qual opção abaixo melhor representa a sua participação?



Fonte: autores

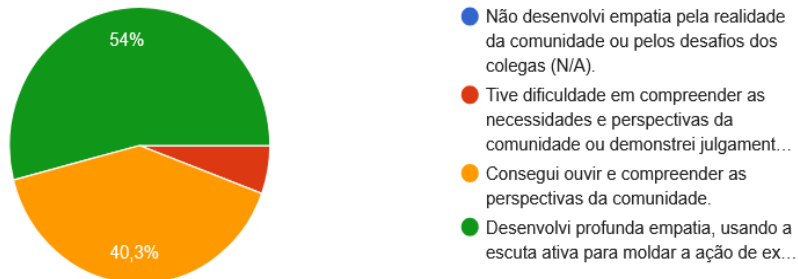
PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Considerando o seu entusiasmo, energia e atitude positiva para realizar as tarefas em Projeto de Extensão Comunitária, qual opção abaixo melhor representa a sua motivação?



Fonte: autores

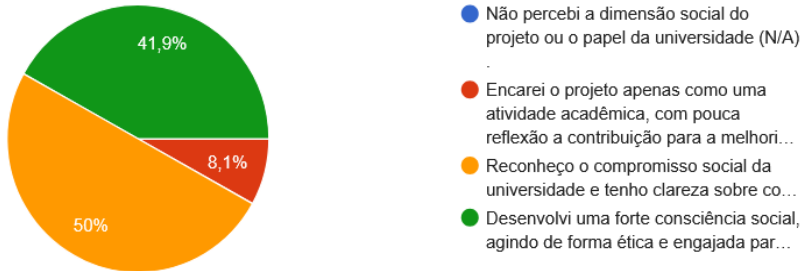
Com relação à sua habilidade de se colocar no lugar do outro (comunidade, parceiros, colegas), qual opção abaixo melhor representa o seu grau de empatia em Projeto de Extensão Comunitária?



Fonte: autores

Considerando a sua consciência do papel da universidade e do seu próprio papel na transformação social, qual opção abaixo melhor representa o seu grau de responsabilidade social em Projeto de Extensão Comunitária?

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores

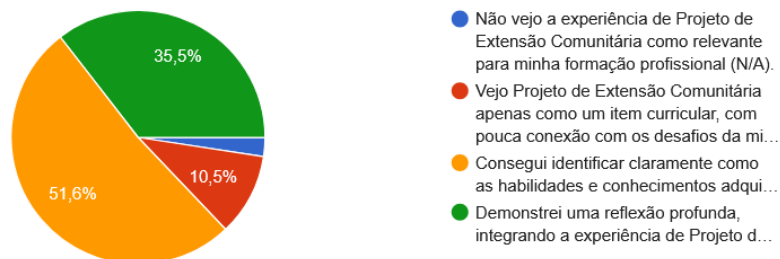
Considerando a sua habilidade de se expressar de forma clara, respeitosa e adaptada aos diferentes públicos, qual opção abaixo melhor representa o grau de comunicação que você desenvolveu em Projeto de Extensão Comunitária?



Fonte: autores

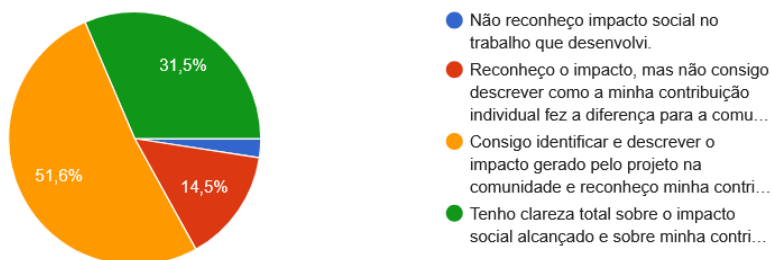
Qual opção abaixo melhor representa a sua percepção de como a experiência de Projeto de Extensão Comunitária contribui para o seu desenvolvimento profissional?

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



Fonte: autores

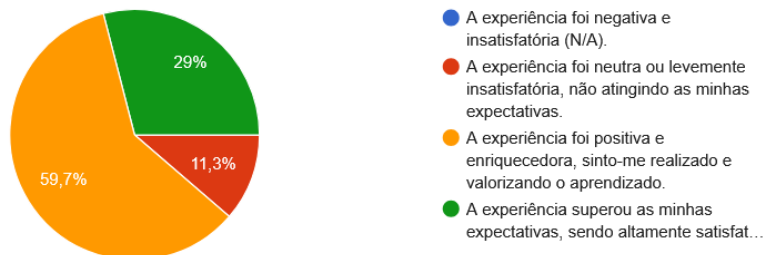
Qual opção abaixo melhor representa a sua percepção da contribuição do projeto e da sua atuação para a melhoria da vida da comunidade com que você atuou em Projeto de Extensão Comunitária?



Fonte: autores

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Qual opção abaixo melhor representa o seu sentimento de realização e valorização da experiência de Projeto de Extensão Comunitária como um todo?



Fonte: autores

Simpósio de Extensão Universitária do IMT

No Simpósio de Extensão Universitária do IMT, ocorrido após o encerramento de PEC, as turmas exibiram os vídeos que produziram sobre a sua atuação junto ao parceiro que lhes coube e participaram de uma atividade de tipo *World Café*, com perguntas mobilizadoras relativas à extensão. Essa atividade se desenrolou em três rodadas, cada qual com uma pergunta diferente: “Como foi a sua experiência de extensão?”; “Quais foram os principais aprendizados dessa experiência?”; “Como podemos ajudar a melhorar as experiências de extensão do IMT?”. As respostas deveriam ser registradas por uma pessoa de cada grupo. Tivemos, no total, oito salas em paralelo, com seis a oito grupos em cada. Os registros de todos os grupos foram entregues às pessoas docentes que estavam facilitando cada uma dessas sessões. Eles foram digitalizados e, com o apoio de três IAs diferentes (ChatGPT, Gemini e Grok), chegou-se à compilação geral apresentada a seguir².

As avaliações são majoritariamente positivas e ressoam ou

² O processo de digitalização e o uso das ferramentas de IA para se chegar à compilação obtida foram conduzidos pelo aluno Gabriel Fernandes Sabino, que, no final de 2025, estava no terceiro ano de Engenharia de Computação e era estagiário do Núcleo de Extensão do IMT.

reforçam elementos que também apareceram nas outras duas avaliações feitas pelas/os estudantes (como a mobilização da empatia, do senso crítico e da comunicação eficaz delas/es). Nas sugestões de melhoria, chama a atenção o fato de, ao lado de ponderações como a necessidade de conciliação das atividades de PEC com as outras atividades acadêmicas das turmas, aparecerem demandas relativas a “conforto” e “bem-estar”, que parecem indicar um registro ou olhar de “consumidor”, de resto onipresente nos diferentes espaços sociais que essas/es alunas/os frequentam, mas que não caberiam (no sentido de serem absolutamente secundários) no tipo de vivência que a extensão comunitária busca promover.

Rodada 1: Como foi a sua experiência de extensão?

Sentimentos mistos: a experiência foi descrita como uma montanha-russa: "cansativa", "desgastante" e "difícil", mas, ao mesmo tempo, "gratificante", "única" e "inovadora".

Quebra de estereótipos: muitas/os alunas/os relataram medo inicial ou preconceito ("medo de não gostarem da nossa presença", "estereótipos que precisavam ser quebrados"), que logo se transformou em alívio ao serem bem recebidas/os.

Interação com públicos específicos:

Crianças: diversão, brincadeiras, ensino de reciclagem/matемática, sensação de "ser um modelo" para elas.

Idosos: criação de vínculos, escuta de histórias de vida, paciência.

Pessoas em situação de rua/vulnerabilidade: sentimento de impotência, mas também de humanização.

Realidade infraestrutural: choque com a falta de dados (nem o IBGE chega), falta de saneamento, problemas pluviais na instituição e a dificuldade logística de levar materiais aonde os caminhões não chegam.

Atividades realizadas: desde trabalho braçal pesado (carregar material, construir casas, varrer chão) até atividades intelectuais/lúdicas (aulas de informática, capoeira, oficina de troféus, vídeos de divulgação).

Desenvolvimento humano e empatia: sentimento de gratificação por ajudar e se colocar no lugar do outro.

Acolhimento: surpresa positiva com a receptividade das

crianças, idosos/os e funcionárias/os das instituições.

Troca de experiências: a interação (conversas, brincadeiras, ensino) foi mais valorizada do que a parte técnica.

Rodada 2: Quais foram os principais aprendizados dessa experiência?

Empatia: foi a palavra mais repetida. A capacidade de entender e sentir a dor ou necessidade da outra pessoa.

Soft skills específicas:

Liderança e autogestão: guiar um projeto por conta própria, gerenciar tempo e tarefas.

Comunicação: escuta ativa (mencionada muitas vezes), perder a timidez, saber conversar com quem vive uma realidade muito diferente da sua.

Adaptabilidade: "jogo de cintura" para lidar com imprevistos e ambientes sem estrutura.

Trabalho em equipe: a colaboração foi essencial para realizar tarefas complexas em ambientes desestruturados.

Consciência cidadã: entendimento de privilégios, importância da reciclagem, impacto da engenharia na sociedade e a responsabilidade social da pessoa universitária.

Aprendizados técnicos (minoria, mas presentes): conceitos básicos de construção civil (ONG Teto), pensamento ágil, lógica, uso de planilhas, compostagem e cidadania digital.

Valores pessoais: humildade, gratidão, paciência, redução do julgamento/preconceito e valorização da educação como ferramenta de mudança.

Rodada 3: Como podemos ajudar a melhorar as experiências de Extensão no IMT?

Logística e transporte (detalhado):

Locais considerados perigosos/distantes.

Pedido de ônibus fretado pela faculdade (ida e volta).

Custo: alunas/os reclamaram de ter que pagar transporte ou materiais do "próprio bolso".

Planejamento e comunicação:

Avisos com pouca antecedência.

Falta de clareza sobre o que entregar ("o que deve ser feito?").

Desorganização no agendamento (conflito com horário de

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

almoço, provas e aulas de atividades complementares).

Falta de alinhamento entre docentes e a instituição (as/os docentes não sabiam os detalhes do local).

Estrutura e bem-estar (principalmente na ONG Teto):

Questões de higiene (falta de banho).

Conforto mínimo (dormir no chão).

Alimentação (pouca comida ou falta de opções, pedido de vale-refeição).

Pedagógico e acadêmico:

Vínculo com engenharia: reclamação forte de que as atividades não agregaram tecnicamente ou "não pareciam engenharia".

Autonomia: desejo de escolher a ONG/Projeto.

Duração: para algumas pessoas, foi curto demais (não deu para ver o resultado); para outras, foi longo/maçante. Sugestão de que seja um projeto anual, não semestral.

Preparação: solicitação de aulas prévias sobre a instituição para não chegarem "perdidas/os".

Avaliação dos parceiros

Como dito na introdução, cada um dos 14 parceiros que Projeto de Extensão Comunitária (PEC) teve em 2025 ficou sob o cuidado da pessoa docente cuja turma atuava com ele. A ideia, com isso, era assegurar uma comunicação contínua, além de facilitar e tornar fluido o alinhamento da atuação da turma às possibilidades e demandas do parceiro. Na grande maioria dos casos (ou na totalidade deles), essa comunicação funcionou em nível pelo menos razoável. Com isso, findas as atuações das turmas, foi solicitado pelo professor responsável pela disciplina que todas/os as/os docentes tivessem uma conversa com as pessoas de contato no(s) parceiro(s) pelo(s) qual(is) ficaram responsáveis, a fim de realizar com elas uma avaliação da parceria. Essa conversa poderia ser presencial ou remota e deveria focar em três questões principais: o que foi bom ou deu certo? O que foi ruim ou deu errado? O que de diferente ou novo poderia ser tentado numa eventual reedição dessa parceria?

Foi solicitado que cada docente fizesse um registro dessas respostas em um documento compartilhado com toda a equipe pedagógica de PEC. Nesse documento, pediu-se também que as/os docentes registrassem se indicavam ou não esse parceiro para continuar conosco em uma próxima edição de PEC e que assinalassem os ajustes que julgavam necessários, em uma eventual manutenção da

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

parceria, para que esta pudesse funcionar (ainda) melhor.

A avaliação feita pelos parceiros foi grandemente positiva, ressaltando aspectos como a sensibilidade e o cuidado das/os estudantes nas imersões, alguns ganhos pontuais para essas organizações decorrentes da parceria, bem como o impacto dessas vivências na sensibilização ou formação das/os estudantes relativamente à realidade vivida pelos públicos atendidos por esses parceiros. Todos se mostraram (grandemente) interessados em renovar a parceria em 2026.

Como críticas ou sugestões, mencionaram-se coisas como a continuação de projetos iniciados pelas/os estudantes este ano, a possibilidade de a turma atuar também no acompanhamento da adoção, pela organização, da solução construída (em vez de encerrar o processo na entrega desta) e a estruturação de roteiros de atividades a serem utilizados nas organizações e na visita destas ao IMT.

A tabela 2, abaixo, traz uma compilação de todas as respostas dos parceiros registradas pelas/os docentes no documento compartilhado. A síntese e a categorização apresentadas foram elaboradas pelo ChatGPT (OpenAI), modelo de linguagem aplicado à análise qualitativa de dados textuais.

Tabela 2: compilação das avaliações feitas pelos parceiros de PEC

Dimensão avaliada	Categoria temática	Descrição sintética	Frequência (n = 14 parceiros)
O que foi bom / deu certo?	Interação humana e criação de vínculos	Escuta ativa, empatia, respeito, acolhimento e construção de vínculos afetivos entre estudantes e públicos atendidos	9
	Impacto formativo para as/os estudantes	Sensibilização social, humanização, ampliação do repertório cultural e desconstrução de preconceitos	8
	Troca de saberes e construção conjunta	Atividades construídas dialogicamente, valorização de saberes locais e protagonismo comunitário	7
	Entregas concretas	Produção de materiais, oficinas, hackathons, apoio técnico, tecnológico ou institucional	6

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

O que foi ruim / deu errado?	Falta de alinhamento inicial	Expectativas pouco claras entre universidade, estudantes e parceiros	8
	Limitação de tempo e continuidade	Poucos encontros, ações interrompidas ou projetos não concluídos	7
	Baixo protagonismo estudantil	Dificuldades de organização, engajamento desigual e postura instrumental frente à extensão	6
O que poderia ser tentado numa próxima?	Planejamento prévio da parceria	Reuniões iniciais, definição de objetivos, cronograma e contrapartidas	10
	Maior continuidade das ações	Ampliação do número de encontros ou extensão da parceria por mais de um semestre	8
	Preparação formativa das/os estudantes	Capacitações temáticas, metodológicas e sobre dinâmicas comunitárias	7
	Definição e entrega de resultados viáveis	Entregáveis mais realistas, com garantia de conclusão	6
	Ampliação do protagonismo estudantil	Maior autonomia e possibilidade de escolha do parceiro	5
	Diversificação dos formatos de atuação	Oficinas, ações no campus, campanhas, integração com outras disciplinas	5

Fonte: autores; elaboração: ChatGPT

Avaliação das/os docentes responsáveis pelas turmas

Na semana após a última atividade da PEC (o Simpósio de Extensão Universitária do IMT), a equipe docente responsável pelas 19 turmas e pelos 14 parceiros de Projeto de Extensão Comunitária se reuniu para avaliar a disciplina. Nessa reunião, partiu-se do resgate da proposta original de PEC, com a metodologia, os objetivos formativos e o cronograma assumidos por todas/os no início do semestre. Feito isso, apresentaram-se compilações preliminares das três avaliações realizadas pelas/os estudantes (avaliação institucional, autoavaliação e avaliação feita no Simpósio da Extensão). Na sequência, as/os docentes compartilharam entre si os principais pontos das avaliações realizadas pelos parceiros que cada qual acompanhou. O momento final foi o de, a partir de todos esses dados, conjugá-los às próprias impressões e ponderações, de modo a avaliarmos quatro pontos: o impacto de PEC na formação das/os estudantes; o impacto de PEC para os nossos parceiros; a estruturação e a condução da disciplina; a dinâmica e a carga do nosso trabalho docente com PEC.

Como nessa última parte da reunião já não tínhamos muito tempo disponível, nem todos os quatro pontos acima foram cobertos

adequadamente. As diferentes contribuições apresentadas foram registradas por uma das pessoas docentes da equipe. Esses registros foram então repassados ao docente responsável pela disciplina, que os agrupou em três grandes categorias, conforme apresentado no quadro 1, a seguir. Em síntese, a avaliação da equipe docente sobre PEC foi grandemente positiva, reconhecendo os impactos dele na formação das/os estudantes e nas entidades parceiras. Reconheceram-se também erros e desafios, como o de manter o engajamento das turmas em sala de aula. Mas se entendeu que eles são passíveis de serem superados em uma próxima edição de PEC, o que, além disso, pode aumentar de forma não desprezível os impactos positivos da disciplina.

Quadro 1: registros das avaliações de PEC feitas pela equipe docente responsável

Considerações gerais

Buscar ou abrir-se para parceiros trazidos por estudantes e/ou por entidades estudantis;

Aproximar mais as entidades estudantis do IMT de PEC, como parceiras nossas (seja no apoio às atividades com os parceiros da extensão institucional, seja no apoio ao trabalho extensionista das entidades);

Ter histórico dos projetos desenvolvidos com cada parceiro para continuar os que foram bem avaliados e não repetir os que já foram feitos (e que não faria sentido repetir);

Os projetos poderiam ser intercursos;

Cuidar do parceiro, sem demandá-lo excessivamente e sendo o mais “útil” possível para ele;

Ações assistenciais também são demandadas pelos parceiros (p.e., mutirão de pintura demandado pelo Semeador);

PEC é muito exigente de trabalho para as/os docentes. Quando se tem mais de duas turmas, fica bastante puxado;

O sistema da Secretaria atrapalhou no começo por não exibir o horário de PEC para as turmas.

Metodologia/cronograma/condução/fechamento da disciplina

A metodologia adotada foi muito boa. Ela funciona. E impacta o parceiro, a turma e a/o docente;

É importante assegurar a preparação do – e para o parceiro – antes da visita;

Seria interessante que o início da preparação para PEC já acontecesse no semestre anterior;

Poderia ser interessante se o fechamento de PEC ocorresse na Mauá, com entrega dos projetos/produtos e avaliação/devolutiva do parceiro (durante o Simpósio da Extensão?);

O Simpósio da Extensão deveria (ou poderia) envolver estudantes, docentes, parceiros e entidades estudantis;

Encorajar a participação das/os estudantes ao longo de todo o Simpósio, não em apenas uma atividade dele;

Agrupar todas as arrecadações em uma única (e dividi-las entre os parceiros) ou escaloná-las ao longo do semestre;

Em muitas turmas, enquanto se estava no território, havia interesse e engajamento das/os estudantes, mas, quando se voltava para a sala de aula, isso se esvaía, ainda que aquilo que se estivesse fazendo em sala fosse a preparação do projeto a ser levado para o parceiro;

Algo que funciona para a manutenção do engajamento das/os estudantes nos projetos integradores dos cursos de TI é ter (algum tipo de) entrega e de valorização do trabalho (em TI, essa valorização se dá por meio da “competição entre os grupos”; aqui, poderia ser pela devolutiva do parceiro e pela explicitação do impacto que a atuação da turma [já] teve nas pessoas participantes do parceiro).

Estudantes

Pode nos ajudar nesse trabalho a gente conhecer a experiência em trabalhos sociais com que as/os estudantes chegam ao IMT (a partir de vivências pretéritas do Ensino Médio, por exemplo);

As/os estudantes chegam, via de regra, com pouco repertório (de práticas, técnicas, conceitos e conhecimentos) para uma atuação de extensão comunitária;

Os grupos poderiam ter feito/entregue mais (dialoga com o desengajamento de boa parte das turmas em sala de aula, quando comparadas com elas mesmas nos territórios);

O compromisso dos grupos é fundamental para PEC;

Já houve impacto de PEC, seja nos parceiros, seja nas/os estudantes (rompimento da bolha etc.).

Fonte: autoras/es

Próximos passos

Os dados trazidos com as avaliações apresentadas nas seções anteriores foram, como se viu, altamente positivos. Eles, de todo modo, também evidenciam desafios e desacertos que precisam ser enfrentados. Mas são questões de encaminhamento aparentemente não problemático e que, ademais, se bem trabalhadas, tendem a aumentar os impactos positivos de PEC na formação das/os estudantes, nas comunidades ou organizações parceiras com as quais trabalhamos e, oxalá, também no IMT como um todo (seja pela “extensionalização do currículo” desejada pelo reitor, seja pela transformação da instituição, no sentido de se aproximar das realidades vulnerabilizadas que abundam ao seu redor, de assumir pautas e demandas delas como legítimas questões de pesquisa e ensino, e de reconhecer e aprender a dialogar com os conhecimentos, valores e ideais das pessoas e grupos que vivem nessas realidades).

O desenrolar não turbulento de PEC ao longo do semestre, somado aos testemunhos de diferentes estudantes no Simpósio da Extensão, também teve como resultado conquistar os corações de docentes e de parte da gestão do IMT, que ainda não se sentiam seguras/os em expor nossas/os estudantes à extensão comunitária. De uma parte, com efeito, por ser uma faculdade particular tradicional, bem avaliada e com mensalidade alta, a Mauá tem como maioria esmagadora de suas/seus estudantes pessoas brancas, de classe média, média-alta e alta, com pouca proximidade ou familiaridade com os problemas sociais estruturais que acometem parcela significativa da sociedade brasileira. Entendia-se, nesse sentido, que atividades de extensão comunitária poderiam suscitar (forte) resistência por parte de estudantes e/ou de suas/seus familiares. Mas isso não ocorreu.

Imaginava-se também que o acesso das/os nossas/os estudantes a territórios periféricos iria necessariamente expô-las/os a riscos relativos à sua segurança pessoal (muito) maiores do que aqueles a que já estão expostas/os em outras partes da Grande São Paulo. Mas isso também não se materializou, seja porque a premissa de que as periferias são sempre “zonas de guerra” não é verdadeira, seja porque, ao construirmos parcerias com atores institucionais reconhecidos e respeitados nos diferentes territórios, aprendemos

modos de minimizar eventuais riscos e somos enxergadas/os, nesses locais, com respeito similar ao desses atores.

De outra parte, o Simpósio da Extensão deu a palavra a diversas/os estudantes que, em momentos variados, puderam verbalizar o impacto (altamente) positivo que a extensão comunitária tem ou teve na sua formação pessoal, acadêmica e/ou profissional. A isso, somou-se a avaliação grandemente positiva de PEC feita pelas/os estudantes da disciplina (inclusive na avaliação institucional).

A conjugação desses dois grandes fatores (“salubridade” e a não rejeição da extensão comunitária, por um lado, e os impactos formativos positivos dela, por outro) teve o efeito de angariar, para essa modalidade da extensão praticada pelo IMT, importantes apoios institucionais. Como uma das consequências disso, PEC está sendo introduzida nos novos currículos do IMT, que serão adotados para as/os ingressantes a partir de 2026, como disciplina obrigatória do segundo semestre de todos os cursos da instituição.

O formato dessa nova disciplina deve ser grandemente similar ao adotado na edição de 2025 de PEC, tendo as imersões como elemento estruturante, seguindo a metodologia do Instituto Elos, focando na capacitação para o trabalho dialógico, horizontal e participativo com grupos vulnerabilizados – em contextos nos quais imprevistos poderão ser quase a regra – e buscando mobilizar e desenvolver as competências de ética e responsabilidade profissional, pensamento crítico e analítico, inteligência social (multicultural) e comunicação eficaz.

Mudanças ou aprimoramentos com respeito à edição de 2025 de PEC que serão buscados nessa nova disciplina em 2026 são:

Início da preparação para a disciplina ainda no primeiro semestre. A ideia, por ora, gira em torno à realização de dois momentos introdutórios, mais ou menos nesses termos: no primeiro momento, teremos a apresentação da proposta da disciplina a partir da conversa com estudantes de 2025 que fizeram ótimas vivências de PEC, seguida de uma brevíssima apresentação dos parceiros que teremos em 2026; no segundo momento, teremos uma conversa com os representantes desses parceiros, na qual essas pessoas apresentarão os trabalhos que são realizados, o público atendido, o que se busca etc.

Escolha do tipo de trabalho pelas/os estudantes. A ideia é dar às/aos estudantes, passados os dois encontros de preparação, a opção de escolher os tipos de trabalhos com os quais gostariam de se envolver

(p.e., com CCAs, ETECs, familiares de pessoas com deficiência, cooperativa de catadores, serviços de reinserção social produtiva de pessoas em situação de rua etc.) e aquele com o qual não gostariam de atuar. Não estamos seguras/os de que essa estratégia produzirá melhores resultados do que os alcançados em 2025, até porque parte significativa deles adveio da total quebra de expectativas negativas de várias/os estudantes quanto à organização ou ao trabalho com o qual tiveram que atuar. Mas vamos testar esse novo modo.

Definição de entregáveis e valorização dos trabalhos dos grupos. A questão aqui é desenvolver estratégias que assegurem o engajamento das turmas também em sala de aula. O caminho dos projetos integradores dos cursos de TI, como se disse antes, passa por esse binômio entregáveis-valorização/premiação. O desafio, em uma disciplina nos moldes de PEC e para estudantes do segundo semestre, é que, por um lado, as turmas usualmente não têm conhecimento técnico suficiente para realizar entregas tecnicamente interessantes ou robustas. Por outro lado, o enfoque na dimensão técnica acarreta o risco de secundarizar o que é central em PEC: o aprendizado da metodologia de abordagem; a construção de vínculos; a identificação de potências locais; a construção do diálogo de saberes; o desenvolvimento do senso crítico etc. Para lidar com o engajamento, valendo-se do binômio entregáveis-valorização/premiação, sem recair no “fetiche da solução técnica” e assegurando, com isso, os impactos buscados por PEC na formação das/os estudantes, alguns caminhos possíveis são:

Assumir e estruturar os projetos da disciplina como tendo a duração de vários semestres. Nesse caso, as entregas que os grupos conseguirem fazer, ainda que pequenas ou precárias, podem ser significadas como (pequenos) passos em direção a uma entrega e a impactos grandes e já planejados (no sentido de conscientemente buscados pelo parceiro e de adequadamente orientados/ conduzidos pela pessoa docente responsável pela turma). Ao lado disso, parece interessante adotar a prática de realizar essas entregas ou fechamentos com representantes dos parceiros em momento dedicado a isso (o que pode acontecer tanto no território do parceiro, durante a última imersão, quanto, depois dela, no IMT). Conseguir perceber a relevância do trabalho que se está fazendo e ser reconhecida/o por ele parece reproduzir bem o binômio entregáveis-reconhecimento que se busca emular aqui. Dois modos complementares de se obterem esses

projetos “plurianuais” são:

Ter um banco de projetos já iniciados com o parceiro, por turmas anteriores, que ele tenha interesse em continuar.

Esboçar, previamente ao início do trabalho da turma, novos projetos “plurianuais” com o parceiro, que serão oferecidos como possibilidades de atuação aos grupos dela.

Associar-se a projetos extensionistas que estão sendo desenvolvidos por outros grupos do IMT, assumindo tarefas necessárias ao seu desenvolvimento ou que contribuam para o aprofundamento ou a potencialização deles, as quais a turma tenha plenas condições de realizar. Assim, por exemplo, se um grupo está desenvolvendo um projeto de geração de renda em uma comunidade, dados sobre as condições de vida, os conhecimentos e os sonhos/desejos das pessoas da comunidade podem ser muito importantes para a construção desse projeto. Esses dados não só podem ser obtidos por uma turma de PEC, como também o próprio levantamento deles ajuda a turma a se aprofundar na imersão e na conexão com a comunidade. Grupos interessantes de serem prospectados para esse tipo de parceria são:

Entidades estudantis com histórico de atuação extensionista comunitária, como a Enactus, o Educa e o Inova.

Projetos de extensão comunitária mais longevos, como os desenvolvidos em parceria com a ONG Amigos do Bem.

Projetos a serem financiados por edital de extensão a partir de 2026 (para os quais, aliás, uma das condições de elegibilidade será a explicitação de modos como eles permitem a parceria com turmas de PEC).

Essa nova disciplina trará também dois novos desafios. Por um lado, se tivermos 19 turmas de PEC em 2025, a projeção é de pelo menos 30 turmas da nova disciplina em 2026. Será necessário buscar mais parceiros e ampliar a equipe docente. O mais desafiador aqui está na formação dessa equipe. Como se viu pelas diferentes avaliações apresentadas neste capítulo, docentes não preparadas/os, que não compreenderam bem a proposta ou que simplesmente não priorizam segui-la podem impactar negativamente, em variados graus, tanto a vivência das turmas quanto o impacto da atividade na comunidade ou organização com a qual está trabalhando e na formação estudantil. A constituição dessa equipe e a capacitação dela são trabalhos que precisam ser disparados já no início do primeiro semestre de 2026.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Por outro lado, o fato de essa atividade passar a ser obrigatória implicará na participação de estudantes talvez mais resistentes a ela, que, na edição de 2025 de PEC, simplesmente abandonaram a disciplina. O desafio de lidar com esses casos – e mesmo a quantidade deles – será inversamente proporcional ao êxito que lograrmos na consolidação de uma cultura de valorização da extensão comunitária junto ao corpo discente. O Simpósio da Extensão de 2025 foi um evento importante para avançarmos na construção dessa cultura. As atividades de recepção das/os ingressantes em 2026 contarão com momentos de promoção desse tipo de extensão, nos quais a ideia é envolvermos estudantes veteranas/os que tiveram uma boa experiência com a extensão comunitária para partilharem essas vivências e apoiarem as/os ingressantes nas atividades específicas sobre esse tema.

Seja como for, o êxito (menor ou maior na consolidação dessa cultura) não elimina a possibilidade de estudantes resistirem ou se oporem à extensão comunitária. A equipe docente precisará desenvolver estratégias para lidar da melhor forma possível com eles. Um princípio que já está acordado com a reitoria para esses casos é o de que as imersões não serão compulsórias, mas que a disciplina segue sendo obrigatória. Com isso, mesmo que não vão a campo, as/os estudantes resistentes precisarão realizar as demais atividades e terão que fazer trabalhos específicos que compensem a ausência nas imersões. A aposta aqui, fincada na experiência de PEC em 2025, é que as imersões contagiem as pessoas que as fizerem, de modo que o exemplo delas possa ajudar as pessoas resistentes a superar suas resistências e a aderir às imersões seguintes.

2026 reserva vários desafios e muito trabalho para consolidar a extensão comunitária no IMT. A implementação dessa disciplina extensionista obrigatória é parte disso. Ao lado dela e também como desafio e trabalho para 2026, tem-se, por exemplo: a oferta de uma formação para todo o corpo docente sobre extensão, com uma trilha específica para a extensão comunitária; o lançamento do primeiro edital interno de financiamento de projetos de extensão comunitária de duração mais alongada (pelo menos dois anos); e o trabalho com as entidades estudantis que desenvolvem atividades de extensão, no sentido de articulá-las entre si, prover capacitação para atuações mais potentes de extensão comunitária e buscar parcerias com elas para projetos da disciplina de PEC.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

De todo modo, há um forte apoio institucional à extensão comunitária. Além disso, existe uma equipe de docentes diretamente envolvidas/os com ela, que tem grande identificação profissional e pessoal com a causa desse tipo de extensão e que se encontra bastante motivada e com muita disposição para trabalhar duro. Tudo isso (apoio institucional + equipe motivada e comprometida) parece indicar que muitos passos podem ser dados em 2026.

Referências Bibliográficas

ACNUR, 2026. Website: <https://www.acnur.org/br/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>

ADDOR, F.; CURI Filho, W. Por um novo marco analítico-conceitual para o campo da Tecnologia Social. **Revista Organizações & Sociedade**, 32, 112, p. 001-026, 2025.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. **Diário Oficial da União**, Ed. 243, Seção 1, p. 49, 19 dez. 2018.

BROWN, T.; WYATT, J. Design Thinking for Social Innovation. **Development Outreach**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 29-43, 2010.

CRUZ, C. C.; KLEBA, J. B. Avaliação da formação para a engenharia engajada do LabCTS/ITA: impactos nas/os alunas/os. *Rev. Tecnol. Soc.*, Curitiba, v. 19, n. 57, p. 92-113, jul./set., 2023.

FERENHOF, F.; FORCELLINI, A. Lições aprendidas de um projeto mal-sucedido. **RBGP**, 9, 2, 2011.

FORPROEX – ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, 1987, Brasília. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília: UNB, 1987.

FRAGA, L. S. Extensão Universitária e Educação Popular: a perspectiva da extensão popular. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 33, n. 76, p. 156–173, 2024.

FRAGA, L.; ALVEAR, C.; CRUZ, C. Na trilha da contra-hegemonia da engenharia no Brasil: da Engenharia e Desenvolvimento Social à Engenharia Popular. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, 43, 15, p. 209-232, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.

KLEBA, J. The Engaged Engineering and (other) technological fields (EETF) Program – A Review from a Latin American Perspective. *In* Invernizzi, N., Medina, L. (eds.) **Latin American Breakthroughs in STS Theory**. Palgrave Macmillan (Singapore). 2025. p. 217–253.

KLEBA, J.; CRUZ, C. Do empoderamento à emancipação: um marco teórico-metodológico para intervenções sociotécnicas empoderadoras. *In*: Kleba, J.; Cruz, C.; Alvear, C. (Org.) **Engenharias e**

outras práticas técnicas engajadas - vol. 3: diálogos interdisciplinares e decoloniais. Campina Grande: EDUEPB, 2022, p. 177-218.

LUCENA, J.; LEYDENS, J.; SCHNEIDER, J.; TEMPLE, S. **Engineering and sustainable community development** (2nd ed.). Springer Nature, 2024.

PARREIRA, J.; DINIZ, A. O diagnóstico da situação-problema em projetos de extensão. **Conecte-Se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, 7, 15, p. 16–32, 2023.

SMITH, J.; TRAN, A.; COMPSTON, P. Review of humanitarian action and development engineering education programmes. *European Journal of Engineering Education*, 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. [S. l.]: Cortez Editora, 2021.

VAN DER VELDEN, M.; MÖRTBERG, C. Participatory Design and Design for Values. *In*: van den Hoven, J.; Vermaas, P.; van de Poel, I. (Eds.). *Handbook of Ethics, Values, and Technological Design*. Dordrecht: Springer, 2015. p. 41-66.

ANEXO 1 – Orientações para a construção dos capítulos do e-book

A proposta do e-book é registrar a experiência que tivemos em Projeto de Extensão Comunitária (PEC) ao longo do segundo semestre de 2025 e torná-la pública, acessível também para pessoas de fora da Mauá.

Cada capítulo contará com quatro seções principais:

- Apresentação da entidade parceira
- Apresentação da metodologia adotada
- Apresentação dos projetos desenvolvidos
- Avaliação de toda essa jornada
- Pela turma
- Pela entidade parceira

Seguem abaixo as orientações gerais (para todas as seções) e específicas para cada seção.

ORIENTAÇÕES GERAIS

Escreva tendo em mente que a pessoa que está lendo o seu texto NÃO conhece a organização com a qual a sua turma trabalhou NEM conhece a metodologia de trabalho de extensão comunitária adotada pela Mauá.

Por isso, seja clara/o ou detalhada/o nesses pontos, para que a pessoa que está lendo o seu texto possa compreendê-lo.

Assuma como pessoa leitora do seu texto estudantes ingressantes da Mauá de todos os cursos.

Você pode fazer uso de IA para lhe ajudar com o texto. O fundamental, porém, é que esse texto expresse/conte aquilo que precisa ser dito na seção pela qual você ficou responsável. A vivência que você e sua turma fizeram conta muito mais do que um texto bonito, mas genérico ou vazio.

1. ORIENTAÇÕES PARA A APRESENTAÇÃO DA ENTIDADE PARCEIRA

Conte o que a entidade faz e onde ela atua.

Conte brevemente a história da entidade e se ela é parte de alguma organização maior. Neste caso, fale bem sucintamente sobre essa organização também.

Conte as parcerias relevantes que a entidade tem, seja com a prefeitura ou com redes de organizações similares, seja com empresas, ONGs etc.

Busque apresentar dados relativos ao trabalho desenvolvido pela organização, como o número de pessoas participantes, os impactos do trabalho dela na vida dessas pessoas, o histórico de evolução desses números ao longo do tempo etc.

Tente trazer fotos, feitas pela turma e/ou disponíveis nas redes sociais da organização, que sejam ilustrativas daquilo que você está querendo destacar no texto sobre ela.

Apresente endereços de sites e/ou redes sociais da organização, onde a pessoa interessada possa conhecer melhor o trabalho dela.

Apresente os contatos (e-mail e telefone) da organização.

Todos os pontos anteriores (1-7) podem ser conseguidos nas próximas imersões, com entrevistas com pessoas trabalhadoras da organização. Aproveite essa oportunidade!

Se for usar IA no apoio ao seu trabalho:

Certifiquem-se de que as informações que a IA trouxe são corretas ou as mais adequadas para o que vocês estão querendo contar sobre a organização.

Certifiquem-se quanto a fotos e dados, como endereços de site, e-mail etc.

Evitem delegar para a IA a escrita do texto todo. Como dito antes, a vivência que vocês e sua turma fizeram conta muito mais do que um texto bonito, mas genérico ou vazio.

2. ORIENTAÇÕES PARA A APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA ADOTADA

A metodologia que buscamos seguir foi a do Instituto Elo, abaixo. Uma explicação breve dela se encontra [aqui](#).



NÃO é necessário que você apresente a metodologia acima. Isso será feito no capítulo de Introdução do e-book, e será redigido pelas/os docentes que acompanharam a disciplina.

Para se lembrar da sequência de atividades, retome os slides das aulas e os registros que você fez no seu Diário de Bordo.

Vocês deverão apresentar qual foi o caminho que vocês seguiram, em sala e nas quatro imersões, contando:

As diferentes atividades que realizaram tanto em sala quanto nas imersões (por exemplo, “Na primeira imersão, começamos conhecendo o espaço e conversando com as pessoas da gestão. Fomos recebidas/os por Fulano, Beltrano e Siclano... Na primeira atividade, fizemos uma roda de conversa e, para quebrar o gelo, perguntamos o nome e o time das pessoas...”).

A sequência dessas atividades e a razão dessa sequência (por exemplo, “Para nos preparar para a imersão, fizemos x atividades em sala. Na primeira...”).

Como cada imersão aconteceu, desde a saída da faculdade e o deslocamento para a organização, até o passo a passo do que foi feito lá (por exemplo, “A partir da segunda imersão, não tivemos mais transporte providenciado pela Mauá. Nelas, pegávamos a van da faculdade até o Metrô Sacomã e...”).

Como vocês se sentiram nessas atividades.

Não se esqueçam de mencionar todo o processo para a seleção,

construção, validação e implementação dos projetos. Mas não expliquem nenhum projeto em particular, porque isso será feito na próxima seção.

Selecione e incorpore fotos marcantes das imersões. (Se vocês não tiverem, é possível que a/o docente que acompanha a sua turma tenha: peça a ela/e!)

Se for usar IA no apoio ao seu trabalho:

Certifiquem-se de que as informações que a IA trouxe são corretas ou as mais adequadas para o que vocês estão querendo contar sobre a metodologia que seguimos e as imersões que fizemos.

Evitem delegar para a IA a escrita do texto todo. Como dito antes, a vivência que vocês e sua turma fizeram conta muito mais do que um texto bonito, mas genérico ou vazio.

3. ORIENTAÇÕES PARA A APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS

Comece a seção lembrando muito brevemente onde entram os projetos na metodologia que seguimos e o que buscamos com eles.

Para cada um dos projetos desenvolvidos, conte, em linhas gerais:

O que o grupo tinha em mente fazer no início.

Qual foi o processo de trabalho do grupo para conseguir realizar o que tinha em mente?

Como se deu a interação do grupo com a organização parceira.

O que o grupo por fim conseguiu fazer.

Qual foi a avaliação do grupo disso que fizeram.

Para cada projeto, se possível, incorpore uma foto que seja representativa dele.

Os pontos 2 e 3 podem ser feitos por meio de entrevista direta com o grupo e solicitação, a ele, de fotos que lhe pareçam interessantes.

Se for usar IA no apoio ao seu trabalho:

Certifiquem-se de que as informações que a IA trouxe são corretas ou as mais adequadas para o que vocês estão querendo contar sobre os projetos desenvolvidos.

Evitem delegar para a IA a escrita do texto todo. Como dito antes, a vivência que vocês e sua turma fizeram conta muito mais do que um texto bonito, mas genérico ou vazio.

4.a) ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA PELA TURMA

É importante vocês mesclarem uma parte objetiva com uma mais subjetiva.

Para a parte objetiva, considerem criar um Google Forms ou algo equivalente, com questões como:

De 0 a 10, que nota você daria para...

Quais das seguintes competências você acha que usou ou desenvolveu?

Para a parte subjetiva, vocês podem articular um Google Forms com entrevistas com suas/seus colegas.

O Google Forms poderia ser o mesmo da parte objetiva, mas com perguntas mais abertas do tipo:

O que achei bom em Projeto de Extensão Comunitária? Por quê?

O que achei ruim em ...? Por quê?

As entrevistas podem eventualmente aprofundar alguma das questões trazidas no Google Forms.

No e-book, vocês apresentarão:

Uma breve descrição de como construíram a avaliação (quais instrumentos utilizaram, por que utilizaram esses instrumentos etc.).

Quantas pessoas participaram da avaliação.

Qual era o universo total esperado de pessoas participantes.

Uma síntese das respostas a todas as perguntas:

Quando essa síntese puder ser feita por gráficos, prefira utilizá-los!

Para perguntas subjetivas, busquem identificar padrões nas respostas, agrupando-as segundo esses padrões.

Se aparecerem falas interessantes no Google Forms ou na entrevista, considerem inserir, ainda que apenas um pedaço delas, no texto do e-book. Neste caso, não se esqueça de colocar entre aspas o que for a fala da pessoa entrevistada.

Se for usar IA no apoio ao seu trabalho:

Se for usá-la para montar os formulários de entrevista, certifiquem-se de que as perguntas e opções ela traz são as mais adequadas para o que vocês estão buscando avaliar e para o que foi o trabalho efetivo de Projeto de Extensão Comunitária.

Se for usá-la para analisar as respostas recebidas, certifiquem-

se de que as informações que ela trouxe estão de fato corretas e se são as mais adequadas para o que vocês estão querendo contar na avaliação de Projeto de Extensão Comunitária pela sua turma.

Evitem delegar para a IA a escrita do texto todo. Como dito antes, a vivência que vocês e sua turma fizeram conta muito mais do que um texto bonito, mas genérico ou vazio.

4.b) ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA PELA ORGANIZAÇÃO PARCEIRA

É importante vocês mesclarem uma parte objetiva com uma mais subjetiva.

Para a parte objetiva, considerem criar um formulário com questões como:

De 0 a 10, que nota você daria para...

A postura das/os estudantes nas imersões foi adequada ou inadequada?

Para a parte subjetiva, vocês podem fazer perguntas do tipo

O que achei de bom nessa parceria com as/os estudantes da Mauá? Por quê?

O que achei ruim em ...? Por quê?

Prefiram fazer essa avaliação por meio de entrevistas na última imersão.

Levem formulários impressos ou construam um Forms no Google ao qual vocês tenham acesso, sigam as perguntas e preencham vocês as respostas das pessoas entrevistadas.

Para a parte mais subjetiva da entrevista, em que a pessoa entrevistada pode se alongar mais, pergunte se você pode gravar a resposta e, se autorizada/o, faça isso.

Esteja preparada/o, então, para poder gravar as entrevistas. Ou seja, se for necessário algum equipamento para fazer essa gravação, certifique-se de levá-lo na última imersão.

As entrevistas gravadas podem ser transformadas em texto por diferentes ferramentas de IA disponíveis na Internet. Analisar as respostas em textos costuma ser mais fácil do que fazer isso com áudios.

No e-book, vocês apresentarão:

Uma breve descrição de como construíram a avaliação (quais instrumentos utilizaram, por que utilizaram esses instrumentos etc.).

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

Quantas pessoas participaram da avaliação e por que vocês selecionaram essas pessoas específicas para entrevistar.

Uma síntese das respostas a todas as perguntas:

Quando essa síntese puder ser feita por gráficos, prefira utilizá-los!

Para perguntas subjetivas, busquem identificar padrões nas respostas, agrupando-as segundo esses padrões.

Se aparecerem falas interessantes, considerem inserir, ainda que apenas um pedaço delas, no texto do e-book. Neste caso, não se esqueçam de colocar entre aspas o que for a fala da pessoa entrevistada.

Se for usar IA no apoio ao seu trabalho:

Se for usá-la para montar os formulários de entrevista, certifiquem-se de que as perguntas e opções ela traz são as mais adequadas para o que vocês estão buscando avaliar e para o que foi o trabalho efetivo de Projeto de Extensão Comunitária.

Se for usá-la para analisar as respostas recebidas, certifiquem-se de que as informações que ela trouxe estão de fato corretas e se são as mais adequadas para o que vocês estão querendo contar na avaliação de Projeto de Extensão Comunitária pelas pessoas da organização parceira.

Evitem delegar para a IA a escrita do texto todo. Como dito antes, a vivência que vocês e sua turma fizeram conta muito mais do que um texto bonito, mas genérico ou vazio.

ANEXO 2 – Trabalho de Fundamentos de Engenharia Civil com O Semeador

Este projeto de extensão ocorreu na disciplina de Fundamentos de Engenharia, no segundo semestre de 2025, com a proposta de trabalhar conceitos de Engenharia Civil. Nesta disciplina, os estudantes já escolhem a habilitação que têm interesse em cursar; portanto, o projeto de extensão é mais voltado às questões técnicas dessa área do conhecimento. A Escola Metodista O Semeador já tem parceria com o IMT há três anos e passa por problemas de inundação recorrentes. Assim, foi essa a proposta da disciplina: investigar as causas do problema, colocando os estudantes em contato com os conceitos de drenagem e instalações prediais da Engenharia Civil. A metodologia utilizada em PEC foi adaptada para este caso.

Apresentação da entidade parceira

A Escola O Semeador é uma instituição de ensino localizada em São Caetano do Sul, na região do ABC Paulista. Seu trabalho engloba a educação e o desenvolvimento de pessoas com deficiência intelectual, oferecendo um ambiente inclusivo que valoriza o potencial de cada aluno. A proposta pedagógica é voltada à formação integral, unindo aprendizado acadêmico, desenvolvimento socioemocional, autonomia e cidadania ativa. A escola funciona em um prédio próprio, com salas adaptadas, espaços terapêuticos, quadra e áreas de convivência acessíveis, o que lhe permite funcionar nos períodos matutino e vespertino.

O projeto educacional teve origem em uma iniciativa comunitária, impulsionada por educadores e famílias da região que buscavam uma proposta inovadora e humanista de ensino. Fundada oficialmente em 2007, a escola cresceu a partir de um grupo de alunos e professores, consolidando-se ao longo dos anos como referência em educação participativa em São Caetano do Sul.

A escola mantém um histórico de parcerias com órgãos públicos municipais (Secretaria de Educação de São Caetano do Sul). A instituição também atua como ponto de coleta de Nota Fiscal Paulista, recebendo uma porcentagem do programa estadual, que é revertida

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

para a manutenção das atividades pedagógicas e de inclusão. Essas articulações favorecem a troca de conhecimento e o acesso a projetos culturais.

Segundo registros institucionais, a Escola O Semeador conta com cerca de 30 educadores e funcionários e atende aproximadamente 100 alunos, com predominância de famílias da própria cidade e de municípios vizinhos do ABC. O engajamento comunitário tem sido notável, com famílias participando ativamente das decisões e dos projetos escolares. Além de promover educação de qualidade e oportunidades de desenvolvimento pessoal, a escola se envolve em ações sociais e ambientais, como campanhas de arrecadação e de coleta seletiva escolar, reforçando seu compromisso com a formação cidadã e o desenvolvimento sustentável.

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA



As fotos acima mostram as atividades realizadas diariamente pela escola, evidenciando o trabalho de inclusão e desenvolvimento dos alunos. Imagem retirada do Facebook oficial da instituição.



Contato: Telefone: (11) 4224-5678

Email: contato@osemeador.com.br

Endereço: Rua dos Meninos, 555, São Caetano do Sul

Apresentação da metodologia adotada

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste projeto de extensão iniciou-se com uma pesquisa preliminar sobre o local de atuação, com o objetivo de analisar o problema sob a nossa perspectiva inicial e de elaborar hipóteses para possíveis soluções. Contudo, reconhecendo a importância de compreender o problema de maneira mais profunda e alinhada com as necessidades reais da escola, realizamos visitas à entidade. Essa decisão foi tomada com o intuito de entender o contexto local com mais precisão e obter informações diretamente das pessoas que convivem e lidam com as questões diárias do local. Para tanto, foram organizadas duas visitas, durante as quais tivemos a oportunidade de conhecer de perto o ambiente, as pessoas envolvidas no trabalho da instituição e os desafios que enfrentam no dia a dia.



Após as visitas, realizamos encontros internos para discutir as informações obtidas e as possibilidades de intervenção. Com base nas observações feitas, elaboramos relatórios detalhados, que incluíam tanto o diagnóstico do problema quanto as soluções sugeridas, para serem apresentados aos coordenadores da entidade O Semeador. Esses relatórios foram fundamentais para alinhar o projeto aos objetivos da instituição e garantir que as ações propostas estivessem alinhadas às necessidades reais da escola. A validação desses documentos pelos coordenadores da entidade foi um passo fundamental para a aprovação final do relatório produzido, assegurando que as informações fossem úteis e adequadas ao contexto vivido pelas

pessoas atendidas.

Apresentação dos projetos desenvolvidos

O produto final resultante do trabalho desenvolvido para a Escola Metodista O Semeador consistiu na entrega de um Relatório Técnico de Infraestrutura e Drenagem, documento abrangente e detalhado que consolida todas as análises, levantamentos e soluções projetuais voltadas à requalificação do espaço escolar.

Esse relatório, apresentado em formato físico e digital, representa um instrumento técnico de apoio à decisão e execução de obras, estruturado para atender aos critérios de clareza, aplicabilidade e rigor técnico. O documento está organizado em seções que abordam de forma integrada os problemas identificados e as soluções propostas, com o objetivo de oferecer um panorama completo da situação atual e orientar intervenções eficazes e duradouras.

O conteúdo do entregável foi elaborado de forma a proporcionar uma visão precisa e aplicável sobre as condições estruturais e de drenagem da escola. As análises realizadas permitiram identificar falhas significativas na captação e condução das águas pluviais, responsáveis por infiltrações, alagamentos e degradação de áreas essenciais, como a quadra poliesportiva e os acessos principais. Além disso, constatou-se a ausência de elementos adequados de acessibilidade, o que compromete a mobilidade e a inclusão de alunos e funcionários.

Com base nesses diagnósticos, o relatório apresenta um plano de ação de soluções técnicas e construtivas estruturadas em eixos complementares:

Requalificação do Sistema de Drenagem: propõe o redimensionamento da rede interna de captação e condução das águas pluviais, com a instalação de novas tubulações, caixas de inspeção, bocas de lobo e reservatórios de retenção para o controle da vazão. O relatório inclui desenhos esquemáticos, diagramas e plantas que indicam as áreas de intervenção, garantindo clareza na aplicação prática das medidas sugeridas.

Contenção e Macrodrenagem Local: prevê a implementação de canaletas, grelhas e barreiras de contenção na divisa com a via pública, a fim de impedir o ingresso de águas superficiais provenientes de terrenos vizinhos. A proposta reforça também a necessidade de

PROJETO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA

articulação institucional junto à Prefeitura de São Caetano do Sul, para a adequação da rede pública e a eliminação de despejos irregulares na área escolar.

Acessibilidade e Adequação Estrutural: contempla o redesenho de acessos, rampas e circulações internas, bem como a adequação dos sanitários e mobiliários, conforme os parâmetros estabelecidos pela NBR 9050:2020 e pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015). Essas medidas visam garantir a inclusão plena e o conforto de todos os usuários da instituição, assegurando a conformidade com as normas vigentes.

Reabilitação de Áreas Comprometidas: sugere a reconstrução do piso da quadra poliesportiva, com a aplicação de drenagem subsuperficial e de materiais resistentes à umidade, além da impermeabilização das áreas com infiltração, assegurando maior durabilidade e segurança das instalações.

O documento organiza as intervenções por ordem de prioridade, indicando as etapas emergenciais e as de médio prazo, bem como recomendações para acompanhamento técnico e manutenção preventiva. Esse plano confere ao relatório caráter executivo e funcional, permitindo que seja utilizado como base direta para futuras licitações e execuções de obras.

Em sua parte final, o relatório técnico apresenta um conjunto de anexos gráficos e complementares, como:

Planta geral da instituição com marcação das áreas críticas e pontos de drenagem;

Fotografias georreferenciadas das patologias estruturais e infiltrações;

Referências legais e normativas aplicadas.

A apresentação final do relatório foi estruturada de modo a garantir rigor técnico, clareza visual e aplicabilidade imediata. Sua linguagem é objetiva e padronizada segundo critérios acadêmicos e técnicos, o que permite sua utilização tanto como documento de estudo quanto como base prática de intervenção.

Assim, o entregável final não se limita a um diagnóstico descritivo, mas constitui um instrumento técnico e propositivo, voltado

à correção definitiva das deficiências de drenagem e acessibilidade da escola. Ele consolida um trabalho de caráter interdisciplinar, sustentado por fundamentos de engenharia civil, princípios de sustentabilidade e compromisso social com a inclusão, resultando em um material de valor técnico e institucional para a melhoria da infraestrutura escolar.

Avaliação da disciplina pela turma

A avaliação desse projeto foi de extrema importância para nós, não apenas como estudantes de engenharia, mas também como futuros profissionais que têm o compromisso de aplicar o conhecimento técnico de forma impactante na sociedade. Tendo a oportunidade de colaborar com a Escola O Semeador, que atende pessoas com deficiência, conseguimos perceber de perto os desafios que uma infraestrutura inadequada pode gerar, especialmente quando se trata de questões de acessibilidade e segurança. A questão do alagamento da quadra e da sala interditada devido à chuva se mostrou um problema grave, que afeta diretamente o bem-estar e comodidade dos alunos e funcionários. Essa experiência foi enriquecedora, pois nos permitiu entender como as soluções de engenharia podem transformar a realidade das pessoas, melhorando seu cotidiano e garantindo condições adequadas de ensino e convivência.

Trabalhar nesse projeto nos proporcionou uma visão mais clara da importância de projetar e implementar soluções sustentáveis e eficientes, levando em consideração as necessidades específicas de cada ambiente. A colaboração com a Escola O Semeador nos motivou ainda mais a buscar soluções criativas e funcionais, que não só resolvam os problemas imediatos, mas também se integrem ao contexto social e educativo da instituição. Com isso, conseguimos perceber que, como engenheiros, temos a responsabilidade de aplicar nossos conhecimentos para melhorar a qualidade de vida das pessoas, de forma ética e consciente, e que esse tipo de trabalho, de impacto social positivo, é extremamente valioso para nossa formação.

Avaliação da disciplina pela organização parceira

Do ponto de vista da Escola O Semeador, o desenvolvimento deste projeto representou uma oportunidade valiosa de trazer para o ambiente educativo um olhar técnico, capaz de identificar e propor soluções para desafios que, muitas vezes, ultrapassam a capacidade operacional da instituição. A escola reconheceu a relevância de contar com uma equipe engajada, disposta a compreender suas limitações estruturais e sua rotina específica de atendimento às pessoas com deficiência. Para a instituição, a participação dos estudantes não apenas evidenciou os pontos críticos que precisavam de atenção urgente, mas também trouxe clareza sobre caminhos possíveis para tornar os espaços mais seguros, acessíveis e funcionais.

Além disso, a Escola O Semeador enxergou no projeto uma demonstração concreta de como parcerias acadêmicas podem contribuir para transformar realidades. A instituição valorizou o comprometimento dos alunos em ouvir, observar e propor soluções alinhadas às necessidades reais do espaço escolar, reforçando a importância de iniciativas que unem educação, engenharia e responsabilidade social. Para a escola, o trabalho realizado representou um passo significativo rumo a melhorias estruturais e ao fortalecimento de um ambiente que acolhe diariamente pessoas que dependem de condições adequadas para aprender, desenvolver-se e conviver.

ANEXO 3 – Autoavaliação de Projeto de Extensão Comunitária

Autoavaliação PEC

Formulário de autoavaliação das/os estudantes que cursaram Projeto de Extensão Comunitária no segundo semestre de 2025.

Indica uma pergunta obrigatória

1. Qual foi a/o docente que acompanhou a sua turma? *

Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Angelo Marques
- ☐ Cristiane Barra
- ☐ Cristiano Cruz
- ☐ Daniel Scheffer
- ☐ Flavia Araujo
- ☐ Gabriela Mello
- ☐ José Carlos Carreira

2. Com qual parceiro a sua turma trabalhou? *

Dropdown

Marcar apenas uma oval.

- ☐ ADUS (Migrantes e refugiados)
- ☐ Arca (Crianças e adolescentes)
- ☐ CCA Izaura (UNAS Heliópolis)
- ☐ CCA São Pedro (Bompar)
- ☐ Chá do Padre
- ☐ Escola O Semeador
- ☐ ETEC São Bernardo do Campo
- ☐ ETEC Heliópolis
- ☐ Instituto João Clemente – Empreendi
- ☐ Instituto João Clemente – Familiares
- ☐ Prato Verde Sustentável
- ☐ Recifavela
- ☐ Recifran
- ☐ Reviravolta
- ☐ Teto

3. Considerando a sua presença e engajamento nas atividades de Projeto de Extensão Comunitária (reuniões, ações de campo, etc.), qual opção abaixo melhor representa a sua participação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não participei das atividades planejadas (ausência total) ou o critério não se aplica.
- ☐ Participei de poucas atividades e demonstrei desinteresse/passividade na maior parte do tempo.
- ☐ Participei ativamente da maioria das atividades, mantendo um bom nível de engajamento.
- ☐ Participei de todas as atividades e demonstrei alto nível de engajamento e proatividade.

4. Considerando o seu entusiasmo, energia e atitude positiva para realizar as tarefas em Projeto de Extensão Comunitária, qual opção abaixo melhor representa a sua motivação? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Demonstrei desinteresse ou pessimismo em relação à disciplina (N/A).
- ☐ Tive pouca motivação, realizando as tarefas de forma relutante ou pouco empolgada.
- ☐ Mantive uma atitude motivada e positiva, contribuindo para um ambiente de trabalho construtivo.
- ☐ Fui uma fonte de energia e motivação para a equipe e parceiros, inspirando o engajamento de todos.

5. Considerando o seu cumprimento de tarefas individuais e coletivas dentro do tempo acordado em Projeto de Extensão Comunitária, qual opção abaixo melhor representa o seu respeito a prazos e compromissos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não cumpri a maioria dos prazos e compromissos acordados (N/A).
- ☐ Cumpri poucos prazos e compromissos, entreguei tarefas com qualidade inferior ao exigido devido à pressa ou desinteresse.
- ☐ Cumpri todos os prazos e compromissos estabelecidos, garantindo a qualidade das entregas.
- ☐ Cumpri todos os prazos com antecedência e excelente qualidade, antecipando-me a possíveis problemas.

6. Considerando a sua colaboração, apoio e comunicação eficaz com colegas e parceiros em Projeto de Extensão Comunitária, qual opção abaixo melhor representa a sua contribuição para o trabalho em equipe? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não participei de nenhum grupo ou a contribuição foi nula (N/A).
- ☐ Tive dificuldade em colaborar, para participar precisei ser constantemente solicitado pela equipe.
- ☐ Colaborei ativamente, comuniquei-me de forma eficaz e contribuí de maneira satisfatória para os objetivos da equipe.
- ☐ Procurei promover a união, apoiando ativamente os colegas e parceiros e facilitando a resolução de conflitos.

7. Qual opção abaixo melhor representa a sua habilidade em relacionar e aplicar o conhecimento acadêmico às demandas do projeto desenvolvido em Projeto de Extensão Comunitária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não consegui estabelecer conexão entre os conhecimentos teóricos da disciplina/curso e a prática (N/A).
- ☐ Tive dificuldade em aplicar conceitos acadêmicos ou não demonstrei aprendizado significativo de novos conhecimentos.
- ☐ Consegui relacionar e aplicar o conhecimento acadêmico, contribuindo de forma prática para as ações de extensão.
- ☐ Articulei de forma brilhante o conhecimento teórico e prático, adaptando-o criativamente para gerar soluções inovadoras e efetivas.

8. Com relação à sua habilidade de se colocar no lugar do outro (comunidade, parceiros, colegas), qual opção abaixo melhor representa o seu grau de empatia em Projeto de Extensão Comunitária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não desenvolvi empatia pela realidade da comunidade ou pelos desafios dos colegas (N/A).
- ☐ Tive dificuldade em compreender as necessidades e perspectivas da comunidade ou demonstrei julgamento em algumas situações.
- ☐ Consegui ouvir e compreender as perspectivas da comunidade.
- ☐ Desenvolvi profunda empatia, usando a escuta ativa para moldar a ação de extensão e construir relações de confiança com a comunidade e parceiros.

9. Considerando a sua consciência do papel da universidade e do seu próprio papel na transformação social, qual opção abaixo melhor representa o seu grau de responsabilidade social em Projeto de Extensão Comunitária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não percebi a dimensão social do projeto ou o papel da universidade (N/A).
- ☐ Encarei o projeto apenas como uma atividade acadêmica, com pouca reflexão a contribuição para a melhoria da sociedade.
- ☐ Reconheço o compromisso social da universidade e tenho clareza sobre como minha atuação contribui para a transformação social.
- ☐ Desenvolvi uma forte consciência social, agindo de forma ética e engajada para promover a equidade e a cidadania, além do escopo da ação.

10. Considerando a sua habilidade de se expressar de forma clara, respeitosa e adaptada aos diferentes públicos, qual opção abaixo melhor representa o grau de comunicação que você desenvolveu em Projeto de Extensão Comunitária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ A comunicação foi ineficaz, confusa ou inadequada aos diferentes públicos (N/A).
- ☐ A minha comunicação foi suficiente, mas por vezes ambígua, confusa ou não adaptada ao público (acadêmicos, comunidade, parceiros).
- ☐ Consegui me comunicar de forma clara e respeitosa, conseguindo adaptar a linguagem de acordo com o público (comunidade, acadêmicos, etc.).
- ☐ Consegui me comunicar com extrema clareza, confiança, facilitando o diálogo e a compreensão entre todos os parceiros e a comunidade.

11. Considerando a sua habilidade de identificar, analisar e propor soluções criativas para os desafios encontrados, qual opção abaixo melhor representa o grau de solução de problemas que você desenvolveu em Projeto de Extensão Comunitária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não busquei soluções para os problemas ou necessitei totalmente da orientação (N/A).
- ☐ Identifiquei os problemas, mas tive dificuldade em propor soluções práticas ou fiquei excessivamente dependente dos líderes do projeto.
- ☐ Identifiquei problemas e propus soluções razoáveis, participando ativamente do processo de tomada de decisão.
- ☐ Demonstrei autonomia e criatividade, identificando proativamente os desafios e implementando soluções inovadoras e eficazes, mesmo sob pressão.

12. Qual opção abaixo melhor representa a sua percepção de como a experiência de Projeto de Extensão Comunitária contribui para o seu desenvolvimento profissional? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não vejo a experiência de Projeto de Extensão Comunitária como relevante para minha formação profissional (N/A).
- ☐ Vejo Projeto de Extensão Comunitária apenas como um item curricular, com pouca conexão com os desafios da minha futura profissão.
- ☐ Consegui identificar claramente como as habilidades e conhecimentos adquiridos serão importantes e aplicáveis na minha futura atuação profissional.
- ☐ Demonstrei uma reflexão profunda, integrando a experiência de Projeto de Extensão Comunitária como um diferencial ético e prático essencial para a minha carreira e para a minha visão de mundo.

13. Qual opção abaixo melhor representa a sua percepção da contribuição do projeto e da sua atuação para a melhoria da vida da comunidade com que você atuou em Projeto de Extensão Comunitária? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não reconheço impacto social no trabalho que desenvolvi.
- ☐ Reconheço o impacto, mas não consigo descrever como a minha contribuição individual fez a diferença para a comunidade.
- ☐ Consigo identificar e descrever o impacto gerado pelo projeto na comunidade e reconheço minha contribuição para esse resultado.
- ☐ Tenho clareza total sobre o impacto social alcançado e sobre minha contribuição específica, propondo formas de potencializar o resultado futuro.

14. Qual opção abaixo melhor representa o seu sentimento de realização e valorização da experiência de Projeto de Extensão Comunitária como um todo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ A experiência foi negativa e insatisfatória (N/A).
- ☐ A experiência foi neutra ou levemente insatisfatória, não atingindo as minhas expectativas.
- ☐ A experiência foi positiva e enriquecedora, sinto-me realizado e valorizando o aprendizado.
- ☐ A experiência superou as minhas expectativas, sendo altamente satisfatória, motivadora e uma das mais importantes da minha trajetória acadêmica até aqui.



Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações 4.0 Internacional

Esta licença permite o download e compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-los ou utilizá-la para fins comerciais.